

200205809

ANA SILVIA ANDREU DA FONSECA



## **Além da “inadequação gramatical”**

*visão discursiva das instabilidades do “eu” em aprendizes de Português L2*

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Mabel Serrani-Infante.

Unicamp

Instituto de Estudos da Linguagem

2000

UNIDADE BC  
N.º CHAMADA:  
UNICAMP  
F733a  
V. Ex  
TELEFONO BC/ 47406  
PROD. 837102  
C. D.   
PREÇO R\$ 11,00  
DATA 04-02-02  
M.º CPD

CM00163078-2

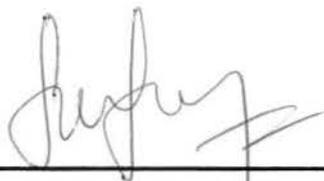
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

F733a Fonseca, Ana Silvia Andreu da  
Além da "inadequação gramatical": visão discursiva das instabilidades do "eu" em aprendizes de português L2 / Ana Silvia Andreu da Fonseca. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: Silvana Mabel Serrani-Infante  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lingüística aplicada - Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Ensino para estrangeiros. 3. Análise do discurso - Estudo de casos. 4. Imaginário. I. Serrani-Infante, Silvana Mabel. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Banca Examinadora



---

Profa. Dra. Silvana Mabel Serrani-Infante – Orientadora

---

Profa. Dra. Bethania Sampaio Corrêa Mariani

---

Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

---

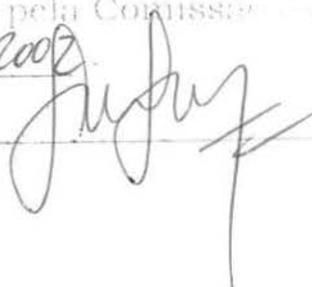
Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro - Suplente

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por ANA SILVIA

ANDREU DA FONSECA.

e aprovada pela Comissão Examinadora

25/01/2002



*Aos meus pais e ao meu país.*

### Agradecimentos

À Silvana, que me mostrou, através de nossas próprias ressonâncias, que o termo “orientadora” tem muito mais significados do que se supõe.

Aos alemães e ao suiço que ousaram fazer-se de “objeto” deste trabalho (brasileiro) e, de maneira geral, a todos aqueles que foram ou ainda serão meus alunos.

A Karin Lasch e Paulo Ortega – do Deutsches Kultur Zentrum – por terem me colocado nessa profissão.

Ao Nelson Bolognini Jr. - da APEL – por ter sido, nem sempre ao mesmo tempo, meu professor, coordenador, colega de trabalho, de universidade, e sobretudo interlocutor.

Aos professores Daniel Coste (École Normale Supérieure de Paris), Christian Degache e Francis Grossmann (Universidade de Grenoble III) por suas impressões e sugestões.

Aos argentinos que receberam de mentes abertas meu trabalho, na ocasião do Congresso Internacional Universos da Língua Portuguesa em Buenos Aires, sobretudo Patrícia Franzoni, Carlos Rafael Luís, Carmen Fernández e Claudia Tizzado.

A todos os colegas e amigos que contribuíram dos mais variados modos – com traduções, indicações, apoio operacional e “interlocução”: Anisha Vetter, Carolina Altavini, Eduardo Stefani, Eliana Vidotto e Lílíana Abeid – da APEL; Carmen, Deborah, Heidi, Maralice, Sérgio e Wilton – do grupo de pesquisa Discursividade em Segundas Línguas (Unicamp/CNPq); os orientandos de M.J. Coracini – do Seminário Avançado em LA; Ricardo Cavalcanti – do Museu Nacional-RJ; e mais Felipe Arancibia, Paulo Monteiro, Klara Schenkel, Maria Inês Leal, Maria Eugênia Nogueira, Markus e Christoph Lasch (além do apoio, por suas presenças).

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

À comunidade da Unicamp, em especial a do Instituto de Estudos da Linguagem, seus alunos, funcionários e adjacentes.

Aos professores do IEL-Unicamp que, desde meu curso de graduação, foram/são presenças da minha formação, dentre os quais destaco: Modesto Carone, Haqira Osakabe, Elza Doi, Paulo Franchetti, João Wanderley Geraldí, Rodolfo Ilari, Lúcia Bastos, Paulo Vasconcellos e sobretudo Francisco Foot Hardman - que, no período em que orientava minha Iniciação Científica, declarou-me:

*“o caminho da perfeição é cheio de erros”.*

*O eu da língua estrangeira não é, jamais,  
completamente o da língua materna.*

**Christine Revuz**

*“A língua estrangeira entre o desejo  
de um outro lugar e o risco do exílio” (1998)*

### Resumo

*Este trabalho observa o que tem sido tratado pela Lingüística teórica e aplicada por “erro”, “falta” ou “falha” nas enunciações em L2/LE e que aqui é tratado por “não-correspondência”. Focalizamos as não-correspondências entre pronome pessoal do caso reto e pessoa-verbal em enunciados de falantes de alemão língua-materna em contexto pedagógico de Português para Estrangeiros. Trata-se de observar, através da Análise do Discurso, as relações existentes entre tais não-correspondências e as condições de produção dos enunciados onde ocorrem. Destacam-se para tanto as relações imaginárias estabelecidas entre aquele que enuncia em Português Língua-Outra e o objeto imaginário tido como Brasil ou o brasileiro, bem como a língua em que ora enuncia e o referente da enunciação. Partindo da concepção de “sujeito”, observamos os momentos em que tais não-correspondências cortam verticalmente a linearidade da cadeia discursiva, cedendo espaço a um “outro” enunciador, possivelmente decalcado das imagens feitas pelo *eu* dessa/nessa língua-cultura-outra. Dessa forma, são verificados enunciados do tipo “eu *foi* o chefe” ou “quando você *vejo* um brasileiro” mesmo em falantes proficientes de Português, aqueles que moram no Brasil há no mínimo seis meses, cursando aulas individuais e participando dessa realidade sociodiscursiva. Os estudos de casos estão baseados em um *corpus* complexo, formado por fatos lingüístico-discursivos advindos de gravações em áudio em contexto pedagógico e de entrevistas com os alunos. Com isso não apenas as imagens que o estrangeiro faz da língua-cultura em questão são levantadas, como também as identificações e territorializações com as quais ele atravessa o processo de tomada de palavra e de posição são – via ressonâncias discursivas – apreendidas.*

Abstract

This work points out what has been approached by theoretical and applied linguistics as “mistake”, “fault”, “lack” or “fail” in 2L/FL enunciation and that will be approached here as *no-correspondence*. Focusing no-correspondence between personal pronoun (direct case) and verbal-person in enunciation of German mother-language speakers at pedagogical context of Portuguese foreigners. It deals about observing through discourse analysis, the relations between these no-correspondences and the production conditions of enunciation. Then we must detach the established imaginary relations among who enunciates in Portuguese other-language, the imaginary object understood as Brazil or Brazilian, as well as the language that is enunciated and the enunciation reference. From the conception of *subject*, we observe the moments in which these no-correspondences vertically cut the linearity of discursive chain, allowing *another* enunciator, probably traced by images done by the *self* in that language-culture-other. Hence, enunciation as “I *were* the boss” or “when he *see* a Brazilian guy...” even in Portuguese proficient speakers, those who live in Brazil since at least six months, having particular lessons and sharing the social-discursive reality. The case-studies are based on a complex *corpus*, formed by linguistic discursive facts from audio recordings in pedagogical context and from interviews with students. Then, it is not only possible to raise images that the foreign forms about the language-culture in question, but also the apprenticeship – means discursive resonance – of identifications and *growing-grounding* from which he crosses the process of taking the word and position.

## Índice

<i>Introdução: Da prática à teoria e da teoria à prática.....</i>	<i>17</i>
 <i>Capítulo I: Sobre “erro” e “pessoa gramatical”</i>	
<i>I.a. A questão que se coloca como “erro”.....</i>	<i>21</i>
<i>I.b. Algumas considerações sobre “erro” na literatura especializada.....</i>	<i>26</i>
<i>I.c. A noção de “erro” em alguns estudos de aquisição de linguagem.....</i>	<i>31</i>
<i>I.d. “Persona”: sobre a pessoa gramatical.....</i>	<i>35</i>
 <i>Capítulo II: Uma abordagem discursiva das “inadequações gramaticais”</i>	
<i>II.a. Da necessária consideração do Inconsciente e da Ideologia.....</i>	<i>41</i>
<i>II.b. Não-correspondências entre a pessoa pronominal e a verbal.....</i>	<i>44</i>
<i>II.c. Não-correspondências de pessoa e ressonâncias discursivas.....</i>	<i>48</i>
 <i>Capítulo III: Estudos de Caso</i>	
<i>III.a. Considerações iniciais.....</i>	<i>55</i>
<i>III.b. Os enunciadores em questão.....</i>	<i>58</i>
<i>III.c. “Dok” – um caso de identificação com o trabalhador do Brasil.....</i>	<i>59</i>
<i>III.d. “Tüp” – uma prova de que o inconsciente não é nem xenóforo nem nacionalista.....</i>	<i>62</i>
<i>III.e. “Hef” – um exemplo de identificação com o ambiente: as vastas paisagens e o “brazilian way of life”.....</i>	<i>66</i>

*Capítulo IV: Subjetividade, Emunciação em L2 e Imaginário*

<i>IV.a. O Sujeito.....</i>	<i>71</i>
<i>IV.b. Não-coincidências do dizer em processo de tomada de palavra em L2.....</i>	<i>75</i>
<i>IV.c. Considerações acerca da visão de Freud sobre os atos falhos da língua.....</i>	<i>81</i>
<i>IV.d. Pêcheux e o reconhecimento de que não há ritual sem falhas.....</i>	<i>85</i>
<i>IV.e. O Imaginário.....</i>	<i>88</i>

*Capítulo V: As não-correspondências e as Identificações Imaginárias*

<i>V.a. Algumas palavras sobre “descrição” e “interpretação”.....</i>	<i>99</i>
<i>V.b. As identificações imaginárias.....</i>	<i>100</i>
<i>V.c. Não-correspondências do tipo “eu=outro”.....</i>	<i>101</i>
<i>V.d. Não-correspondências do tipo “outro=eu”.....</i>	<i>117</i>
<i>V.e. Concomitância e/ou alternância entre não-correspondências dos tipos “eu=outro” e “outro=eu”.....</i>	<i>121</i>

*Capítulo VI: Considerações relativas a práticas pedagógicas.....*

<i>VI.a. Atividades sobre texto de Millôr Fernandes.....</i>	<i>128</i>
<i>VI.b. Atividades a partir de texto de Sérgio Buarque de Holanda.....</i>	<i>131</i>
<i>VI.c. Algumas observações relativas à prática pedagógica.....</i>	<i>133</i>

*Capítulo VII: Considerações finais.....*

<i>Anexo: Comparação com o sistema da língua alemã.....</i>	<i>143</i>
---	------------

<i>Bibliografia.....</i>	<i>147</i>
--------------------------	------------

## Introdução

### Da prática à teoria e da teoria à prática

Desde setembro de 1992, quando comecei a ministrar cursos de Português para Estrangeiros, tenho observado um fenômeno que, além das típicas dificuldades lingüísticas e socioculturais compartilhadas em menor ou maior grau pelos alunos, tem se constituído como o mais instigante ponto em comum entre eles e que mostrou-se imprescindível de ser analisado: a instabilidade do “eu”, ou seja, *não-correspondências* entre as marcas pessoais do pronome do caso reto e do verbo. Explico: em determinado ponto do aprendizado, ironicamente quando os aprendizes já alcançaram uma relativa proficiência em Português - na fase da *tomada de palavra* (Serrani-Infante: 1998a) -, começa a surgir em seus enunciados a conjugação de verbos na 3a. pessoa, mesmo que o pronome reto anunciado tenha sido o de 1a. pessoa. Como resultado são enunciadas sentenças como “os brasileiros foram muito gentis simplesmente porque eu foi o chefe”. Em outros casos, mais raros, embora o pronome esteja na 3a. pessoa, a conjugação aparece na 1a.: “Quando você vejo um brasileiro (...)”. Outras não-correspondências da pessoa verbal com o que cumpria a função de sujeito da oração podiam ser observadas: por exemplo, “coisas que me enervo”.

Pelo de os alunos em questão terem o alemão como língua materna, em outros momentos de seus enunciados em contexto pedagógico podíamos observar instabilidades do “eu” também na não-correspondência entre o gênero do adjetivo e pessoa a que se refere (por exemplo, quando um homem diz “estou tão boba”), bem como uma série de outros

“desvios à norma” que poderiam ser considerados previsíveis dadas as diferenças entre o Português e a língua materna – “contaminações” de todos os tipos; “trocas” de gênero em pronomes, adjetivos e substantivos; “falta” de concordância verbal e nominal; “escolha” lexical decalcada de falsos cognatos, sobretudo em relação a alguma outra segunda língua que o aluno por ventura domine; etc.

Todas essas não-correspondências, entretanto, eram sanadas, ou pelo menos consideravelmente minimizadas, com menor ou maior quantidade de tempo através de práticas específicas em sala de aula e de uma maior exposição do aprendiz à língua portuguesa aqui praticada, dentro ou fora de contexto pedagógico. As não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal, porém, não só mantinham-se ao longo do processo de tomada de palavra como, em muitos casos, acentuavam-se, independentemente das práticas em sala de aula contemplarem sua especificidade. Algo ia mal no reino das gramáticas pedagógicas. E eu relutava, desde o princípio, em ver tais não-correspondências como meros “erros” ou “inadequações gramaticais”. Enquanto isso, já passando do papel de professora para o de pesquisadora, eu perguntava-me: considerando que em praticamente todos os casos observados o pronome pessoal do caso reto está de acordo com a pessoa a qual refere-se, por que há certa instabilidade na pessoa verbal? Por que justamente no verbo?

O verbo estaria indicando a *ação* ou o *processo* de *estar* no Brasil, de *falar* Português, de *ser*, aqui, um estrangeiro? Parece-nos, portanto, que qualquer instabilidade no próprio “eu” que se enuncia em primeira pessoa nesta língua e nesta cultura estaria ressoando não na obviedade do pronome pessoal, mas na sutileza da marca pessoal do verbo conjugado. Assim, a instabilidade do “eu” estaria limitada à questão gramatical ou

relacionaria-se sobremaneira ao encontro - ou confronto - daquele que enuncia nessa língua com a comunidade que a faz viver? Para iniciar nossa investigação, no Capítulo I do presente trabalho observamos, através de artigos em revistas especializadas, como, em trabalhos dos estudos da linguagem, principalmente do campo aplicado, têm sido tratadas as aqui chamadas “não-correspondências entre pessoas pronominal e verbal” e quais têm sido as perspectivas de abordar aquilo que seria “errado” em sala-de-aula de Língua Segunda ou Estrangeira.

No Capítulo II propomo-nos a uma abordagem discursiva da observação das não-correspondências entre as marcas pessoais do pronome reto e do verbo e, na seqüência, no Capítulo III – seção “a”, propomo-nos a investigar as questões relativas ao *imaginário* - às representações feitas pelo estrangeiro dos *objetos imaginários* tidos por “Brasil”, por “brasileiro” e pela língua aqui praticada. Pois seria preciso observar aquele que se autoriza a falar em primeira pessoa nessa língua que não é a sua materna enquanto *sujeito*. Não um sujeito pleno, dono de seu dizer - pois, se assim o fosse, poderia controlar a conjugação da pessoa verbal em vez de mostrar-se instável -, mas antes um sujeito constituído sociohistoricamente e que, através do lapso, prova-se clivado pelo inconsciente. O Sujeito, portanto, é tema da seção “b” do Capítulo III.

Na seqüência de nosso trabalho, na seção “c” do Capítulo III, lançaremos o olhar sobre as não-coincidências do dizer e suas implicações para o ensino/aprendizagem de segundas línguas, bem como aos processos identificatórios e desidentificatórios do sujeito quando em processo de inscrição em uma segunda língua-cultura. É a partir desse ponto que, na seção “d” do Capítulo III, já percorridos os caminhos do sujeito e de suas relações imaginárias, traremos para a discussão alguns pontos pertinentes da psicanálise freudiana

sobre a questão do *lapsus* e do *erro*, assim como da análise pècheuxtiana sobre *aquilo que falha*. A seguir, no Capítulo IV, operando com a noção de Ressonância Discursiva de Significação (Serrani-Infante: 1991), analisaremos não-correspondências obtidas em três estudos de caso. Os fatos lingüístico-discursivos observados nos estudos provêm de gravações em audio de situações em sala-de-aula e de entrevistas com os três sujeitos-alunos sobre suas inscrições em segundas línguas e segundas culturas.

Este trabalho, portanto, constitui-se como uma pesquisa pré-didática. Esforçaremos em apontar perspectivas e alinhamentos para a fase didática. Nosso estudo pretende contribuir, no final de seu percurso - se é que há um “final” em pesquisas deste tipo -, em implicações para se pensar e refletir a própria didática de segundas línguas no que se refere tanto à não gratuidade dos “erros” dos aprendizes quanto às representações que estes fazem dos objetos (imaginários) envolvidos no processo de inscrição em segunda língua-cultura.

## Capítulo I

### Sobre “erro” e “pessoa gramatical”

#### *Ia. A questão que se coloca como “erro”*

Neste capítulo exporemos, sobretudo através de resenhas críticas, algumas hipóteses da Lingüística teórica e aplicada que abordam e tentam explicar a ocorrência dos “erros”. Segundo os autores, aquilo que se apresenta “errado” em enunciados tanto de aquisição de língua materna quanto de estrangeira ou segunda estaria satisfazendo uma demanda interna (em termos cognitivos ou subjetivos, dependendo do autor e de seu embasamento teórico) ou externa (em termos morfosintáticos ou contextuais/pragmáticos/discursivos) ao próprio enunciador. É o que podemos observar nas resenhas mais à frente e nas seguintes hipóteses:

Hipótese 1: No conceito cognitivista de *mapeamento*<sup>1</sup>, a linguagem vem cobrir um conceito já existente. Assim, uma criança em fase de aquisição de linguagem pode, através da memorização de enunciados repetidamente ouvidos, produzir conjugações-padrão do tipo “nós vamos” ou “eu fiz”. Já num segundo estágio, na fase de construção da linguagem, ela produziria “nós vai”, “eu fazi” ou “eu fazei”, onde seus próprios esquemas estariam funcionando sozinhos, como na regularização dos verbos irregulares (beber-bebi, fazer-fazi). É somente num terceiro estágio, onde a criança já identificou e esquematizou as diferenças e irregularidades, que ela volta a produzir “nós vamos” e “eu fiz” mas, ao contrário do estágio inicial, agora em produção espontânea e não mais por mera imitação ou memorização. Gráficamente, esse processo é representado pela curva em “u” (ou “v”):



Assim, da mesma maneira, falantes estrangeiros do Português poderiam passar por processo semelhante. E inclusive o gráfico poderia ser o mesmo:



Na Língua aplicada ao ensino/aprendizagem de LE/L2 há a teoria da *interlíngua* paralelamente ao conceito de mapeamento. Segundo McLaughlin (1987), o termo foi criado para referir-se às grâmaticas interinas criadas por alunos de L2 no caminho da língua-alvo. Os autores citados por McLaughlin a chamam de *sistema aproximativo* e de *competência de transição*. De qualquer maneira, haveria por trás da interlíngua cinco processos cognitivos: transferência da LM para a L2; transferência de partes do processo de ensino; estratégias de aprendizagem de L2; estratégias de comunicação em L2; e

---

<sup>1</sup> Para maiores referências: Slobin (1971).

supergeneralização do material lingüístico da língua-alvo. Outros lingüistas adicionaram um ponto de vista sociolingüístico, considerando a interlíngua uma variedade de estilos que podem ser usados em diferentes contextos sociais.

A noção de interlíngua, quando introduzida no começo dos anos 70, era uma reação às visões predominantes sobre o aprendizado de L2 (a saber: a teoria do neobehaviorismo e a análise contrastiva). Estudando forma e função, alguns autores observaram que o aluno responde usando marcas da fala do interlocutor. Por conter - ou poder conter - marcas tanto da LM quanto da L2, a interlíngua estaria portanto fora das regras do que seria “correto” em ambas as línguas, mesmo que, ela própria, tenha seu próprio sistema de regras ou de possíveis variações. A interlíngua estaria ligada, em sua existência, a uma fase do aprendizado. Ela seria uma competência de *transição*.

Mas grande parte dos estrangeiros continua, em alguns momentos, produzindo a conjugação da terceira pessoa (“eu falou”) mesmo depois de, seguramente, já terem alcançado o terceiro e último dos estágios previstos mais acima e de habitarem terras brasileiras há um ou dois anos onde, além do curso regular de Português, encontram-se totalmente imersos nos mais variados contextos de produção e recepção oral e escrita - é o caso do enunciador de “eu foi o chefe”, exemplo de nosso *corpus*. E, com relação à interlíngua, seria ingênuo acreditar que no estágio em que os aprendizes em questão encontram-se, ela se fizesse presente nas desinências pessoais de verbos regulares ou de irregulares extremamente recorrentes (como o “ser”). Outro fato que nos faz descartar a hipótese da interlíngua em nossas observações é a falta de relação entre as desinências produzidas pelos aprendizes em Português e o sistema da língua materna<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A língua alemã não mantém as diferenças de marcas pessoais somente em seis verbos, os modais – *dürfen* (“poder”, no sentido de “ter licença/autorização de”), *können* (“poder”, no sentido de “ter a possibilidade de”),

Em todo caso, a inviabilidade da hipótese 1 deixa-nos um fio solto, uma pista a ser contemplada posteriormente: essa “falha” da pessoa-verbal continua ocorrendo, mesmo nos alunos proficientes ou fluentes, **em alguns momentos**. A questão que fica é: **quais seriam os momentos em que há não-correspondência da pessoa gramatical?** Ou, melhor formulando, **é possível estabelecer uma regularidade?**

Hipótese 2: Mantendo a interlíngua por base, os enunciados que o aluno mais escuta, sobretudo em sala-de-aula, vêm carregados de conjugações na terceira pessoa: “o que você fez no fim-de-semana?”, “você ficou doente?”, “o que você tem?”. Além do mais, essa conjugação seria a mais ouvida pelo estrangeiro uma vez que, em grande parte do Brasil, ela se refere a vários pronomes retos: “você”, “ele”, “ela” e “a gente” (no sentido de “nós” informal). Esse “*input*”<sup>3</sup> excessivo em termos de terceira pessoa estaria orientando a formação de um “*output*” semelhante: “eu não fez nada”, “eu ficou doente”. Agora perguntamos: bastariam as considerações acerca da “imperfeição” e “incompletude”<sup>4</sup> do “*input*” como explicação às nossas observações?

Primeiramente, colocar o “*input*” como causador único ou principal das não-correspondências não se sustenta uma vez que nele está igualmente o pronome reto correspondente à pessoa verbal: “você ficou”, “você fez”. Como então explicar o fato de apenas um elemento do “*input*” transformar-se em “*output*”? É certo que, no caso, poderíamos considerar o verbo conjugado como sendo mais sutil do que o pronome. Isto é, nenhum falante de qualquer língua estrangeira cometeria, frequentemente, o “crime” de

---

*müssen* (“ter que”), *sollen* (“dever”), *mögen* (“gostar”) e *sein* (“ser/estar”) - onde primeira e terceira pessoas do singular têm a mesma desinência; enquanto a segunda pessoa é diferenciada. Em todos os outros verbos, porém, todas as pessoas são marcadas por desinências próprias.

<sup>3</sup> Como, em nossa proposta de trabalho, a subjetividade de um enunciador não deve ser considerada um computador, achamos inadequado o uso dos termos *input* e *output*. Porém, iremos mantê-los dentro dos limites desta hipótese a fim de melhor caracterizá-la, pois o termo é empregado nessa linha de abordagem.

<sup>4</sup> Para maiores referências: Chomsky (1980).

trocar o “eu” pelo “tu” ou, no caso, pelo “você” ou “ele”, “ela” ou “a gente” - pelo menos naquelas em que esta diferença for óbvia! Há então um certo controle consciente por parte do enunciador ao enunciar-se que garante o óbvio mas que falha no sutil.

Em segundo lugar, nos estágios mais proficientes não há mais, nesse sentido, tanta dependência do “*input*”. Por que, ao já se ter atingido uma certa autonomia, manter-se ancorado à “imperfeição” e “incompletude” do “*input*”? E, finalmente, em terceiro, os conceitos de “imperfeição” e de “incompletude” são para nós tão suspeitos quanto os de “perfeição” e “completude” do “*input*” ou qualquer outra abstração do tipo “falante ideal”. Mas a inviabilidade da hipótese 2 lança-nos a uma nova pista: **há um controle consciente por parte do enunciador ao enunciar-se, mas ele é apenas relativo.** E a questão resultante: **quais fatores, subjetivos mas não só – pois a ordem dos condicionamentos sócio-históricos também incidem -, estariam por vezes influenciando o enunciador enquanto enunciado?**

Hipótese 3: O problema com relação à pessoa-verbal do aprendiz corresponderia a uma mera falha metodológica do curso e conseqüentemente do aprendizado. Isto é, seria uma falha sistêmica combatível com exercícios do tipo *drill* que, por seu valor profilático, “limpariam” as conjugações incorretas da produção oral do aprendiz<sup>5</sup>.

Embora seja possível perceber em algum ponto dos cursos determinados aspectos ainda não contemplados metodologicamente ou ainda não devidamente fixados, só poderíamos aceitar esta hipótese caso a “intervenção médica” citada acima cumprisse seu papel profilático e fizesse com que o aprendiz não mais trocasse as desinências da primeira

---

<sup>5</sup> Com relação a isso, Sírio Possenti lembra-nos da profa. de ensino básico que, frente ao “cabeu” tantas e tantas vezes proferido por um aluno, obriga-o a escrever cem vezes “côube” em uma página. Ao receber a tarefa de volta, a profa. questionou o fato de 99 vezes a palavra estar em um lado da folha e apenas uma no outro lado. O aluno, obviamente, respondeu: “porque não cabeu!”.

e da terceira pessoas. Mas essa intervenção tem se mostrado pouco satisfatória e, além do mais, não considerariamos trocas desse tipo como sintomas de alguma “praga” ou “doença” a serem combatidas, em nossa simbologia, “química” ou “cirurgicamente”. Ao contrário, nossa tendência é buscar ver nessas falhas algum indicativo, saudável, dos processos inconscientes do sujeito quando atravessado por uma nova realidade sociodiscursiva. Realidade esta que faz emergir aspectos até então controlados em língua materna mas que, colocados agora em uma nova materialidade, encontram-se, por um lado, órfãos e, por outro, livres - o que ilustra as palavras de Revuz (1998): *“a língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.”*

#### ***Ib. Algumas considerações sobre “erro” na literatura especializada***

As aqui chamadas não-correspondências têm sido tratadas pela Linguística Teórica e Aplicada como “erro” e “falha”, é o que podemos observar nos artigos publicados em revistas especializadas que comentaremos a seguir. Antes é preciso dizer que em todos procurei observar como as não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal por exemplo, são chamadas e, por consequência, consideradas.

Obviamente precisamos ter em mente que quando um aluno cuja LM é a alemã, que ainda não foi conscientemente exposto ao Modo Subjuntivo do Português, diz “quando eu sou você, eu vou viajar para a praia”, sabemos que ele não pronunciou “se eu fosse você eu viajaria / ia viajar” por desconhecer tal forma e portanto não consideramos tal ocorrência como simples “erro”, e sim como insuficiência de material na língua em que ele ora enuncia<sup>6</sup>. O que poderia vir a ser chamado de “erro” é a utilização de um elemento onde se

---

<sup>6</sup> Lembremos que em alemão, além da questão verbal, “se” e “quando” são representados, numa estrutura desse tipo, pela mesma conjunção (*wenn*).

esperaria outro, sendo que ambos já tenham sido expostos e diferenciados na prática pedagógica e, a bem da verdade, já tenham sido utilizados corretamente e espontaneamente pelo aluno ao menos em contexto pedagógico.

Nos artigos a que me refiro a seguir também procurei observar quais tipos de “erros” são analisados, sobretudo aqueles que dizem respeito às não-correspondências entre pronome reto e pessoa-verbal e, inspirando-nos em Authier-Revuz (1998) às não-coincidências *interlocutiva* e *entre as palavras e as coisas*; e como eles seriam tratados em sala-de-aula. Além do mais, preoquei-me em observar se a consideração dos “erros” estabelece alguma relação com *subjetividade*, *imaginário*, *inconsciente* e *ideologia*.

Os artigos primam por caracterizar as não-correspondências como “erros”, “faltas” ou, ainda, “fenômenos” e “anomalias linguísticas” em L2. Esses tratamentos já indicam-nos que, embora os “erros” dos aprendizes de línguas tenham ganhado uma relativa projeção nos estudos da área, pouco foi feito em direção a problematizar mais profundamente os processos enunciativos envolvidos e as estratégias de aprendizagem ou de não-aprendizagem.

Há indicativos muito interessantes sobre as possíveis origens de não-correspondências dos mais variados tipos, entretanto todos giram em torno das gramáticas pedagógicas, do que elas estabelecem de contato com o sistema da língua materna e da metalinguagem. É esse diretamente o caso dos trabalhos de Pendanx (1989), Lennon (1991), Beacco (1993) e Stockman & Pluut (1999). A segunda maior preocupação dos autores tem sido com dois outros aspectos: até que ponto tais “erros” interferem na comunicação - é o caso de Pendanx (1989) e sobretudo Lennon (1991) e Rifkin & Roberts (1995) - e como tratá-los em contexto pedagógico - destaque para os textos de Lyster & Ranta (1997) e Lyster (1998).

Dois trabalhos, porém, destacam-se no geral de nossas observações. No primeiro, Stirman-Langlois (1995) parece apontar para a direção que nos interessa: haveria na origem de “erros”, dentre outros fatores, interferências lingüístico-culturais; características de aprendizagem (aqui incluiríamos fatores subjetivos no ensino/aprendizagem de línguas); disfunção nos níveis psicológicos, afetivos ou cognitivos (a autora, citando aqui, por exemplo, “canais sensoriais” e “ativação de imagens mentais”, remete-nos a pensar nos aspectos pré-conscientes e inconscientes do sujeito quando em contato com uma nova realidade sociodiscursiva e de seu acesso a um imaginário que possibilite a atribuição de novos sentidos); momento de deslocamento do aluno (embora aqui tal deslocamento seja observado apenas em relação à classe ou ao professor, acreditamos que deva ser observado também em relação à posição enunciativa com a qual dá-se início ao processo de aprendizagem e à sua conseqüente mudança), e a representações (por nós julgadas “imaginárias”) do professor, da língua, de si mesmo, do grupo, da formação e do contexto no qual se inscreve.

Por momentos Stirman-Langlois parece dirigir-se à observação de que o “erro” não é somente um “desvio à norma”, porém, ao final, conclui que erros ligados à insuficiência ou limites metodológicos integram a maioria dos fatores precedentes. Em todo caso, houve a sinalização de que algo além dos limites pedagógicos estaria mostrando-se nas por mim chamadas não-correspondências.

O outro texto que nos chama a atenção por sua contribuição aos rumos das pesquisas em Lingüística Aplicada no que se refere ao estudo de “inadequações gramaticais” é o de Castro & Doi (1995). Além das autoras trazerem à discussão um autor que foi pioneiro na importância da observação do “erro”, Frei (1929), primam por afirmar o quanto os “erros” podem revelar sobre a linguagem no que diz respeito aos processos

envolvidos no uso da língua pelo falante.

O autor por elas citado, Frei, contribui não só pelo pioneirismo em observar “erros”, mas também por rejeitar uma posição normativista e por ver neles recursos que atendem a certas necessidades ou funções gerais no uso da linguagem. Embora não caracterizemos nossa visão como funcionalista, acreditamos, como Frei, Castro e Doi, que as não-correspondências vêm atender a certas necessidades, mas, em nossa visão, a certas necessidades do sujeito que enuncia em uma língua-outra e que, dessa maneira, mostraria-nos algo sobre suas estratégias de aprendizagem e não-aprendizagem. Tais necessidades girariam assim em torno da nova posição enunciativa e do que a partir dela mobiliza-se no sujeito.

Entendemos que o processo de tomada de palavra em língua-outra corresponde a um processo de tomada de posição enunciativa (Serrani-Infante: 1998a). É a partir desse ponto que vemos a necessidade de observar aquele que toma a palavra e a posição como um sujeito constituído sociohistoricamente e mobilizado pelas relações imaginárias que ele estabelece com as formações discursivas - assim definidas por constituírem-se enquanto *espaços de reformulações-paráfrases*<sup>7</sup> - que permeiam sua posição enunciativa nessa língua-cultura outra.

Os trabalhos comentados acima, mesmo contribuindo para os estudos acerca da aquisição de línguas, não centram suas observações naquele que enuncia em primeira pessoa - *eu* - enquanto sujeito, em sua constituição sociohistórica, discursiva e inconsciente. Esses estudos, portanto, não consideram que a produção do sujeito é atravessada pelo *interdiscurso* (Pêcheux: 1995). Em nosso caso específico, centralizaremos os estudos de caso numa articulação entre as não-correspondências e o sujeito que as enuncia - sua

posição enunciativa, a rede das relações imaginárias da qual participa e suas identificações. Nossa tomada de posição na trilha de uma concepção psicanalítica e discursiva do sujeito não impede-nos, entretanto, de concordar com vários pontos destacados pelos autores comentados, mesmo que não contribuam diretamente às nossas observações.

Sobre o trabalho de Lennon (1991) consideramos que nem sempre é possível definir exatamente o que é “errado” e o que não é; que os “erros” são necessários para o desenvolvimento lingüístico; e que há erros, globais, que afetam a compreensão da idéia como um todo enquanto outros, locais, não. Como Beacco (1993), acreditamos que explorar o território do ensino / aquisição de línguas é uma intervenção social.

Stockman & Pluut (1999) contribuem, como também Beacco, na sinalização de que a interferência da língua materna provocaria certas “inadequações gramaticais”. Sobre esta afirmação, especificamente, acreditamos que a interferência da língua primeira ocorreria de maneira diversa nos diferentes aprendizes com os quais nos confrontamos, daí a necessidade de não ficarmos presas apenas na interferência da língua materna mas sim de explorar os fatores subjetivos que a testemunham.

Como Rufkin & Roberts (1995) acreditamos que deve ser observado o contexto em que tais não-correspondências ocorrem. É o que pensamos realizar através de um estudo da repetibilidade de, por exemplo, itens lexicais ao longo dos enunciados que apresentem não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal. Também concordamos com Lyster & Ranta (1997) no que se refere à percepção de que há muito pouca literatura para auxiliar os professores de segundas línguas sobre como lidar com os erros dos alunos e com Lyster (1998) sobre a necessidade de, em algum momento, confrontar os alunos com seus erros de modo que revisem suas hipóteses e processualizem o conhecimento da língua-alvo em

---

<sup>7</sup> Pêcheux: 1995, p.172.

forma declarativa - o que, em nossa concepção, poderia produzir uma tomada de consciência, por parte do sujeito, com relação às condições de produção que o impeliram a não sustentar-se enquanto 1ª. pessoa do singular ao longo da cadeia discursiva. Concordamos sobretudo com Castro & Doi no que se refere ao fato de que os “erros” podem revelar sobre a linguagem no que diz respeito aos processos envolvidos no uso da língua pelo falante - ou seja, em nossa compreensão, aos processos discursivos que estão em jogo, no sujeito, quando em tomada de palavra e de posição em língua segunda.

### *I.c. A noção de “erro” em alguns estudos de aquisição da linguagem*

Outros autores trabalham indiretamente com a noção de “erro”, sobretudo em língua materna. Destaco nesse caso, primeiramente, as observações de Possenti (1996) e de Pereira de Castro (1997) como pertinentes ao nosso trabalho. O primeiro, tomando por base o (não) ensino de gramática na escola, vai pontuar que “*sendo a língua uma realidade essencialmente variável, em princípio não há formas ou expressões intrinsecamente erradas*” (p.86). Embora a questão das variantes abordada pelo autor não seja comparável ao nosso estudo das não-correspondências, é interessante observar que Possenti, assim como nós, acredita que seria ingênuo supor que formas inadequadas do tipo ortográficas - ou gramaticais em sentido mais amplo: concordância, regência etc. - “*se eliminam por exercícios*” (p.97) - fato que verificamos em nossas observações no processo de aprendizagem em línguas segundas e estrangeiras (cf., p.ex., Revuz: 1998)<sup>8</sup>.

O segundo trabalho (Pereira de Castro: 1997) observa algumas ocorrências de “erros” durante aquisição da linguagem - LM - pela criança. Em dado caso, aquele que

---

<sup>8</sup> Há diferenças do que fala o autor (sobre ensino de LM) e ensino de L2, uma vez que este último está mais centrado no “sistema”. Mesmo assim, antes de pensar em “exercícios”, pensamos em “prática”.

enuncia um “erro” não parece tocado por ele, pois *“há um fechamento imaginário sobre o todo; uma ligação que se dá no eixo da semelhança, sem brecha para a diferença e a heterogeneidade instaladas pela ação da língua”* (p.8). Em um outro caso, há um estranhamento - através de substituições e hesitações - que leva o enunciado à deriva, havendo, portanto, *“o indicio de um reconhecimento de semelhanças e diferenças entre enunciados provenientes do outro e os seus próprios, já sob o efeito dos movimentos da língua”* (p.9). Já num terceiro caso, *“a ressignificação do enunciado (...) aponta na direção de uma homogeneização, por um movimento interpretativo que estranha o erro e convoca a autocorreção. Isto é, uma identificação ao outro que começa a incluir o reconhecimento da diferença”* (p.10). Há, nestes dois últimos casos, clara referência à identificação imaginária.

Destaco agora o trabalho de Carvalho (1995), *Erro de Pessoa: Levantamento de Questões sobre o Equívoco em Aquisição da Linguagem*<sup>9</sup>, pois nesse estudo o erro é discutido sem ser concebido como um dado reconhecível em si mesmo, uma vez que, segundo a autora, no que diz respeito àquele que produz o erro, *“trata-se de um sujeito não idêntico a si mesmo e sim atravessado pelo impasse: se, de um lado, ele se curva diante da incompletude, de outro lado, não se curva menos diante do requisito de totalidade”* (p.16). Há clara consciência de que a linguagem é o lugar onde a questão do erro é ou pode ser forte e, nessa direção, lembra que, segundo Lacan (1994), no equívoco - na “equivocação” - , do qual o lapso é um exemplo, *“pode-se ver a verdade pegar o erro por trás”*<sup>10</sup>.

Carvalho destaca os trabalhos de Bowerman e Figueira, numa abordagem construtivista em aquisição de língua materna, por ressaltarem no erro seu caráter positivo como sistema de reorganização. *“O erro assume o caráter de ‘sintoma de reorganização’*,

<sup>9</sup> “Equívoco”, aqui, seria “erro não regularizador” (op.c. p.58).

<sup>10</sup> Carvalho: 1995, pp.59-60.

ou seja, de *'uma marca externa daquilo que está se rearranjando internamente'*<sup>11</sup>. Para além dos pressupostos da teoria da interlíngua, esse rearranjo interno remete à identificação, ou seja, nos termos de Lacan (1994), à transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Através da identificação, sujeito e imagem tornam-se, imaginariamente, um. Eis pois que o erro, o não previsível, *"traz a diferença para esse conjunto, que antes era como Um no imaginário"* (Carvalho, op.c., p.135), pois *"é no lugar de um previsível (da regularidade) que o imprevisível faz efeito"*<sup>12</sup>

Baseando-se em Bowerman, Carvalho distingue *erros de saber* de *erros de não saber*, podendo ser o segundo remetido ao equívoco, no sentido dado por Lacan (1994) e Pêcheux (1997). *"O efeito de enigma ou de estranhamento produzido pela fala da criança [ao apresentar erro de não saber], revela uma possibilidade, ainda que esquecida, da Língua"* (Carvalho, op.c., p.121). O erro de saber, por sua vez, respondendo a um padrão estrutural da língua, estaria, através de seu caráter regular e previsível, confirmando e mesmo reproduzindo a exclusão (pp.119-121) - sendo, portanto, ao contrário do erro de não saber, previsível pela gramática. De qualquer maneira, *"o erro não faria limite [ao todo ou à totalidade da língua e do saber, ou do saber da língua], pois (...) ele é já desde o início composto do material do próprio saber"* (p.115) e *"será tratado/produzido como "impasse" que se localiza inevitavelmente no cruzamento entre saber e falta [não saber]"* (p.119).

Analisando erros de pessoa - de nominalização ou reversão de pronome, sobretudo aquela que envolve o "eu" e o "tu" - na fala da criança em processo de aquisição de

<sup>11</sup> Figueira: 1991, *apud* Carvalho: 1995.

<sup>12</sup> Carvalho, op.c., p.112, sobre os estudos de T.Lemos.

linguagem, Carvalho (p.125) pontua que, segundo Chiat, “o *Eu* pode se referir ao interlocutor ao invés do locutor e o *Tu* pode se referir ao locutor ao invés do interlocutor”. De qualquer modo a autora lembra que “este pronome (“eu”) está presente, explícita ou implicitamente, em qualquer ato discursivo, dele dependendo os outros signos que se referem a instâncias do discurso” (p.126). Na “reversão do pronome” o erro é produzido pela oposição centro vs. exterior, quando uma criança concebida como locutor designa-se e designa um interlocutor (exterior)<sup>13</sup>.

Admite-se “uma outra função subjacente à produção do pronome pela criança: a função de deslocamento da perspectiva do falante para a do ouvinte (...) Não seria a noção de deslocamento de perspectivas um desdobramento do centro vs exterior?” (op.c., p.129). A tese de Carvalho vê-se atravessada, em diversos momentos, por impasses explícitos dado o próprio caráter do tema e de suas implicações na observação do processo de aquisição de linguagem. Seus questionamentos podem, muitas vezes, estender-se ao nosso estudo já que apontam, igualmente, ao “erro de pessoa” presente nas não-correspondências entre pronome e verbo de falantes de alemão LM quando em processo de tomada de palavra e de posição em Português. Há em nosso estudo, em enunciados do tipo “você entendi o que eu falou ?”, igualmente, um imprevisível fazendo efeito no lugar de um previsível, uma diferença em um conjunto que antes era como Um no imaginário, há sobretudo uma marca externa daquilo que está se rearrajando internamente, ou seja, um deslocamento do centro vs. exterior, locutor vs. interlocutor, falante vs. ouvinte, na própria manifestação não previsível da pessoa gramatical.

---

<sup>13</sup> Carvalho, op.c., pp.125-128.

### *I.d. “Persona”: sobre a pessoa gramatical*

Para definirmos o conceito de *pessoa gramatical*, de suas possíveis origens até o uso que dela fazem hoje as línguas modernas, consideraremos o trabalho de Pelly (1986) devido à pertinência do tema ao nosso estudo – afinal, as não-correspondências observadas ocorrem entre dois elementos que definem a pessoa, o pronome de caso reto e o verbo.

Interessada em observar as várias funções sociohistóricas e comunicativo-pragmáticas da primeira pessoa do plural nas décadas pós-revolução em Cuba, Pelly traça as possíveis raízes de *persona*. Segundo ela os autores coincidem com relação à palavra grega empregada na gramática de Dionísio de Trácia (aproximadamente no século 100 a.C.). Ela derivaria de uma preposição,  $\pi\rho\sigma\tau$ , que “*adquiere, según el caso en que se usa, algunas de las significaciones siguientes: hacia, contra, frente, de, por, delante, junto a, ante, etc.*”, unida a um substantivo,  $\omega\psi$ , que significa: “*ojo, aspecto, cara, vista, máscara, continencia, faz, semblante, etc.*”. (p.3). A autora ressalta que, independente do significado que tinha para os gregos, este vocábulo não estava vinculado só ao teatro nem em sua origem, nem em seu uso ou em sua evolução.

Os conflitos começam para os estudiosos de etimologia quando se trata de encontrar as raízes do termo latino de *persona*. Há várias e discordantes hipóteses, segundo Pelly, dentro de um mesmo critério. Num primeiro critério, uma hipótese diz que a palavra latina *persona* procede do grego acima. Outra, que se produziu primeiro um empréstimo ao etrusco, que deu lugar a *persu* e desta passou ao latim na forma de *persona*. Ainda uma outra hipótese vê que, por proceder do teatro, o termo latino deve ter se originado diretamente do grego e haver sofrido influência da etimologia popular.

Um segundo critério a respeito da origem etimológica de *persona* sustenta que suas

raízes estão na unidade composta *per-sonare* e que esta precede do grego *ξωνη* (disfarce, roupa de peles, etc.). “*Vico, por ejemplo, ve con claridad cómo pudo evolucionar esta palabra desde la idea de vestirse con pieles de animales hasta la idea de un papel por representar.*”<sup>14</sup>

O terceiro, e mais difundido na filologia, dos critérios sobre a origem da palavra *persona* é o que sustenta que ela procede de *per-sonare*, no sentido de “soar (*sonar*) através de”. Em todo caso, o critério mais aceito e, segundo Pelly, mais provável é aquele que vê a origem da *persona* latina na derivação direta e somente do etrusco *persu*, que significava “máscara” ou “pessoa mascarada”. A autora lembra ainda que a relação entre as formas de *προσωπον*, *persu* e *persona* deve ser completada com a busca de um possível parentesco também com o termo *purusa* que se empregava em sânscrito para designar as pessoas gramaticais.

A pessoa gramatical está presente, de uma forma ou de outra, em todos os sistemas lingüísticos conhecidos, inclusive na linguagem gestual: “*Y decimos que es fundamental este hecho porque sugiere la idea de que esa universalidad implica que la categoría de persona debe tener relación con alguna categoría filosófica*” (Pelly, p.11).

É interessante observarmos que na significação de *persona gramatical* está o conceito de imagem (a ser tratado na seção “e” do capítulo IV). Segundo Pelly (p.14), por pessoa gramatical queremos significar o conjunto de elementos existentes em cada língua que faz surgir, na mente dos falantes e dos estudiosos da linguagem, “*la imagen de diferentes entidades que se involucran en el efecto (acción, estado, etc.) del verbo*”. É essa imagem que, por sua vez, deixa-se representar através da *persona gramatical*. A autora está consciente que na busca por encontrar alguma relação entre os elementos da realidade

---

<sup>14</sup> Pelly: 1986, p.4.

objetiva e os elementos da linguagem, não se pode esperar uma relação de homologias.

Parece haver uma hierarquia entre as pessoas gramaticais. Já em 1637, Jean Despautere, de acordo com a filosofia imperante em sua época, defendia a idéia de que a primeira pessoa tem “mais dignidade” que as restantes: “*Persona prima est dignior aliis*”<sup>15</sup>. “*Fue una idea compartida más tarde por Humboldt*”<sup>16</sup> y que llegó hasta nuestros días en versiones que aseguran que el yo o ego es el centro de la comunicación o que la situación de la expresión es egocéntrica. Algunos autores matizan el mismo núcleo con otra certeza y afirman que el propio yo es el modelo para imaginar el hacer y el actuar ajenos o que el contraste subjetividad/objetividad es la base de la categoría de persona” (Pelly, p.19). Essas idéias se sintetizam na concepção de Benveniste (1966)<sup>17</sup>, que fixa a primeira e a segunda pessoas do singular como as únicas verdadeiras pessoas gramaticais, enquanto a terceira, em sua opinião, seria a não-pessoa.<sup>18</sup>

De qualquer maneira, segundo a autora, nossa cultura ocidental viu tradicionalmente a primeira pessoa no *eu* a partir do momento em que se fazia mais de dois mil anos que ele se estabeleceu como tal, enquanto em línguas orientais, como o sânscrito e o árabe, a primeira pessoa está representada pelo que para nós é a terceira. “*El hombre, sujeto pensante, forma de si mismo la imagen de sujeto hablante y hace corresponder con esta imagen un signo lingüístico, una vez que se ha colectivizado esa imagen*” (Pelly, p.23). Ela sustenta que há feitos sociais, sistêmicos e comunicacionais que podem ser considerados

<sup>15</sup> *Universa Grammatica*, livro II, p.32 (apud Pelly: 1986).

<sup>16</sup> *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, Berlin: 1836 (apud Pelly: 1986).

<sup>17</sup> Apud Pelly: 1986.

<sup>18</sup> Mais à frente, p.39, ao tratar da terceira pessoa, Pelly declara que, por seus estudos, “*la condición histórica del lenguaje se manifiesta en cada lengua como condición que determina la existencia en ella de reglas comunicativo-pragmáticas, semánticas y morfosintácticas obligatorias para hacer corresponder (...) formativas específicas con cada concepto de elemento o conjunto de elementos de la realidad, distinto del hablante y del destinatario, que posea la comunidad lingüística*” - ou seja, a terceira pessoa.

argumentos a favor da opinião que, ao reconhecer-se como sujeito falante, o sujeito pensante faz corresponder essa imagem que adquire de si mesmo com um signo lingüístico para diferenciar e expressar uma parte da realidade que é sua própria individualidade.

*“Es en este proceso de autodiferenciación, autorrepresentación y autodenotación, que vemos un fundamento objetivo para que surja en el lenguaje la primea persona del singular que no es, por tanto, una posición ocasional, dependiente de cada situación comunicativa, sino - ante todo - un concepto que adquiere cada hablante durante su desarrollo en sociedad y que aplica a cada situación comunicativa”* (Pelly, p.24). Pelos mesmos motivos, o homem passou a diferenciar, representar e denotar a segunda pessoa, para fixar a distinção entre as três pessoas e plasmar, assim, uma obra histórica do homem. Desde o começo, sabe-se que essa não foi uma obra de um dia e nem de um só homem. *“Fue la historia de la sociedad misma el marco en que se fueron perfilando y diferenciando los rasgos de persona en cada lengua, hasta materializarse en las correspondientes unidades signicas: pronombres, desinencias, partículas, etc”*. (p.25).

Na abordagem direta das pessoas gramaticais, Pelly ressalta que não existem formas indicadoras da pessoa em geral, mas formas portadoras da significação da primeira pessoa do singular, da segunda, etc. Existem necessariamente esses conceitos como parte da estrutura semântica da cada sistema, independentemente das formas através das quais cada uma se materializa, segundo se vincule a outros conceitos como os de gênero, sexo, hierarquia social, tipo de verbo, etc. Com relação à primeira pessoa do singular, que particularmente nos interessa dada nossa observação de sua não-correspondência entre pronome e verbo, há formas portadoras de uma significação, em todas as línguas conhecidas, que contêm o traço fundamental daquele que se refere à sua própria individualidade em um ato comunicativo.

A autora acredita que, para explicar a categoria gramatical de pessoa, a lingüística deve partir do critério que a admita como um conceito adquirido pelo ser humano durante seu desenvolvimento em sociedade e mediante o qual é capaz de fazer corresponder determinadas formas de um sistema lingüístico com as imagens que refletem as diferenças dos elementos da realidade.

Pelly está interessada, como já foi dito, na pluralização da primeira pessoa - troca da primeira pessoa do singular pela do plural - numa sociedade que tentou se reorganizar através do comunismo e de seus pressupostos coletivistas. Não se trata aqui da troca considerada “errada” de pessoa gramatical, mas de possibilidades consideradas “corretas” no conjunto de regras de dado sistema lingüístico. Trata-se de possibilidades surgidas na inter-relação da linguagem e da sociedade. *“La significación de cada persona gramatical tiene, pues, una “resonancia” social, una connotación: la primera persona del singular puede denotar egocentrismo, la primera persona del plural puede denotar modestia, etc. (...) Todas estas “resonancias” y matices de las personas gramaticales se transmiten tanto a través del pronombre personal, como del pronombre posesivo y de la terminación verbal o de cualquier otra partícula”.* (p.63).

Os estudos de Pelly sobre pessoa gramatical contribuem ao nosso trabalho à medida que a relacionam com as *imagens* que o homem, enquanto enunciador, faz de si e dos demais, mostrando-nos que as “falhas” na cadeia discursiva que se referem à pessoa gramatical dizem respeito, de alguma maneira, ao conceito de *imaginário*.

## Capítulo II

### *Uma abordagem discursiva das “inadequações gramaticais”*

#### *II.a. Da necessária consideração do inconsciente e da ideologia*

Ao tratarmos de Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras ou Segundas tocamos em questões e conceitos não só desenvolvidos mas também redefinidos a cada novo movimento da Lingüística teórica e aplicada, bem como da Análise do Discurso e de suas relações transdisciplinares. A língua, no sentido de constitutiva do inconsciente e, por consequência, constitutiva do próprio sujeito, vem sendo observada como parte de uma reflexão mais apurada sobre o sujeito e a sociedade de acordo com o instrumental que as constantes transformações históricas da Lingüística nos têm fornecido<sup>19</sup>. Assim, ver o ensino/aprendizagem de uma língua segunda ou estrangeira também como uma imbricação de imaginários funcionando como condicionantes sociohistóricos e inconscientes é, no mínimo, caminhar de acordo com o tempo e fazer dele nosso aliado nesta e em todas as outras jornadas em cujos centros de atuação se encontre o sujeito.

Na Lingüística Aplicada, para ficarmos em apenas uma das Ciências Humanas, é possível observar recentemente uma tendência cada vez mais transdisciplinar. De nossa perspectiva, tornou-se insuficiente, ou até impossível, analisar a linguagem como se esta

---

19 Manoel Corrêa (1999), depois de percorrer o caminho da Lingüística enquanto ciência, em sua formação, definição e constante redefinição - onde destacam-se a aproximação dos fatos de língua aos fatos de cultura (séc.XVIII) e aos fatos sociais e históricos (séc.XIX); a aproximação entre língua e sociedade (séc.XIX); e o “grande impulso saussuriano para a constituição da Lingüística como ciência e sua presumida independência como disciplina científica” (primeira metade do séc.XX) -, destaca que “no campo da Lingüística da Enunciação - na qual estamos incluindo a Pragmática, a Semântica da Enunciação e a Análise do Discurso -, impõe-se, para o analista, a condição de exterioridade da língua, exterioridade que se faz sempre presente no discurso. (...) A relação entre os fatos de língua e os fatos históricos e sociais se dá,

existisse fora de um contexto subjetivo - ideológico e inconsciente - que lhe dê um sentido, pois tornou-se igualmente insuficiente refletir sobre o sujeito enquanto enunciador sem observar, ao menos de relance, sua constituição inconsciente, bem como, em relação de interdependência a esta, sua constituição sócio-histórica e sua inscrição em dadas formações discursivas.

Frente a essa situação, focalizamos a atenção na necessidade de refletir sobre *inconsciente e ideologia*<sup>20</sup>. As formações discursivas, quando em língua-cultura estrangeira, imbricam-se, por sua vez, num constante movimento de encontros e de confrontos. O sujeito, visto aí, dentro dos jogos estabelecidos entre ele e as formações discursivas que o estruturam e que por ele são reformuladas e reproduzidas, parece estar no centro de um campo de forças correntes.

O que nos interessa particularmente é a observação, na cadeia discursiva, de possíveis efeitos das forças que com o sujeito interagem quando este, participante de uma língua-cultura materna e conseqüentemente de imaginários forjados historicamente em dadas formações discursivas, trava contato ou confronto com uma língua-cultura segunda, estrangeira, no sentido de outros imaginários. Pois não se toma a palavra e a posição numa língua-cultura-outra sem que se lance mão de imaginários que dêem sentido às suas enunciações. Portanto entendemos que, ao abordarmos a linguagem na perspectiva apontada, trabalhamos tanto com a “*materialidade lingüística quanto com o processo discursivo*” (Serrani-Infante: 1998b).

O encontro entre imaginários, entre formações discursivas distintas - quando o

---

*portanto, de forma articulada ao que os analistas do discurso chamam de fatos discursivos. O discursivo estaria, portanto, situado entre a língua e a história”* (p.9).

<sup>20</sup> Nos termos de Pêcheux *inconsciente e ideologia* são abordados em vários momentos de sua obra, sobretudo no artigo que, aqui, faço referência direta: *Ideologia, interpelação, “Efeito Münchhausen”* (1995).

sujeito se realiza discursivamente - pode fazer emergir contradições, e não apenas entre os imaginários referentes à língua-cultura materna e à estrangeira, mas, antes, contradições constitutivas do próprio sujeito e de sua inscrição anterior em dadas formações discursivas fundadoras. Querendo significar com formações discursivas fundadoras o que está inscrito no sujeito junto às palavras da primeira língua, Serrani-Infante<sup>21</sup> observa que é exatamente isso o que será questionado, mobilizado, de qualquer maneira perturbado, pelo encontro com línguas outras.

De qualquer modo, mesmo numa língua que não seja segunda ou estrangeira, “*uma formação discursiva não é, pois, o texto ideal, contínuo e sem aspereza, que corre sob a multiplicidade das contradições e as resolve na unidade calma de um pensamento coerente (...) É antes um espaço de dissenções múltiplas; um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos*”<sup>22</sup>. Ao observar a linguagem humana a partir dos pressupostos da AD, o que implica, entre outras, em considerar as formações discursivas e as relações imaginárias, considera-se necessariamente *inconsciente e ideologia*.

De uma maneira rizomática, como sugerido por Deleuze & Guattari (1996), há a pretensão de anexar a essas linhas-base conceitos e observações outras, bem como categorias de análise que não limitem o *corpus* às suas características textuais mas que, ao contrário, o mostrem como uma estrutura não arborescente e, conseqüentemente, não previsível.<sup>23</sup> A influência de Deleuze & Guattari vem reforçar nossa idéia de que, embora o sujeito tenha uma constituição condicionada sócio-historicamente, nem sempre é possível prever os desdobramentos de tal sujeito – mesmo enquanto “ego” -, sobretudo quando em

<sup>21</sup> 1997: pp.63-81 e 1999: p.12 (original).

<sup>22</sup> Foucault: 1987, p. 179.

<sup>23</sup> Não há aqui, entretanto, nenhuma referência às árvores gerativistas, mas sim às estruturas que Deleuze & Guattari opõem às rizomáticas, isto é, as arborescentes.

processo de inscrição em uma língua-cultura outra.

Tais desdobramentos - que para os autores são *desterritorializações* e *(re)territorializações* - dão-se, em uma perspectiva discursiva, com a língua e através dela. Algo qualquer que se queira observar sobre os desdobramentos do sujeito em dadas formações discursivas passa, necessariamente, pela língua, pois está nela inscrito, além de ser também através dela inscrito.

Optamos, porém, não apenas por ver o Português como segunda língua, mas, considerando o Brasil enquanto imaginário - no sentido de “conjunto de imagens” - a ser percebido socioculturalmente em suas mais diversas formações e, igualmente, possível de ser compartilhado através da “*língua e da comunidade que a faz viver*”<sup>24</sup>, optamos por designá-lo enquanto língua-cultura segunda. Em momentos, porém, optamos por designar de língua-outra ou língua-cultura-outra o Português Segunda Língua, pois, de qualquer maneira, trata-se de uma língua outra àquela que, para o estrangeiro, é a materna ou a primeira ou, ainda, a fundadora.

### ***II.b. Não-correspondências entre a pessoa pronominal e a verbal***

O fenômeno que particularmente nos interessa observar é a não-coincidência<sup>25</sup> do próprio sujeito ao enunciar-se (isto é, *de si consigo*). Não são raros os momentos onde não há correspondência entre o pronome pessoal do caso reto anunciado e a pessoa verbal a ele relacionada. O caso mais freqüente relaciona-se à primeira pessoa verbal do singular (*eu*) e a terceira (que pode referir-se aos pronomes *você*<sup>26</sup>, *ele*, *ela* ou “*a gente*” - que, no Brasil, é

<sup>24</sup> Revuz: 1998, p.229.

<sup>25</sup> Cf. Authier-Revuz (1998).

<sup>26</sup> Embora “você” seja um pronome de tratamento, é normalmente usado no Brasil como pronome pessoal do caso reto e, em função desse uso, assim será considerado neste trabalho.

aplicado tanto a um substantivo coletivo quanto ao *nós* informal, que é o que aqui nos interessa já que cumpre no uso, assim como “você”, a função de um pronome pessoal do caso reto). Dessa forma são comuns enunciados do tipo “eu foi” e “ele quero” surpreendentemente quando os aprendizes já se encontram num nível intermediário ou até avançado de proficiência ou fluência, ou seja, quando o conhecimento já é suficiente para que tal não-correspondência não mais ocorresse. E, obviamente, ela não ocorre em todos os momentos da cadeia discursiva. O sujeito que se enuncia como outro emerge somente quando sua posição enunciativa, na impossibilidade de manter-se a mesma, mostra-se outra. Desde o início de meus contatos com, no geral, alemães em processo de aprendizagem de Português no Brasil, pergunto-me: o que faz alguém “errar” exatamente em sua pessoa, fazendo parecer, por momentos, que eu=outro e outro=eu?

A princípio esperamos encontrar itens que se repetem junto a algumas não-correspondências do sujeito ao enunciar-se em primeira pessoa nessa língua-outra e da possível relação existente entre tais não-correspondências e o contato com novas formações discursivas, bem como a emergência de novos imaginários enquanto aquilo que vem dar sentido às enunciações nessa língua-cultura outra. As imagens que o estrangeiro faz do Brasil, portanto, parece ser uma condição de produção fundamental para que entendamos seu processo de inscrição em segunda língua-cultura, e como tal serão consideradas.

Percorrendo esse fio discursivo, de contradição a contradição, talvez consigamos apreender os campos de força onde uma posição subjetiva-enunciativa cede lugar a outra. “*O discurso*”, aliás, “*é o caminho de uma contradição a outra*”<sup>27</sup> e como tal deve ser percorrido. Neste percurso esperamos encontrar hipótese explicativas sobre o que pode

estar mobilizando o sujeito em sua inscrição numa língua-cultura outra, sobre o que o desterritorializa e o reterritorializa, sobre o que se identifica e desidentifica, isto é, algo sobre suas estratégias de aprendizagem e de não-aprendizagem.

Tomando-se Foucault por base, as por nós chamadas não-correspondências entre pronome e pessoa-verbal podem ser vistas como *contradições*. De uma outra perspectiva, apoiadas na nomenclatura freudiana, poderíamos passar a vê-las como *lapsos*, sobretudo de fala, já que trabalharemos com a produção oral<sup>28</sup>, ou também como “erros”. O termo “não-correspondências”, entretanto, é baseado sobretudo nas *não-coincidências do dizer* de Authier-Revuz (1998), como parte da *heterogenidade constitutiva da linguagem*.

Nossa opção por não fazer uma observação sob um prisma meramente gramatical mas, sobretudo, discursivo, se dá em virtude do já exposto e, também, dada a nossa percepção de que nem sempre o processo de tomada de palavra e de posição ocorre, para os aprendizes, num mesmo momento da seqüência gramatical de seus cursos. Cada aprendiz terá sua tomada de palavra num ponto diferente da progressão gramatical básica contemplada nos planejamentos de cursos - o que vem mostrar a impossibilidade de reduzir o fenômeno das não-correspondências entre pronome pessoal e pessoa verbal ao conteúdo programático dos cursos de Português ou de qualquer outra caracterização que esteja centrada nas gramáticas pedagógicas.

Um outro ponto é que a distinção, na conjugação verbal, entre 1a. e 3a. pessoa do singular ocorre, no Português, apenas em três tempos de um único modo: Presente Simples, Passado Perfeito e Futuro Simples (este último, pouco usado na oralidade), sendo todos do Indicativo. Há ainda outros tempos e locuções verbais, na verdade poucos, que apresentam

---

<sup>27</sup> Foucault: 1987, p.173.

distinção entre 1a. e 3a. pessoa do singular, porém eles derivam, todos, dos três tempos mencionados - é o caso do Futuro Imediato (ou Próximo), cujo verbo auxiliar, “ir”, é conjugado no Presente Simples.

Optar por uma análise meramente gramatical - o que reforçamos não ser nosso caso - seria abrir mão da chance de observar um fenômeno que, em alguns momentos, aparece concomitantemente à não-correspondência pronome-pessoa-verbal: a troca, provavelmente fora dos limites da intencionalidade do enunciador, do próprio tempo verbal. Um exemplo de simultaneidade entre as duas ocorrências seria o enunciado “porque eu foi o chefe” - onde normalmente, e normativamente, usaríamos o Passado Imperfeito (que não apresenta distinção entre 1a. e 3a. pessoa: “era”/“era”) em vez da “escolha” do enunciador em usar o Perfeito (cuja distinção entre as pessoas está definida: “fui”/“foi”). Entendemos que *“em toda escolha lexical e morfossintática há uma dimensão que é consciente ou pré-consciente, mas há uma outra dimensão que é inconsciente e que escapa ao controle do sujeito, pois depende de condicionantes e fatores de natureza não apenas cognitiva”*<sup>29</sup>.

Poderíamos interrogar: até que ponto as não-correspondências são de pessoa-verbal ou de pessoa-pronominal, isto é, onde estaria a “falha”, no dizer-se em primeira pessoa - “eu”, enquanto pronome pessoal do caso reto - ou em estabilizar o “eu” enunciador na pessoa verbal correspondente? De qualquer maneira acreditamos que ambas interrogações remetem a um mesmo tópico: as posições enunciativas não têm se mantido as mesmas ao longo da cadeia discursiva.

Poderíamos atentar, também, para a questão do descentramento do “eu” que, em uma língua que não seja a materna parece evidenciar-se ainda mais, já que *“o sujeito está*

---

<sup>28</sup> Embora na perspectiva do discurso a produção de linguagem não se restrinja à mera “fala”, nossa opção é por concentrar as observações na produção oral em contexto pedagógico.

*descentrado com relação ao indivíduo. É o que [Eu] é um outro quer dizer*<sup>30</sup>. De qualquer maneira, diremos que emergindo ou submergindo, ou ainda ambos, o “eu” aparece falhado já na cadeia, expondo uma fissura, um lapso, expondo talvez uma reorganização interna (conforme os citados trabalhos em aquisição da linguagem) necessária à territorialização do sujeito em segunda língua-cultura.

Nossa preocupação é, além da materialidade, também com o *processo discursivo* - o que, nas palavras de Pêcheux, designa “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam *entre* elementos linguísticos - “significantes” - em uma formação discursiva dada”.<sup>31</sup> São essas relações de substituição, sinonímias e, sobretudo, paráfrases que tentaremos contemplar na observação das não-correspondências através da noção de Ressonância Discursiva de Significação desenvolvida por Serrani-Infante (1991 e 1993) a partir do conceito de paráfrase tal como o descreve Pêcheux.

Analisando as não-correspondências a partir da noção de ressonância discursiva, estaremos observando os fatos linguístico-discursivos que se repetem junto às não-correspondências entre pronome pessoal e pessoa verbal - o que a Linguística Aplicada tem tradicionalmente tratado por “erro” ou “falha”. Aquilo que ressoa estaria então nos dizendo algo sobre o que tem mobilizado o sujeito em processo de inscrição nessa língua-cultura outra, isto é, sobre suas estratégias de aprendizagem e de não-aprendizagem.

### *II.c. Não-correspondências de pessoa e ressonâncias discursivas*

Por tratar-se de um fenômeno observado, em princípio, em contexto pedagógico, os

---

<sup>29</sup> Serrani-Infante: 1998b, p.150.

<sup>30</sup> Lacan: 1985, p.16.

<sup>31</sup> Pêcheux: 1995, p.161 - grifo meu. Sobre a insuficiência de todo critério puramente linguístico (do tipo morfossintático) para caracterizar os processos discursivos, há em *Semântica e discurso* a indicação de

fatos linguístico-discursivos provêm de gravações em áudio de aulas individuais de Português para Estrangeiros. Também compõem o *corpus* registros obtidos na forma de diários de aula, bem como gravações de entrevistas com os alunos. Nas aulas podemos observar que os fenômenos a serem observados ocorrem tanto nas atividades controladas - com imposição de um léxico ou de uma estrutura sintática por parte do/a professor/a - quanto nas não-controladas - onde há, na medida do possível, uma liberdade do aluno em enunciar(-se) sem lhe ser imposto o uso de específicos aspectos formais da língua.

Dois casos foram abordados longitudinalmente, com mais de um ano de acompanhamento, e um terceiro com referência a um momento específico, isto é, ao final do curso, concluído após 17 meses de curso e moradia no Brasil. A opção por essa dupla distribuição dos dados deu-se em virtude de nosso desejo de (1) observar a existência de pontos em comum entre os aprendizes que se refiram às formações imaginárias e, obviamente, aos fenômenos das não-correspondências e de (2) observar se há continuidade ou mutação ou, ainda, superação desses fenômenos em limites mais amplos do tempo de ensino / aprendizagem em imersão.

Localizaremos o sujeito não como dono do seu dizer<sup>32</sup>, mas enquanto enunciador em língua-cultura-outra cindido pelo desejo e arriscado a falhar - no caso, a falhar(-se) na linguagem, mais especificamente, a falhar ao enunciar-se. Além de alguns tópicos da teoria psicanalítica, acrescentaremos pontos da *esquizoanálise* sugerida por Deleuze & Guattari ao definirmos o sujeito com o qual trabalhamos como *rizomático*, ou seja, destinado a desterritorializar-se e a (re)territorializar-se em língua-cultura outra. Desterritorializar-se, aqui, seria lançar-se a um novo imaginário, a uma nova tomada de sentidos quando em

---

<sup>32</sup> 'Linguistique et Analyse du discours' (Pêcheux & Fuchs, revista *Langages* no. 37) para esclarecimento da questão.

processo de tomada de palavra e de posição. E reterritorializar-se seria, através dessa tomada (imaginária) de sentidos, inscrever-se nessa língua-cultura outra.

O conceito de imaginário, portanto, acompanha os movimentos do sujeito ao longo do processo de ensino / aprendizagem, embora o imaginário mesmo não se mantenha configurado de igual maneira, sendo novo, ou no mínimo renovado, a cada des/reterritorialização do sujeito. Os objetos que no imaginário se ligam, ligam-se de diferentes formas ao passo que novas relações imaginárias vão sendo estabelecidas entre o sujeito e o objeto aqui definido por Brasil e/ou brasileiros. E nesse sentido, os fatores identitários e desidentitários (Serrani-Infante: 1998b) presentes em menor ou maior grau durante o processo de aprendizagem da língua-outra deverão ser levados em consideração quando possíveis de serem observados nos enunciados.

Nossa hipótese inicial é que as não-correspondências entre pessoa pronominal e pessoa verbal ocorrem em maior quantidade durante (ou a partir do) processo de tomada de palavra e de posição como consequência das relações de poder estabelecidas em segunda língua-cultura e dos processos identificatórios vividos pelo enunciadador, colocando à mostra uma nova posição enunciativa. Obviamente a materialidade lingüística, da dimensão da intencionalidade, está em constante operação de interdependência com a subjetividade inconsciente e as determinações sociohistóricas do enunciadador estrangeiro - daí falarmos, na Análise do Discurso, em materialidade lingüística e em processo discursivo. As formações discursivas fundadoras do sujeito são transformadas quando este trava, de forma significativa, encontro ou confronto com outras línguas que não a(s) materna(s). É bem possível que essa transformação não se dê sem que se deixem marcas em seu dizer - enquanto materialidade - e, nesse sentido, acreditamos serem as não-correspondências

---

<sup>32</sup> Authier-Revuz: 1997 e Serrani-Infante: 1998a

observadas um sinal comprobatório de tal processo.

Sobre em quais momentos da cadeia - intradiscurso - há maior ocorrência da troca de pessoa-verbal e quais fatores subjetivos estariam por vezes controlando o enunciador ao enunciar-se - interdiscurso -, é necessário que se observem os jogos complexos dos enunciados seguindo sempre o seu fio identificatório e o que pode haver de comprovação, nos contextos em que se dão, da inscrição do sujeito em formações discursivas de segunda língua-cultura.

O “outro”, exposto pelas não-correspondências, que possivelmente se identifica, agora, com a língua-cultura na qual se inscreve, é tão desconhecido ao próprio sujeito-enunciador ao ponto de não haver, aparentemente, percepção por parte deste de sua existência na cadeia intradiscursiva. Ou, muitas vezes, essa percepção é tardia, ou seja, é pós-dito, sendo, de qualquer maneira, uma amostra da heterogenidade do dizer, da presença da voz do outro na seqüência lingüística e no discurso (Authier-Revuz: 1998). Ao referirmo-nos à “voz do outro”, acreditamos estar incluindo nesta nomenclatura, ao menos por ora, tanto o “outro” enquanto singularidade quanto o “Outro”, subjetivo, que habita e constitui nosso inconsciente. Por ora, essa distinção não se faz necessária uma vez que a tomada de palavra em língua outra, por parte do sujeito, corresponde a uma tomada de posição que originalmente não lhe era própria, isto é, lhe era “outra”, social ou subjetivamente.

Abordaremos os enunciados que apresentam não-correspondências entre pessoa pronominal e pessoal verbal através das *ressonâncias discursivas de significação* (Serrani-Infante: 1991, 1993 e 2000) para, assim, apreendermos os fatos lingüístico-discursivos que se repetem junto a elas. O que ressoa em torno das não-correspondências estaria apontando para a emergência de dado imaginário acerca da língua-cultura em questão, e de seus

sujeitos, para o estrangeiro.

A partir do conceito de paráfrase tal como o descrevem Pêcheux (1969, p.16), Pêcheux & Fuchs (1975, pp.13 e 71-73) e Orlandi (1983, p.105-123)<sup>33</sup> e entendendo-a “como uma relação semântica não estável”, Serrani-Infante<sup>34</sup> afirma que “há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância - *interdiscursiva* - de significação, que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido”. Dessa forma estaremos apreendendo as imagens que aquele que se autoriza a falar em primeira pessoa nessa língua-cultura outra faz de si, do outro (brasileiro) e do referente. Essas imagens estariam ressoando junto às não-correspondências de maneira, talvez, a justificá-las. As vibrações semânticas não se dão apenas através da materialidade do fio discursivo, mas correspondem, também, ao nível interdiscursivo da enunciação, a um *real exterior*, nos termos de Pêcheux. Tomemos, portanto, a leitura de Serrani-Infante acerca das ressonâncias:

*“Para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de eco entre as unidades; elas soam de novo, acontecendo uma vibração semântica mútua. A meu ver, a noção de ressonância permite incluir, na própria conceituação de paráfrase, o sujeito da linguagem, pois ela sempre ressoa para alguém, tanto na dimensão dos locutores empíricos projetados no discurso (projeção para a qual é fundamental o domínio das formações imaginárias), quanto para a dimensão do sujeito, no sentido foucaultiano do termo, ou seja, o do lugar dominante de enunciação em uma formação discursiva de referência. (...) As paráfrases, então, tal como as estou entendendo aqui, ressoam significativamente na verticalidade do discurso e se concretizam na horizontalidade da*

<sup>33</sup> Autores, obras e páginas *apud* Serrani-Infante: 1991.

<sup>34</sup> 1991, p.96 e p. 193.

*cadeia, através de diferentes realizações lingüísticas.*” (1991, pp.103-105).

As ressonâncias de significação podem ser distingüidas em torno de *unidades específicas* - que dizem respeito ao funcionamento parafrástico de, por exemplo, itens lexicais e frases nominais - e em torno de *modos de dizer* - que se referem ao estudo dos efeitos de sentidos produzidos pela repetição, no nível do interdiscurso, de construções sintático-enunciativas na estruturação de um determinado discurso. Por serem as ressonâncias construções recorrentes num determinado *corpus*, que contribuem para a construção de uma representação em um dado domínio do saber, não há, portanto, um inventário fechado sobre as unidades específicas e os modos de dizer, permitindo assim certa flexibilidade aos nossos estudos de caso.

*“Se trata de un enfoque discursivo de los procesos parafrásticos. Al analizar resonancias discursivas se examina la repetición de: a) items léxicos de una misma familia de palabras o de items de diferentes raíces léxicas presentados en el discurso como semánticamente equivalentes; b) construcciones que funcionan parafrásticamente; c) modos de enunciar presentes en el discurso (tales como el modo determinado y el modo indeterminado de enunciar; el modo de definir por negaciones o por afirmaciones - categóricas o modalizadas-; el modo de referir por incisas de tono casual, etc.).”* (Serrani-Infante: 2000, no prelo). Veremos, portanto, se há construções que se repetem em nosso *corpus* complexo de forma que elas contribuam para uma dada condensação de sentidos.

### Capítulo III

#### Estudos de Caso

##### *III.a. Considerações iniciais*

Pretendemos observar, através da repetição na cadeia discursiva de não-correspondências específicas, o que no estrangeiro se (re)organiza e mobiliza em seu processo de inscrição em língua-cultura-outra. Assim veremos, ao longo da horizontalidade da cadeia intradiscursiva, as incidências verticais, ou seja, os momentos em que a linearidade é quebrada pela evidência de uma não-correspondência. Por estarem as incidências verticais relacionadas ao nível interdiscursivo, observaremos quais dados de um *real exterior*, nos termos de Pêcheux, ressoam para a construção de dada representação imaginária.

Se, por um lado, o sujeito toma a realidade lingüístico-discursiva brasileira obturada pela tela de sua própria fantasia (nos termos de Lacan), por outro a reproduz quando em processo de tomada de palavra e de posição em Português. E é nessa reprodução, nesse processo de tomada da língua-outra, onde o sujeito a toma ao mesmo tempo em que é por ela tomado, que certas não-correspondências se repetem.

Partimos, assim, do princípio de que não há processo de tomada de palavra e de posição sem que sejam deixadas marcas na cadeia discursiva relativas a uma nova posição enunciativo-subjetiva. Algumas marcas, como já observamos no capítulo I, são normalmente consideradas “faltas”, “falhas”, “erros” mas, aqui, tornamos a dizer que mais parecem remeter aos próprios jogos discursivos, ao próprio tecido significativo que ora constitui-se, para aquele que enuncia, nessa língua-outra.

Ao tomar a palavra de maneira significativa, toma-se uma posição que diz respeito às relações de poder (Serrani-Infante: 1998a), aos jogos de poder entre o próprio *eu*, aquele que enuncia em primeira pessoa, e a imagem, espelhada, que faz de seu semelhante, ou seja, de sua própria imagem refletida no outro. De fato, o sujeito, na teoria de Lacan, “*se engana na relação com seu semelhante, pois esta relação sempre será construída em relação à imagem emprestada do outro (...), no sentido que, no fim das contas, pode-se dizer que o eu é um outro*”.<sup>35</sup>

Há fissuras, pontos em aberto, fios soltos na cadeia significativa. São exatamente essas fissuras - provas máximas da flexibilidade e da plasticidade do material lingüístico (Freud: 1987) - que facilitam a manifestação de um *eu* que é um outro, que se coloca como outro. É por elas que vazam as imagens que o sujeito enunciator faz de si mesmo, do outro e do referente. Em língua-cultura outra o descentramento daquele que enuncia em primeira pessoa parece mais evidente, e é nesse sentido que voltamos a Lacan (1985: p. 16): “*O sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. É o que eu é um outro quer dizer.*”

Ao incidir na superfície da cadeia discursiva, o outro, ou a imagem decalcada do outro, vem mostrar que o significante foi reconfigurado. Dessa forma, poderíamos dizer que a repetição em si é mobilizadora (Riolfi: 1999), pois ao repetir fatos lingüístico-discursivos relacionados a um outro, exhibe-se a mobilização da própria posição enunciativa, que é, em primeira instância, subjetiva. O trabalho com ressonâncias discursivas vem mapear exatamente essa passagem, via interdiscurso, das redes imaginárias para a posição enunciativa exibida através de um ponto, falhado, na materialidade da cadeia.

As imagens que se repetem nos enunciados, fazendo referência ora ao *eu* enunciator - estrangeiro - ora à imagem emprestada do outro - brasileiro -, ganham sentido no

---

<sup>35</sup> Lacan: 1997.

imaginário, no jogo das relações imaginárias do sujeito colocado, aqui, como estrangeiro e do objeto imaginário em função do qual se constitui discursivamente em uma segunda língua-cultura. O objeto imaginário, ocupando a posição do outro, do sujeito colocado como brasileiro, empresta sua imagem ao *eu* enunciador. Vale observar que sem esse empréstimo, sem essa repetição de imagens e fatos lingüísticos, não seria possível haver enunciação em língua alguma – de acordo com as Formações Imaginárias introduzidas por Pêcheux (*in* Hak & Gadet: 1997).

É ao pegar essa imagem emprestada do outro que o *eu* parece deslocar-se. Já não se sustenta mais ao longo da cadeia discursiva. E em sua instabilidade, em seu descentramento, enquanto aquele que se enuncia em primeira pessoa, as imagens que tomou emprestado começam a mostrar-se. Na linearidade gramatical dos enunciados, quebras causadas pelas não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal colocam em jogo uma posição subjetiva outra através de uma posição enunciativa outra.

O que se evidencia nas não-correspondências certamente diz-nos algo sobre aquele que enuncia e seu processo de identificação, sobre as imagens que faz, que reproduz, sobre suas estratégias de reprodução, acima de tudo sobre o “eu” que tenta formar nessa língua-outra emprestando imagens alheias – a partir do momento em que se identifica naquilo que se reconhece. No eixo das relações imaginárias diz respeito, simultaneamente, ao outro - enquanto individualidade empírica, i.e., singularidade, - e ao Outro - de sua própria constituição inconsciente - em função dos quais se constitui quando em tomada de palavra e de posição, no caso em segunda língua-cultura.

Apresentaremos a seguir os enunciadores em questão, suas particularidades em termos de territorialização, para, mais adiante, após discorrermos sobre *sujeito, não-coincidências e imaginário*, observarmos tanto os traços comuns quanto os singulares junto

às não-correspondências: representações, (des)identificações e ressonâncias discursivas de significação.

### *III.b. Os enunciadores em questão*

Um ponto a ser destacado é que normalmente o Português não é a primeira língua estrangeira ou segunda cursada pelos alunos. Na nomenclatura de, p.ex., Coste, Moore e Zarate (1998), seria uma L3 ou, mais frequentemente, uma L4 ou L5. Particularmente em nosso caso, que observamos enunciados em Português de falantes de alemão como língua materna (L1), o Português é precedido pelo inglês (L2) e mais, no mínimo, uma língua latina (L3). Há casos de total plurilingüismo logo da chegada desses alunos no Brasil. É o caso de “Tüp” (suiço), que será levado em consideração neste trabalho. Daí chamarmos, por momentos, o Português aqui cursado como uma língua-outra (termo sugerido por Authier-Revuz<sup>36</sup>).

Ainda serão usados exemplos recolhidos de depoimentos de “Dok”, um ex-aluno alemão que, apesar da alta proficiência, ao final de mais de um ano e meio de curso de Português, e residindo no Brasil, apresentou ainda não-correspondências entre as pessoas pronominal e verbal. “Hef” será o terceiro enunciador observado<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Em comunicação pessoal a Serrani-Infante.

### III c. “Dok” - um caso de identificação com o trabalhador do Brasil

*As ruínas do santuário do deus do fogo  
foram destruídas pelo fogo.*

Jorge Luis Borges<sup>38</sup>

Dok chegou da Alemanha em maio de 1996, com a esposa e três filhos. Ele, doutor em Economia, tinha então 38 anos incompletos e já ocupava um alto cargo executivo na matriz alemã de sua empresa - líder de seu setor tanto na Alemanha quanto na América Latina e em alguns países da Ásia. Aqui ele deveria assumir a diretoria administrativa da filial brasileira - uma das maiores do mundo e centralizadora de todas as operações latino-americanas -, implantando o modelo administrativo desenvolvido por ele mesmo na matriz a fim de minimamente zerar as contas dessa filial, há alguns anos com lucro negativo.

Desde sua chegada sua figura foi temida por todos, fossem funcionários da empresa ou fornecedores de materiais e serviços: sabia-se que nesse modelo administrativo não faltariam dispensas e redução de custos. E assim o foi. Com o passar do tempo, porém, Dok começou a dar mostras de que já se desidentificava da matriz alemã, a qual viera representar: “*Na empresa [a filial do Brasil] tem uma atitude que também para mim foi uma surpresa, que na Alemanha [na matriz], ou na empresa da Alemanha, não têm pessoas, sempre é “a Alemanha”: “a Alemanha exige”, “a Alemanha quer”, “a Alemanha disse”. É como... não sei... um grande governo do mundo.*”<sup>39</sup>

A posição de chefia garantia-lhe o poder para executar suas tarefas de forma absoluta, mas, como nas *Ruínas Circulares* de Borges, o “santuário” administrativo

<sup>37</sup> Os nomes e termos que designam os enunciadores são fictícios, bem como os dos demais envolvidos (esposas, colegas, empresas).

<sup>38</sup> “*As Ruínas Circulares*” in *Ficções*. 5a. edição. Ed. Globo: São Paulo, 1989.

desenvolvido por Dok na Alemanha para ser aplicado ao - e no - Brasil foi “minado” por esse mesmo sujeito quando aqui se territorializou. Alguns fatores alteraram o rumo das previsões - as contas da filial brasileira foram zeradas e até oxigenadas antes do tempo mínimo previsto - e, simultaneamente, uma outra consciência sobre administração veio à percepção de Dok ao se envolver profissional e pessoalmente com o objeto imaginário aqui tomado por Brasil: *“Não dá de gerenciar uma empresa com estilo único para todos os países do mundo, porque os brasileiros também são diferentes do que os chineses e os americanos (...) E por isso nós<sup>40</sup> ... bom, tivemos bastante conflitos com “a Alemanha” e minha tarefa também foi de ficar um pouco um diplomata entre os brasileiros e estes “artistas” lá na Alemanha.”*<sup>41</sup>

Assim, aos 39 anos, exatamente um ano e sete meses após ter chegado ao país, abandonou a empresa em que atuava há quase dez anos, optando por não mais participar de sua administração e, inclusive, por não voltar à Alemanha nos próximos anos, quebrando os laços que o prendiam à firma que o fez vir ao Brasil. Partiu com a família aos Estados Unidos, onde passou a administrar o complexo industrial e comercial das três Américas de uma outra multinacional alemã - líder de seu setor em toda Europa. Agora, depois de sua inscrição na formação discursiva da filial brasileira, sua posição em termos de administração parece ser outra: *“Globalização é um palavra eu já tira fora de meu vocabulário.”*<sup>42</sup>

Além disso, podemos observar que Dok, em seu processo de identificação, internalizou elementos do comportamento brasileiro também fora do contexto estritamente

---

<sup>39</sup> Dok, 22.11-II, 14.

<sup>40</sup> O pronome “nós” parece referir-se a “nós do Brasil, brasileiros e alemães que falamos a partir do Brasil”.

<sup>41</sup> Dok, 22.11-II, 14.

<sup>42</sup> Dok, 22.11, 25.

profissional: *“A linguagem do corpo... Foi muito estranho no início de fazer esses... tapinhas com os homens [nas costas]. Agora é quase normal quando eu... encontro um homem brasileiro... (risos)... quase beijar, né? Hoje é tão normal que eu, na Alemanha, na última visita já percebi que uma vez eu entrei numa pessoa tão... perto, e não é normal na Alemanha. Você não vai fazer... isso.”*<sup>43</sup>

Em sala-de-aula, por momentos, a fim de garantir sentidos e significados na ausência de um vocabulário suficiente em Português, Dok recorria ora ao alemão, sua L1, ora ao inglês, sua L2, e sempre declarou preferir as culturas brasileira e norte-americana do que a alemã, sobretudo no sentido profissional: *“Sempre as coisas estranhas são mais interessantes”*<sup>44</sup>. E, em sua última aula de Português, sua L3 - ou L4, se considerarmos sua relativa proficiência em espanhol antes do Português -, quando já estava mais do que prevista sua troca de empresa e de país, declarou sobre a matriz alemã cuja filial ele ainda administrava: *“Eles [da Alemanha] pensam que nós [do Brasil] somos macacos!”*, indicando novamente certo deslocamento de seu lugar de interlocução - pois não falava mais a partir da Alemanha, e sim do Brasil.

Sobre tal declaração, dias depois, na entrevista, explicou: *“Quando nós temos processos internos para fazer alguma coisa, eles [da Alemanha] acham que o brasileiro deveria responder, resolver, um assunto da mesma maneira como um alemão. Porque isso não está acontecendo, obviamente! E por isso eles... esses alemães, essas cabeças quadradas, têm esta postura lá na... que os brasileiros... eles não sabem como fazer. Na empresa [filial do Brasil] também nós falamos, nesse sentido, “bom... eles acham que nós*

---

<sup>43</sup> Dok, 22.11, 20.

<sup>44</sup> Dok, 22.11, 9.

*somos macacos.*”<sup>45</sup>

Os registros de Dok aqui utilizados provêm de uma entrevista de 1 hora e 45 minutos gravada em áudio. Ele havia feito sua última aula na semana anterior, num curso total de Português de quase dois anos, sendo o último 1 ano e meio no Brasil. Naquele momento, ele já era o que poderíamos chamar de um falante fluente de Português do Brasil. Algumas não-correspondências entre pronome pessoal e pessoa verbal, porém, vêm à tona. Por momentos o “eu” é conjugado como um “outro” enquanto o “outro” é conjugado como sendo “eu”, evidenciando, ao mesmo tempo, seu próprio descentramento em relação à posição em que deu início ao processo de inscrição e sua territorialização nas formações discursivas que aqui contatou: *“Eu hoje tenho uma impressão mais clara, mais forte dos pontos fracos e fortes dos alemães... ou do meu povo, não sei. Emocionalmente eu me liguei mais com os colegas brasileiros e achei que minha tarefa também foi de defender os brasileiros contra esses polêmicos ataques da Alemanha.”*<sup>46</sup>

### *III.d. “Tüp” - uma prova de que o inconsciente não é nem xenófobo nem nacionalista*

*Que mensagem teria tido sentido-agora?  
De alguma maneira eu tinha de dizer adeus  
e ao mesmo tempo pedir que você continuasse.*

Julio Cortazar<sup>47</sup>

Tüp, particularmente, constitui-se como um dos aprendizes que mais apresentam não-correspondências entre pronome reto e pessoa-verbal em seus enunciados orais,

---

<sup>45</sup> Dok, 22.11, 19.

<sup>46</sup> Dok, 22.11,14.

trocando, ainda, os pronomes durante a leitura e, em momentos, em sua fala espontânea até mesmo fora de contexto pedagógico: “*Você entendi o que eu fulou?*”<sup>48</sup>. Também é um bom exemplo de aluno disposto a circular por todos os temas que forem possíveis e necessários e, ainda, talvez o que mais recorra a outras línguas e culturas para atingir ou modalizar e negociar certos sentidos em Português. Afinal, é um bilíngüe ou até, poderíamos dizer, segundo Coste (1998), um plurilíngüe por natureza.

Seus enunciados, mesmo contendo - por vezes em excesso - o que tem-se chamado de “erro”, não são quebrados em seus efeitos de sentido pelas instabilidades do “eu”. Parafraseando a epígrafe de Cortázar, faria sentido pensar em seu (co)enunciador como aquele que pedisse para ele continuar a produzir sentidos através do lapso, da falta, da falha, do erro: “*Começou, comecei com 3 anos esquiando (...) Bom, eu começa mais ou menos todo ano um outro esporte (...) Mas tem outras coisas como... que... que não... eu não tenho... quando eu faço uma coisa eu muitas vezes não tenho o medo que vai errar, sim, que eu vou errar coisas!*”<sup>49</sup>

Nascido na Suíça, teve o suíço-alemão (*Schweizerdeutsch*) e o alto-alemão (*Hochdeutsch*) como primeiras línguas maternas e línguas familiares (embora a língua materna de sua mãe seja o dialeto da antiga Prússia); o francês mais como segunda materna do que primeira estrangeira, uma vez que a cidade onde nasceu e viveu, a exemplo de outras cidades não só na Suíça mas também em países como Canadá, pertence ao grupo das oficialmente bilíngües - Biel / Bienne -; o inglês como primeira ou segunda língua estrangeira; e o espanhol como segunda ou terceira estrangeira. No seu caso específico, o Português seria sua L4 ou L5 ou, ainda, L6.

---

<sup>47</sup> “*Graffiti*” in *Orientação dos Gatos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

<sup>48</sup> Tüp, 22.9-I,1.

Charles Melman, em *Incidências Subjetivas do Bilingüismo* (1980), observou que o bilingüismo “*gera um sujeito que vive o mundo como um lugar de perdição e não afirma sua liberdade senão à condição de recusar todo e qualquer engajamento neste.*”<sup>50</sup> Outro ponto destacado por Melman que acreditamos ser de particular interesse para o caso Tüp, sobretudo na sua recorrência, nos enunciados em Português, a outras línguas estrangeiras - e de, segundo o próprio aluno, fazer o mesmo ao falar uma outra língua segunda ou estrangeira -, é o fato de o inconsciente não criar “*nenhum obstáculo à mixagem das línguas*”. Podendo “*reter em seu seio palavras, locuções, fragmentos inteiros de discursos tomados de uma língua da infância que em seguida tornou-se estrangeira* [no caso de Tüp, o francês, ao qual freqüentemente recorre em Português]. *O inconsciente não é nem nacionalista, nem xenófobo*”<sup>51</sup>. Uma prova disso talvez esteja num exercício de antônimos. Quando, perguntado pela professora sobre o contrário de “limpo”, não hesitou em responder: “*Suiço!... Não! (risos). Suja! Suja! [...] Sujo? Como escreve? S, u, cê cedilha?*”<sup>52</sup>

Com seus 30 anos, Tüp chegou ao Brasil como sendo um exemplo não só de plurilingüismo-pluriculturalismo mas também do desejo de aprender uma língua segunda ou estrangeira, podendo ser este um “*desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual se exprimir, de impor-se uma ordem por um ato voluntário, aprender, enfim, como se deve falar corretamente e gozar com isso*” (Prasse: 1997). Foi ele quem sempre articulou, conscientemente, suas estadias a trabalho fora da Suíça e da Alemanha: primeiro com incursões no Leste Europeu e Turquia e, depois, na América Latina, até que conseguiu realmente uma transferência para o exterior.

---

<sup>49</sup> Tüp, 12.11.

<sup>50</sup> 1992: p.20.

<sup>51</sup> Melman: 1992, p.16.

<sup>52</sup> Tüp, 9.11-I, há 7 meses no Brasil.

Assim, por motivos profissionais, fixou residência no Brasil - na verdade, o primeiro país estrangeiro a habitar: *“Tive um [sonho]. Nos últimos 7 anos tive um. Antes que começou ou escolhi a escola que quero fazer, de Marketing. Ou, quando saiu da escola de comércio e administrativo, eu falei para mim, bom... quero fazer esta faculdade especial de Marketing, porque quero depois trabalhar para um grande empresa para ir para o estrangeiro (...) Fiz três anos de estudo. Depois entrou, entrei em um empresa.”*<sup>53</sup>

Tüp iniciou seu curso em 22 de abril (Ano I), podendo comunicar-se já de início devido aos seus conhecimentos em outras línguas latinas e sua atitude naturalmente participativa e comunicativa. É bem verdade que, como aluno, por diversos momentos de seu curso, sobretudo nos seis meses iniciais, fez uso de algumas estratégias de não-aprendizagem (Revuz: 1998), não permitindo, por exemplo, com suas intermináveis e insaciáveis intervenções, que nenhum tópico temático ou gramatical se desenvolvesse e muito menos fosse concluído ao longo das aulas. Dessa maneira, acabou criando certo mal-estar entre os professores que, por sua vez, pediram intervenção ao diretor da escola em junho desse mesmo ano.

Após reunião com o diretor, onde Tüp expôs seus desejos em relação ao curso, e após ter exposto em sala-de-aula alguns problemas que estavam interferindo em sua estadia - tais como insegurança na atuação profissional em virtude de um novo chefe e de novos colegas e incertezas quanto à possibilidade de sua namorada vir morar no Brasil -, o aluno passou a mostrar-se mais solidário com o processo de aquisição, diminuindo consideravelmente a aplicação de estratégias de não-aprendizagem. Em fins de julho, viria a resposta positiva de que sua namorada, igualmente suíça, mudaria-se para cá em fins de agosto. Paralela a essa notícia, de caráter afetivo, uma de caráter profissional pareceu

---

<sup>53</sup> Tüp, 9.11-I, há 7 meses no Brasil.

contribuir para que o aluno se mostrasse cada vez mais territorializado: um bom colega da Alemanha passaria a compor o quadro de seu atual departamento no Brasil.

Nesse ponto, já havia uma boa normatização do Português, porém, começamos a observar a intensificação de não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal em vários de seus enunciados em sala-de-aula. Logo depois, podia-se perceber claramente trocas pronominais na oralidade e na leitura: por exemplo, leu “ele” onde estava escrito “ela” no livro didático Avenida Brasil I, p.79. Algumas ocorrências em contexto pedagógico passaram a ser anotadas e, posteriormente, suas aulas começaram a ser gravadas em áudio.

As transcrições advêm de gravações em áudio de suas aulas individuais. O início das gravações corresponde à época em que o aluno estava há 7 meses no Brasil, freqüentando aulas de Português desde sua chegada. As gravações estendem-se à época em que já estava há dois anos e meio no país: morando, trabalhando, participando de uma vida social com colegas e amigos em sua grande maioria brasileiros e indo, sempre que possível, aos jogos da centenária Ponte Preta, logicamente uniformizado.

*III.e. “Hef” - um exemplo de identificação com o ambiente: as vastas paisagens e o  
“brazilian way of life”*

*Talvez seja injusto, mas esse detalhe  
mal interpretado me indignou.*

Fernando Sanches Sorondo<sup>54</sup>

Buscando por novas experiências de vida e profissionais, além de possíveis

---

<sup>54</sup> *Áustria in Nova Narrativa Argentina*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

promoções, Hef aceita um cargo de diretor por cerca de 3 anos na filial brasileira da firma, alemã, onde já trabalha há 10. Sempre flertando com a cultura latina, além do inglês, quando desembarcou no Brasil era proficiente em francês e mantinha interesses pelo espanhol e, sobretudo, pelo italiano. Após algumas semanas de aulas de Português, sua L4, na Alemanha, já podia minimamente comunicar-se no Brasil, expressando interesses, negociando significados e reproduzindo enunciados. Declarou, desde o início de sua chegada, ter grande atração pela expressividade emocional, sobretudo fonética, das línguas latinas, destacando o italiano e, em menor grau, o Português como expressivas também no jogo gestual que acompanha a fala.

Sua mulher, relutante em sair da Alemanha, viria somente depois do encerramento do semestre escolar de seus dois filhos. Em parte devido a esse fato e em parte devido a obrigações profissionais na matriz, Hef alternava os períodos no Brasil com outros, às vezes longos, na Alemanha. Cerca de 5 meses após sua chegada, traz a esposa e as crianças para cá, depois de definitivamente convencê-la de que não existiria outra chance a não ser mudarem-se todos para o Brasil.

Ao mesmo tempo em que estava adequando-se à nova posição e ao novo contexto profissional, bem como à língua e ao “brazilian way of life”, enfrentava fortes tensões em casa com a adaptação da família e, particularmente, com a resistência da esposa em fixar residência numa sociedade que não fosse a da sua região na Alemanha: “*Sua primeira... ela... o primeira reação dele [da esposa] é... ou são os pontos negativos (...) E por isso ele perde a chance de ter experiências.*”<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Hef, 26.2-I,6.

Em sala de aula Hef refere-se à esposa freqüentemente por “ele”<sup>56</sup> e, quando questionado sobre isso, declarou ser influência do francês onde “ela” seria “elle”. Infelizmente tão boa explicação não contemplou o fato de que ao referir-se à secretária, ou à filha ou a uma outra professora, o fizesse por “ela”. A influência do francês, portanto, atingia apenas o tratamento à esposa que, de agora em diante, estaria destinada a ser “ele” em seus enunciados, onde muitas vezes o pronome relativo à esposa - “ele” - vem acompanhado de verbo na primeira pessoa: “*Ele [Silvie] não quero dificuldades para outras pessoas. Para ele é muito ruim... porque ele não gosto que outras pessoas vai causar problemas com ele.*”<sup>57</sup> Embora este exemplo, de “ela”-“elle”-“ele”, não seja necessariamente nosso objeto de pesquisa, mostra-se interessante sobretudo por evidenciar que o equívoco não é gramatical – se assim o fosse, outras mulheres também seriam pronominalizadas por “ele”.

A família permaneceu no Brasil por um semestre. Nesse período as crianças freqüentaram um colégio de currículo duplo português-alemão e mantiveram uma média de três aulas por semana de Português para Estrangeiros cada uma. A esposa cursou poucas semanas, quando já decidiu-se por voltar - e assim o fez, levando os filhos consigo. Hef, decidido a não quebrar seu projeto profissional e pessoal de cumprir a estadia no Brasil, comprometeu-se a encontrar a família na Alemanha sempre que possível: “*Porque eu pode viajar cada... se ela precisa de mim, eu pode viajar, sem problemas.*”<sup>58</sup>

Nenhuma característica brasileira, nem mesmo as normalmente tidas como negativas, impediu que Hef se identificasse com o Brasil - prova de que a realidade

<sup>56</sup> Este é, por exemplo, parafraçando a epígrafe de Sorondo, um *detalhe mal interpretado que me indignou*, “tomar” a mulher por “ele”.

<sup>57</sup> Hef, 26.2-I,7.

<sup>58</sup> Hef, 26.2-I,2.

exterior, nos termos de Lacan, é sempre obturada pela tela da fantasia do sujeito. Assim, jamais se assustou ou se surpreendeu com, por exemplo, a quantidade de pobres que o Brasil produz: *“Não é contra-humana [como foi o nazismo]. É uma coisa ruim, tudo bem, mas... [...] você não vai criar uma organização para matar eles! (...) Eu acho, achei que foi mais, mas eu vi que só - só! - 10 milhões de pessoas pobres. É muito, concordo. Mas 10 milhões... [...] Se são 30, também [é pouco]. Trinta de cento e... cento oitenta ?!”*<sup>59</sup>

Os indícios do que poderia ser sua identificação, diferentemente de Dok - que parece ter se dado com o brasileiro -, deu-se sobretudo com o Brasil enquanto natureza, paisagem. Por diversas vezes, já sem a família, Hef percorreu sozinho, com seu automóvel, as estradas do interior do estado de São Paulo e, depois, também do norte do Paraná e do sul de Minas Gerais: *“Porque quase tem nada. Tem fazendas... é como a gente pensa sobre o... Bra... o... o Brasil. Muito... Pequenas [poucas] pessoas, muito ricos, grandes fazendas, muito... é incrível lá! [...] É explorado! Não tem urbanos [cidades], mas você pode perceber que os pessoas trabalham muito aqui. Não tem nada, só tem plantação, só tem grama para boi (...) Grandes florestas... [Café?] Não, madeira [...] Incrível! [...] Incrível! [...] Mas aqui é incrível! Você não pode imaginar (...) quilômetros... de floresta [...] É incrível! [...] Estado de São Paulo e Paraná. Aqui! Incrível! Aqui tem [apontando para o mapa], eu acho, aqui tem uma grande fábrica de papel e papelão, não sei... Aqui... floresta... como a Floresta Negra! [típica de seu estado, Baden-Wüttemberg, no sul da Alemanha] [...] É incrível!”*<sup>60</sup>

Em seu caso, a identificação parece se dar sobretudo em relação à natureza do Brasil, às vastas paisagens de pastos, plantações e florestas. Imaginariamente Hef acaba

<sup>59</sup> Hef, 10.11-II - 1 ano e 3 meses no Brasil.

<sup>60</sup> Hef, 11.11-II - 1 ano e 3 meses no Brasil.

ligando uma floresta brasileira, cuja madeira é extraída por uma fábrica de papel e celulose, a uma floresta alemã de sua região de origem, à Floresta Negra - por sua vez, ícone do imaginário alemão. Há aqui como um jogo de identificações: ao identificar-se com o Brasil, Hef acaba identificando-o com a Alemanha. Há um sujeito tentando reorganizar-se a partir da identificação com o Brasil e do que com ela é mobilizado em segunda língua. Há sobretudo um retorno a si mesmo. O novo, o segundo, ou ainda estrangeiro - no caso uma floresta brasileira - estaria sendo identificado ao constitutivo, a dada imagem fundadora do sujeito - no caso a *Schwarzwald*.

Mesmo após dois anos de curso e de estadia no país, Hef, já proficiente, mantém um considerável índice de não-correspondências em seus enunciados. Seu processo de tomada de palavra e de posição, entretanto, não chegou a ser abalado em nenhum momento, nem mesmo ao enfrentar a resistência da esposa com relação ao Brasil. Ao contrário, tal resistência parece o ter colocado numa via de identificação direta com a língua-cultura local, bem como com o objeto imaginário tido por “Brasil”. E é nesse sentido que acreditamos que tais não-correspondências, além de nos indicar algo sobre as estratégias de aprendizagem e de não-aprendizagem, vêm marcadamente situar o próprio processo de tomada de palavra e de posição: “*Uma vantagem [da família não estar no Brasil], eu não fala alemão à noite. Muito bom. Eu acho que é uma vantagem. Eduardo, um gerente de mim [do departamento que dirijo], sempre fala “na segunda-feira seu Português é muito, foi muito ruim (...) porque você fala alemão durante o fim de semana e sempre” (...) Mas ele percebi... percebeu. E agora não. Vamos ver.*”<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Hef, 5.8-II,9.

## Capítulo IV

### Subjetividade, Enunciação em L2 e Imaginário

#### *IV.a. O Sujeito*

*Definir a natureza do eu leva muito longe.  
Pois bem, é deste muito longe que vamos partir  
para voltar ao centro - o que nos trará  
de volta ao muito longe.*

Jacques Lacan<sup>62</sup>

Neste capítulo sintetizaremos os conceitos de sujeito, de enunciação em L2 e de imaginário para, no próximo, fazermos a análise de seqüências discursivas que contenham as não-correspondências entre pronome pessoal e pessoa verbal à luz da consideração desses conceitos.

A noção de sujeito, já presente na Lógica do século XVIII através do binômio subjetividade-objetividade (Kant: 1992), participou da formação da Análise do Discurso tendo-se como referência a teoria de Althusser. Em oposição à noção de indivíduo, a noção de sujeito, formada no seio da teoria psicanalítica, foi considerada nos estudos da AD de Pêcheux em sua segunda fase e encontrou-se plenamente incorporada na fase terceira (Pêcheux: 1983 e Serrani-Infante: 1993). Em dado momento, porém, a noção de sujeito havia sido incorporada à própria Lingüística - teórica e aplicada. Corrêa (1999) observa que a inclusão do conceito de sujeito na Lingüística marca exatamente o momento em que esta passa de uma preocupação com o funcionamento interno do sistema - tal como Sausurre a concebe - para um interesse com o uso - sendo Benveniste, mesmo mantendo a tradição estrutural, uma das principais referências nessa passagem à teoria da enunciação. Para

Benveniste há um “aparelho formal de enunciação” - é o início da configuração de *sujeito* em Lingüística - composto de formas, a princípio vazias, preenchidas pelo uso.

Segundo Corrêa (1999, p.7), este “*é o caso dos pronomes ‘eu’ e ‘tu’, que todos usamos e que não designam privativamente a nenhum de nós, a não ser no momento exato em que pomos em funcionamento discursivo o sistema da língua. Nesse momento, marcam-se um tempo presente (um agora) e um espaço localizado no aqui da instância de discurso. O indivíduo biológico, que articula a fala, que a percebe pelo ouvido ao enunciá-la e recebê-la, transforma-se, no momento da enunciação, em algo mais que um ser dotado de órgãos mais ou menos específicos para essas funções. Torna-se sujeito do discurso. Não é por acaso que os pronomes que marcam o sujeito gramatical sejam tradicionalmente chamados de ‘pessoas do discurso’. É, na verdade, a pessoa socialmente definida que surge na instância de preenchimento dos pronomes.*”

Corrêa afirma que é a partir do reconhecimento desse passo significativo que surgirão dois caminhos: o primeiro, partindo de uma centralização do discurso no sujeito falante, vê-o como centro do dizer e do sentido. “*A interação dar-se-ia, portanto, entre dois sujeitos em uma relação simétrica, ainda que com uma certa dominância do sujeito que fala*” (*id.ib.*). Um outro caminho, aquele tomado pela Análise do Discurso francesa - com a qual nos filiamos -, “*defende que nenhum mecanismo de enunciação funciona sem a consideração de dois tipos de relação entre os falantes: as relações de sentido e as relações de poder*”<sup>63</sup>, negando ao sujeito a centralidade do dizer e do sentido.

É, porém, por influência da psicanálise freudiana e sobretudo lacaniana que Pêcheux encaminha os estudos da AD dizendo que, “*a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem,*

---

<sup>62</sup> *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*: 1985, p.9.

<sup>63</sup> Corrêa: 1999, p.8.

*indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira*” (1995, p.266 - original 1975). Na releitura em que faz de seu texto de 1975, Pêcheux complementa seu conceito de “indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia” afirmando que é o inconsciente “*a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura*” (1995, p.300 - original 1978/79), em declarada referência à Lacan (*só há causa daquilo que falha*).

Lacan, por sua vez, vai dizer que a ingenuidade individual do sujeito é acreditar em si, acreditar que ele é ele – “*loucura bastante comum e que não é uma loucura total, pois faz parte da ordem das crenças. Evidentemente, temos todos tendência a acreditar que nós somos nós*” (1985, p.20). Esta seria, por assim dizer, uma ilusão necessária ao intradiscurso, à materialidade lingüística da enunciação: de que eu sou eu e de que sou dono do meu dizer. O sujeito, entretanto, seria constituído por um exterior: “*as falas fundadoras que envolvem o sujeito são tudo aquilo que o constituiu, os pais, os vizinhos, a estrutura inteira da sociedade, e que não só o constituiu como símbolo, mas o constituiu em seu ser*”<sup>64</sup> - daí Pêcheux falar em interpelação, identificação e produção de sentido. Frente a questão que Lacan mesmo se coloca, *O que é o sujeito?*, a resposta vem privilegiar a alteridade: “*O sujeito é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado. E ele se bloqueia, é aspirado pela imagem, ao mesmo tempo enganadora e realizada do outro, ou, igualmente, por sua própria imagem especular. Lá, ele encontra sua unidade*” (p.74).

Serrani-Infante (1998a, p.234) mostra-nos que para a concepção de subjetividade ser melhor situada ao “*se abordarem os processos de produzir e compreender em L2 é [preciso] levar em conta os dois níveis, que são interdependentes, a saber: o*

*intradiscursivo e o interdiscursivo de análise*". No primeiro, "tendo como referência a teoria lacaniana da subjetividade, pode-se dizer que essas representações [de semelhanças e diferenças] correspondem predominantemente ao registro imaginário do eu (enquanto ego) do dizer" (*id.ib.*). Já o segundo, "o interdiscursivo, remete à dimensão vertical, não linear, do dizer", onde a noção de "pré-construído" (Henry: 1977) - o "sempre já aí" histórico-social que fornece-impõem a "realidade" e seu "sentido" - "é o que fornece a matéria-prima na qual o sujeito se constitui em relação a suas formações discursivas preponderantes. Nesta perspectiva, o locutor não é a origem de seu discurso" (p.235).

Portanto trabalhamos com o conceito de um sujeito que, não reduzido ao preenchimento de formas a princípio vazias de enunciação, é constituído sociohistoricamente pelas formações discursivas, pela interpelação ideológica que o captura através de seu inconsciente. Por estar este sujeito inscrito em dadas formações discursivas - fundadoras e preponderantes -, mesmo acreditando ser, no registro imaginário, o "eu" de seu dizer, não é dono absoluto de seu dizer e nem a origem de seu discurso.

Nas palavras de Authier-Revuz (1998, p.17), "Se (...) apoiamo-nos em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer (...), consideramos que o dizer não poderia ser transparente ao enunciador (...). É aqui que a categoria lacaniana de **imaginário** é colocada em jogo, e a 'função de desconhecimento' assegurada estruturalmente no sujeito por um 'ego' ['moi'] ocupado em anular, no imaginário, a divisão que afeta o 'eu' ['je']". Em língua segunda ou estrangeira, porém, essa *divisão que afeta o "eu"* acaba por se mostrar em enunciados do tipo "eu não tem tempo para fazer outras coisas", pois o "eu", a primeira pessoa do singular se dividiu em uma outra pessoa.

---

<sup>64</sup> Lacan: 1985, p.31.

#### ***IV.b. Não-coincidências do dizer em processo de tomada de palavra em L2***

Em *Palavras Incertas - As não-coincidências do dizer* Authier-Revuz (1998) expõe qualidades do dizer possíveis de serem observadas em contexto de segunda língua-cultura e que podem de alguma maneira iluminar a questão sobre a qual nos dedicamos. O sujeito aqui observado, parece escapar a si mesmo ao enunciar-se em uma língua outra: “eu viu mas eu nunca lembra”, onde o pronome reto anunciado, em primeira pessoa - “eu” - não coincide com o verbo em terceira pessoa - “um outro”, já que refere-se a uma outra pessoa gramatical, ou do discurso.

Authier-Revuz (1998, p.17) considera “*que o dizer não poderia ser transparente ao enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso*”, apoiando-se, assim, no exterior teórico do sujeito-efeito – “*aquele assujeitado ao inconsciente, da psicanálise, ou o das teorias do discurso que postulam a determinação histórica em um sentido não individual*” (p.16). Desse modo, seu estudo da reflexividade opacificante da modalidade autonímica considera o plano da língua - um “*retorno metaenunciativo que se volta sobre as palavras [do] dizer*” (*id.ib.*) - e os tipos de representações da interlocução, do discurso, da língua, da nomeação, do sentido.

Assim, das quatro não-coincidências observadas enquanto modalização autonímica por Authier-Revuz (a saber: interlocutiva, do discurso consigo mesmo, entre as palavras e as coisas e das palavras consigo mesmas), interessamo-nos particularmente pela primeira. “*A não-co incidência interlocutiva é colocada, com apoio em uma concepção pós-freudiana do sujeito, não coincidente consigo mesmo pelo fato do inconsciente*” (p.22), e é em função dessa não-co incidência do sujeito consigo mesmo que vemos nas não-correspondências das marcas pessoais um momento em que um sujeito intencional - “eu” - escapa e um outro, inconsciente, emerge. Acreditamos que, embora Authier-Revuz pareça

fazer referências à interlocução, isto é, a dois locutores enquanto singularidades, seu texto dá margens a pensarmos a não-coincidência interlocutiva como referente a um mesmo sujeito<sup>65</sup>, “*um*’ *entre os emunciadores*” (p.22).

Segundo a autora, duas figuras tomam lugar no dizer: (1) conjurar um fato e (2) tomar em conta o não-um, podendo ser esta última algo como “*as palavras que eu digo não são as suas*” ou “*as palavras que digo são as suas, não as minhas*” (p.22). Seguindo seus passos, sugeriríamos uma terceira figura ou, no mínimo, uma (2’): tomar em conta o não-um em mim mesmo, marcando que “*as palavras que eu digo não são as minhas*” ou “*as palavras que digo são de outro, não as minhas*”. Enunciados do tipo “*os brasileiros foram muito gentis comigo e ajudam muito simplesmente porque eu foi o chefe*” talvez deveriam ser analisados sob esse prisma. Se há um não-um no próprio “eu”, ele parece emergir da pessoa-verbal que aqui remete a um outro, a uma terceira pessoa, ou, ainda, a uma segunda, já que nessa variante do Português a segunda pessoa mais frequente é ambigualmente conjugada em terceira pessoa (“você foi” assim como “ele foi”).

Mas resta-nos indagar, afinal, quem *foi o chefe*? Se ‘as palavras que digo são de outro, não as minhas’, eis aí esse “outro”. Talvez os brasileiros tenham sido gentis, inclusive ajudando, simplesmente porque tal sujeito não foi realmente o chefe, não tomando efetivamente sua posição - no que seria, no âmbito do imaginário, o lugar colocado de chefia - daí a dificuldade de enunciar-se como tal (“eu fui o chefe”). Não consideramos tal não-correspondência pronome pessoal-pessoa verbal como uma falha sistêmica do aprendizado, pois em outros momentos o enunciador demonstra poder conjugar tal verbo em primeira pessoa (“*por isso eu fui um pouco preocupado com esse assunto*”). O mesmo

---

<sup>65</sup> Esta foi, a princípio, a conclusão que chegamos no Seminário Avançado em Linguística Aplicada, orientado por Maria José Coracini, ao longo do primeiro semestre de 1999.

fenômeno pode ser observado com a conjugação do verbo “fazer”, que oscila entre a primeira e a terceira pessoa em momentos diferentes do discurso: *“Esta pequena frase, ‘graças a Deus’, eu simplesmente fez porque também as pessoas mais uma vez riram”*, enquanto que no mesmo dia, cerca de uma hora mais tarde, o mesmo aprendiz enunciou: *“Bom, eu fiz aulas com grandes interrupções”*<sup>66</sup>.

No capítulo “Do Eu da Intenção ao Jogo do Acaso”, a autora pontua como *“um dizer em acordo com as leis do dizer”* (p.61), *“a coragem de dizer o verdadeiro nome”* (p.65). E aí partimos a uma nova via: a impossibilidade do sujeito de enunciar-se como tal em dada língua-cultura estrangeira por faltar-lhe a “coragem” de dizer o verdadeiro nome, ou mais especificamente, de enunciar-se por inteiro através de um pronome (“eu”) e a pessoa-verbal a ele correspondente. Se houve uma instabilidade da primeira pessoa, talvez seja por faltar, por parte do enunciador em L2, a “coragem” de mostrar-se, enunciativamente, por inteiro. Nos estudos da aquisição de linguagem na visão não gerativista de Pereira de Castro (1997), *“a criança não tem outra possibilidade constituinte senão enquadrar-se na fala do outro”*. Aquele que está em processo de aquisição - ou, no caso específico de nosso estudo, em processo de inscrição - necessita, portanto, do outro enquanto substrato da construção de sua própria posição enunciativo-discursiva, pois é significado a partir, também, da fala do outro, de seu efeito estruturante na constituição de sua própria subjetividade. *“Do efeito estruturante dessa identificação fundamental e sujeição à imagem do outro, depende, para o interacionismo, o processo de aquisição da linguagem”* (Pereira de Castro: 1997, p.3).

Há, de qualquer maneira, uma substância inconsciente tentando tomar forma na

---

<sup>66</sup> Os exemplos apresentados neste capítulo de maneira ilustrativa encontram-se devidamente reproduzidos nos estudos de caso do Capítulo III e sobretudo V.

materialidade lingüística ou, no mínimo, tentando desestabilizar a forma com que o “eu” forçosamente demonstra ser dono de seu dizer. “*O desejo inconsciente, cuja articulação com a língua e seus jogos, já no cerne do raciocínio freudiano, está sob o nome de ‘lalangue’ [‘alíngua’] - ‘linguagem do desejo que fala no mecanismo da língua’, (...) abre ao mesmo tempo nesse dizer a falha de seu impossível controle*” (p.78). É nesse ponto que achamos oportuno lembrar que ao tocar no tema do inconsciente no estudo de línguas, tocamos no interdiscurso (Pêcheux:1995), na incidência vertical que por momentos corta a linha do dizer - por sua vez, do nível intradiscursivo.

O interdiscurso abriria no dizer, nas palavras de Authier-Revuz, *a falha de seu impossível controle*. É ele, portanto, indicativo de que o sujeito não é dono de seu dizer e de que estaria, por momentos, arriscado a falhar-se na própria enunciação - *eu foi; eu nunca lembra; eu recebe*; etc. -, ou seja, na materialidade discursiva de sua enunciação, a saber, o nível intradiscursivo. A distinção entre esses dois níveis permite caracterizar as dimensões da diversidade e da alteridade, fundamentais à abordagem da produção e da compreensão em segunda língua-cultura. A diversidade diria respeito às diferenças nacionais, culturais e lingüísticas, enquanto a alteridade - noção fundamental ao nosso estudo - abordaria a problemática contraditória da relação língua(gem)-identidade, considerando uma subjetividade descentrada e a determinação sócio-histórica do dizer. A alteridade discursiva estaria, portanto, situada no nível do interdiscurso.<sup>67</sup>

Já as representações - de semelhanças e diferenças - construídas no intradiscurso, “*correspondem predominantemente ao registro imaginário do eu (enquanto ego) do dizer*” (Serrani-Infante: 1998a, p.234). É pois no âmbito do imaginário que os objetos, organizados em classes e localizados em um espaço e em um tempo, se ligam. É nesse

âmbito, portanto, que as imagens feitas de um pelo outro são organizadas e atribuídas de sentido, marcando assim a posição - não-simétrica - dos interlocutores. Segundo Authier-Revuz, *“a categoria lacaniana do imaginário permite compreender a posição metaenunciativa ocupada pelo sujeito que se apresenta acima do seu dizer, como que sob o domínio de um imaginário da enunciação, preenchendo para o enunciador uma necessária ‘função de desconhecimento’ no que se refere ao real da enunciação que, de múltiplas maneiras, escapa-lhe”* (1998, p.170). Esse desconhecimento, por sua vez, assim como Authier-Revuz o coloca, parece situar-se, no próprio sujeito, na realidade de sua enunciação, não-simétrica até mesmo na relação de si consigo mesmo.

Mais à frente, na retomada que Authier-Revuz faz dos quatro eixos da não-coincidência do dizer, mais precisamente da interlocutiva, podemos pensar mais especificamente na interlocução de um estrangeiro e um brasileiro e no jogo das relações imaginárias estabelecidas entre eles: *“o outro aparece como o reflexo do mesmo por meio de uma regra de conversão’ - é uma distância estrutural, irreduzível que, pelo fato do inconsciente, singular, marca a relação de dois sujeitos, radicalmente ‘não-simetrizáveis’, para retomar a expressão de J.C.Milner”* (p.192). Aí enxergamos o estrangeiro e o falante de Português materno como sendo sujeitos não-simétricos não só por estarem em posições diferentes, mas, sobretudo pelo fato do inconsciente, por estarem marcados pelo próprio descentramento que suas constituições acarretam, pela não-simetria de suas próprias constituições subjetivas.

Pereira de Castro (1997, p.11), tomando Henry (1992) por referência, vai dizer que *“se toda fala é ‘atravessada pelo já dito e já escutado’, o funcionamento da língua marca a possibilidade de uma desestruturação, mais radicalmente, a impossibilidade da simples*

---

<sup>67</sup> Serrani-Infante: 1998a, pp. 238-246.

*repetição*”. Pois, simultaneamente à identificação imaginária, ocorre, no sujeito, a desestruturação do mero reproduzir - uma vez que os efeitos de sentido de um enunciado não poderiam manter-se os mesmos através da reprodução de dados elementos da materialidade lingüística. Por ser, ao mesmo tempo que uma materialidade, um processo discursivo, o enunciado tem seus efeitos ressignificados quando de sua repetibilidade na construção/reconstrução de dado imaginário. A mesma sentença produz efeitos outros, interpretações outras, sentidos outros quando enunciadas por A ou B - enquanto lugares determinados na estrutura de uma formação discursiva (Pêcheux *in* Gadet & Hak: 1997) -, dependendo de suas posições no âmbito das relações imaginárias estabelecidas entre si, o outro e o referente. Há como que uma ressignificação do “eu” e do referente da enunciação nas “inadequações gramaticais” que observamos. E é precisamente a identificação imaginária atravessada pela dimensão interdiscursiva da alteridade que está em jogo.

É neste ponto da discussão teórica e da prática do ensino/aprendizagem de línguas que Serrani-Infante pergunta: *“como pensar a questão da identidade e sua relação com a língua(gem), particularmente no caso das segundas línguas, nesta dimensão interdiscursiva da alteridade?”*. É pois na procura em compreender o que faz nexos (e entre os) humanos, particularmente no caso do encontro com segundas línguas, que a autora localiza o processo, fundamental e amplo, de “tomada de palavra”, aprofundando o estudo da incidência de fatores não cognitivos. *“Quando se toma a palavra, sabemos, toma-se um lugar que dirá respeito a relações de poder, mas, simultaneamente, ‘toma-se’ a língua, que tem um real específico, uma ordem própria”*<sup>68</sup>. É na revisão crítica da Análise do Discurso que, segundo a autora, supõe-se o reconhecimento do real da língua, da condição de existência sob a forma do simbólico - nos estudos da linguagem e na teoria psicanalítica -

“isto é, do próprio da língua, através do papel do equívoco, da elipse, da falta.” O discurso seria, então, “constituído por uma materialidade que é, simultaneamente, lingüística e histórica”<sup>69</sup>.

Quando abordamos a questão das não-correspondências não enquanto meras inadequações gramaticais mas, sobretudo, de uma perspectiva discursiva, como incidências verticais do interdiscurso na materialidade - intradiscursiva - dos enunciados de estrangeiros no Brasil, observamos que não seria possível assim concebê-las sem considerar que aquele que as enuncia é antes um sujeito que, na ordem de sua constituição sociohistórica e inconsciente, toma a palavra em segunda língua de maneira significativa - significativa ao seu próprio descentramento e ao não-um do sentido de sua enunciação. É nesses termos que Serrani-Infante (1998 a, p.248) concebe o processo de tomada de palavra em segunda língua-cultura “como a inscrição em traços significantes, interdiscursivos, inconscientes, que se realizam fundamentalmente por metáfora e metonímia e que vão constituindo o sujeito do discurso pois, neste enfoque, é na linguagem que o homem é homem e se defronta com o problema de seu ser”.

#### *IVc. Considerações acerca da visão de Freud sobre os atos falhos da língua*

A segunda edição das *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* - edição *standart* brasileira de 1987 - particularmente a publicada como *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, com textos originais de cerca de um século atrás, apresenta as observações acerca dos atos falhos, entre eles, segundo a nomenclatura freudiana, os “lapsos” e os “erros”. Tais atos relacionam-se com as não-correspondências à medida em que há nelas

<sup>68</sup> Em nota (26), a autora lembra que “de fato, ao tomar a palavra somos tomados pela língua”.

<sup>69</sup> As citações desse parágrafo referem-se a Serrani-Infante: 1998a. pp.246.248.

uma espécie de *esquecimento* do “eu” em certos pontos da materialidade lingüística. Embora haja em *Sobre a psicopatologia* o primado do esquecimento a partir de conteúdos recalçados<sup>70</sup>, há inúmeras indicações de como investigar qualquer ato que seja falhado na língua - em Freud, mais freqüentemente em língua materna - e de como tais atos podem estar relacionados a algo que normalmente não se diz ou não se pode dizer, ou seja, a algo reprimido ou ainda suprimido da fala corrente do sujeito.

De nossa perspectiva acreditamos não poder investigar os motivos que dirigiram a formação de dado conteúdo recalçado - por ser esta matéria da psicanálise -, mas talvez identificar tal conteúdo através das não-correspondências observadas possa dizer-nos algo sobre as estratégias de aprendizagem e de não-aprendizagem do sujeito que ora inscreve-se numa segunda língua-cultura, ou ainda, sobre as influências que perturbam a intenção consciente do sujeito em enunciar “correto” ou, mais precisamente, em enunciar-se da maneira devida, sem qualquer lapso entre os elementos da cadeia que garantem as marcas de sua pessoa - sobretudo em pronomes e verbos.

De fato, o próprio Freud afirma e reafirma, por diversos momentos, que tanto nos lapsos de fala e escrita quanto nos erros “*houve alguma perturbação devida a processos anímicos situados fora de nossa intenção*” (*op.c.*, p.195). Haveria igualmente uma certa “*complacência do material lingüístico (...) que possibilita a determinação do erro*” (*id.ib.*). Os comentaristas das *Obras completas* lembram que em outros momentos Freud refere-se a

<sup>70</sup> “Recalque” ou “recalcamento”, segundo Laplanche & Pontalis (1998, pp.430-5), seria:

“A) No sentido próprio. Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligados a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão - suscetível de proporcionar prazer por si mesma - ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências.

O recalque é especialmente patente na histeria, mas desempenha também um papel primordial nas outras afecções mentais, assim como em psicologia normal. Pode ser considerado um processo psíquico universal, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo. [cont. na próxima pg.]

essa mesma particularidade do material lingüístico, dentre as quais destacamos: “*As palavras são um material plástico com o qual se pode fazer toda sorte de coisas*”<sup>71</sup> e também sobre a ambigüidade possibilitada “*pela flexibilidade do material da fala*”<sup>72</sup>.

No caso de pensarmos esses mesmos atos em uma língua segunda, poderíamos inferir que a flexibilidade do material lingüístico é aqui muito mais evidente e manifesta nas enunciações - o que nos indicaria a hipótese de que aquilo que fala pela língua outra poderia estar falando mais a partir do pré-consicente, e também do inconsciente, do que pela intenção consciente do sujeito, dado o caráter por demais incompleto e flexível de uma língua que não seja a materna. Obviamente, segundo o próprio autor, “*esses erros derivados do recalçamento devem ser claramente distinguidos de outros que se baseiam numa verdadeira ignorância*” (op.c., p.194) e por isso acreditamos ser necessário, ao estudar os casos de não-correspondências, verificar se há por parte do sujeito que enuncia o conhecimento e inclusive o domínio no uso de dado tópico que mostra-se, em outros momentos, falhado.

Como sinalizamos acima, não há um aproveitamento direto, sem desvios, dos pressupostos freudianos ao observar os atos falhos - em língua materna - com nossos estudos em segunda língua. Mas há, certamente, muito para refletir sobre suas observações quando defrontamo-nos com as não-correspondências entre pessoa pronominal e pessoa verbal nas enunciações em Português de falantes de alemão materno, uma vez que, de alguma maneira, segundo o autor, “*um erro é uma indicação geral de que a atividade anímica em questão teve de lutar com alguma influência perturbadora*” (op.c., p.194). É

---

B) Num sentido mais vago. O termo “*recalque*” é tomado muitas vezes por Freud numa acepção que o aproxima de “*defesa*” (...)

<sup>71</sup> Ed. Standart Brasileira, Vol. VIII, p.48.

<sup>72</sup> Ed. Standart Brasileira, Vol. IX, p.88.

precisamente aqui onde encaixam-se os pressupostos freudianos e nossa perspectiva de trabalho: quais seriam as influências perturbadoras que estariam colocando em xeque a posição enunciativa-subjetiva daquele que se enuncia em primeira pessoa numa língua outra?

Nos casos observados por Freud há uma investigação, tipicamente analítica, que acaba por esclarecer a rede de percursos dos conteúdos recalçados que motivaram o ato falho<sup>73</sup>. Em nosso caso, entretanto, tal investigação extrapola os limites da atuação pedagógica e de pesquisa em Linguística Aplicada, devendo atermos, portanto, à via discursiva.

As influências perturbadoras que estariam colocando em xeque a posição enunciativa-subjetiva daquele que se enuncia como “eu” em uma língua outra, devem ser apreendidas na própria materialidade linguística, na observação daquilo que constituiria, para o estrangeiro, como um imaginário (enquanto conjunto de imagens) acerca do Brasil, dos brasileiros e da língua em que ora enuncia, bem como do estabelecimento de um imaginário (enquanto registro, nos termos de Lacan) que dê sentido às enunciações na língua outra produzida<sup>74</sup>.

Freud mostra “*a probabilidade de que o lapso seja consequência de uma contradição que, no interior do falante, ergue-se com a frase proferida*” (op.c. p.65), e é a partir dessa

<sup>73</sup> Sobretudo nos casos de *Signorelli* (cap.I: *O esquecimento de nomes próprios*) e de *aliquis* (cap.II: *O esquecimento de palavras estrangeiras*), há uma teia de estabelecimento de relações a partir do termo suprimido pelo esquecimento, até que se chegue ao(s) conteúdo(s) recalçado(s). O próprio Freud afirma que “*é bastante óbvio que o exame das imagens linguísticas “errantes” que estão abaixo do limiar da consciência sem que tencione dizê-las, bem como o pedido de informações sobre tudo o que estaria na mente do falante, são procedimentos que se aproximam muito das condições de nossas “análises”*”. Também nós estamos à procura de material inconsciente e até o investigamos pelo mesmo caminho; só que, para ir das idéias que ocorrem à pessoa interrogada até a descoberta do elemento perturbador, temos de seguir um caminho mais longo, através de uma série completa de associações” (1987, p.64). Nos casos analisados, “*a contradição se enraíza em fontes recalçadas e decorre de pensamentos que acarretariam um desvio da atenção*”. (id, p.30). Um dos mecanismos do esquecimento então seria “*a perturbação de um pensamento por uma contradição interna*”. (id.ib.)

compreensão que partimos aos nossos estudos do *corpus* da materialidade lingüística das próprias frases onde dada não-correspondência entre pessoa pronominal e verbal é revelada. Pois, mesmo estando a influência perturbadora fora da intenção do que se enuncia, ela faz emergir, parafraseando Freud, uma contradição interior do sujeito através do “erro”, do “lapso”, da “falha” ou, em nossos termos, da não-correspondência entre os elementos da cadeia. É, pois, de uma visão discursiva que acreditamos ser o interdiscurso um nível fundamental de passagem da contradição interior do sujeito à evidência do “erro” já na materialidade do intradiscurso.

Enquanto a análise do discurso de Pêcheux vê nas fissuras por onde o interdiscurso se manifesta a manifestação própria de um real (exterior), Freud fala de um *algo externo* ao que se enuncia influenciando os lapsos de fala: “*Quase invariavelmente descobro (...) uma influência perturbadora que provém de algo externo ao enunciado pretendido; e o elemento perturbador é um pensamento singular que permaneceu inconsciente*” (1985, p.66). Há que se pontuar, entretanto, algumas diferenças: enquanto o primeiro faz aí referência “à interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (‘o mundo das coisas’)”<sup>75</sup>, o segundo fala de algo externo ao enunciado, porém presente enquanto pensamento inconsciente, recalcado e, segundo nos mostram os lapsos, perturbador<sup>76</sup>.

#### ***IV.d. Pêcheux e o reconhecimento de que não há ritual sem falhas***

Alguns anos após escrever *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio* (1975), Pêcheux vê-se inclinado a retificar certas teses presentes nesse trabalho. Isso

<sup>74</sup> Conforme os sentidos dados ao termo “imaginário” na seção “e” deste capítulo.

<sup>75</sup> Pêcheux: 1995, p.164.

acontece sobretudo no artigo *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* escrito entre 1978 e 79 e publicado, nos anos seguintes, como um dos anexos do próprio *Semântica e Discurso*.

Aqui Pêcheux, acreditando falhar em *Semântica e Discurso* precisamente o fato de “levar demasiadamente sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, separa definitivamente o conceito psicanalítico de recalque da idéia filosófica (platônica) de esquecimento ou apagamento” (ed.bras.1995, p.300). Desse modo entendemos que o esquecimento relacionado por Freud (1987) ao recalque não seria o mesmo que “o apagamento de qualquer traço detectável do mecanismo ideológico no sujeito pleno que nele se encontra produzido”.<sup>77</sup> Pois “ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se ‘manifesta’ incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/non-sens do sujeito dividido”.<sup>78</sup>

É precisamente essa pulsação sentido/non-sens que parece produzir não-correspondências. Antes de prosseguirmos, porém, com tal afirmação, devemos lembrar que o *Inverno Político Francês* é o momento em que Pêcheux desvencilha-se totalmente da idéia de um sujeito-centro-sentido, uma vez que, segundo o próprio autor, “o tempo da produção e o do produto não são sucessivos (...), mas estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma ‘pulsação’ pela qual o non-sens inconsciente não pára de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar” (p.300). E agora acreditamos poder dar

---

<sup>76</sup> Freud: 1987, pp. 66-84.

<sup>77</sup> Pêcheux: 1985, p.299.

continuidade à afirmação acima: as não-correspondências produzem-se na pulsação sentido/*non-sens* uma vez que não há na interpelação ideológica um ritual sem falhas.

Ao tomar a palavra em primeira pessoa numa segunda língua-cultura (enquanto ritual da interpelação ideológica) e ao falhar-se na estabilização dessa primeira pessoa ao longo da cadeia (enquanto falha do ritual), o sujeito - que não é jamais um centro-sentido em si - vem expor certa resistência ao ritual ao mesmo tempo em que é dele seu produto ao enunciar-se em uma língua-cultura outra. *“O lapso, o ato falho (falhas do ritual, bloqueio da ordem ideológica) bem que poderiam ter alguma coisa de muito preciso a ver com esse ponto sempre-já aí, essa origem não-detectável da resistência e da revolta: formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio”*.<sup>79</sup>

Quando acima, através das palavras de Pêcheux, citamos que o tempo do produto não sucede o tempo da produção, não perdemos de vista que para o autor o *sujeito* e sua *forma-sujeito* constituem-se aqui precisamente o produto - da interpelação ideológica - que “transforma” indivíduos em sujeitos capturando-os pelo inconsciente via mecanismos de dominação. Daí a tríplice aliança de que nos fala Pêcheux nos parágrafos iniciais do *Inverno Político Francês* entre a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise, pois sem o conceito psicanalítico de sujeito do inconsciente não se poderia apreender a interpelação ideológica que, por sua vez, é manifesta via discurso, isto é, é materializada, enquanto assujeitamento, na reprodução de certas discursividades por parte do sujeito.

Mas eis que tal ritual não é sem falhas, uma vez que o “lapso”, o “erro”, a “falta” e o

---

<sup>78</sup> Pêcheux: 1995, p.300.

<sup>79</sup> Idem p.301.

bloqueio vêm colocar em risco tal dominação, tal assujeitamento, fazendo por vezes com que haja um esquecimento do sujeito de si mesmo - e aqui falamos agora do esquecimento freudiano. É mais precisamente tal esquecimento - psicanalítico e não filosófico - que acaba por produzir enunciados onde o “eu” não se sustenta ao longo da cadeia discursiva, expondo, assim, não só o ritual, mas também sua falha. Talvez faltasse no texto de Pêcheux de 1978/79 apenas a afirmação de que a falha seria, por si, a melhor prova de existência do ritual.

#### *IV.e. O Imaginário*

*Caros colegas,*

*Eu não aguento mais! Agora chega do sol queimando a pele, das caipirinhas gostosas, das praias bonitas, do futebol do campeão mundial com 30 times no campeonato para não rebaixar a Flu, chega de todos os pequenos Ayrtons nas estradas esburacadas, chega dos churrascos com picanha e filet mignon, da cerveja que conquista títulos no mundo inteiro, das piranhas na Amazonia, dos jacarés no Matto Grosso, das mulatas em Salvador, dos veados na floresta campineira, dos fins de semana no litoral Paulista, chega de água em Foz do Iguaçu, do Cu em Ritiba, das cachoeiras em Minas, dos assaltos em Belém, dos frangos no restaurante da firma, do pagamento em 36 vezes sem juros, chega de peixes e lagostas em Fortaleza, dos acidentes de carro em Campinas, do carnaval em Santos, do rodízio de carne, peixe ou carro, da sorvete em barrils a tarde, chega de mosquitos e burchudos, das novelas, dos Portugêses, chega de frauldas tamanho P, chega de chuva: agora começam as lágrimas da despedida!  
Espero que vocês sabem em que país maravilhoso estão morando e que aproveitarão todo isso.  
Até mais,  
M.<sup>80</sup>*

<sup>80</sup> Mensagem de despedida de um jovem engenheiro alemão a seus colegas de trabalho da filial brasileira de sua firma, após dois anos residindo em Campinas - onde, juntamente com sua esposa alemã, concebeu e deu à luz seu primeiro filho, “um brasileiro”, poucos meses antes de deixar o país. Mensagens desse tipo são comuns na ocasião de retorno desses profissionais à Alemanha. [Obs: foi mantida a grafia original do texto, circulado por e-mail].

Dizer que ao entrar em contato com uma segunda língua-cultura um sujeito se encontra envolvido em novos imaginários e em relações imaginárias outras que acabam por mostrar, por sua vez, dimensões outras desse mesmo sujeito, aponta, antes de mais nada, para a necessidade de definir o que consideramos por *imaginário* e quais suas implicações no deslocamento subjetivo em aprendizes de língua estrangeira. A epígrafe acima ilustra que há por parte desse estrangeiro um imaginário de Brasil, um conjunto de imagens do país e da comunidade que o constitui. É esse imaginário, por sua vez, que faz com que seu enunciado tenha um sentido, ao menos para aquele que enuncia e para a imagem que faz de seus interlocutores - no caso, colegas brasileiros e alemães residentes no Brasil. É a partir de um imaginário - enquanto conjunto de imagens do Brasil - que começam a ser estabelecidas as relações imaginárias a partir das imagens feitas entre o estrangeiro que enuncia em segunda língua, o outro - enquanto singularidade - e o referente. Mas seria somente no âmbito do registro imaginário - enquanto tecido do representável - que os objetos (imaginários) se ligariam.

A noção de imaginário, portanto, abarca uma tripla função: uma diria respeito ao conjunto de imagens, mais ou menos compartilhadas entre os (co)enunciadores, de dado objeto. Esta função tem sido considerada sobretudo nos estudos realizados no âmbito das Ciências Sociais (cf. Durand: original de 1969, *As estruturas antropológicas do imaginário*) e na psicanálise junguiana (cf. *Dicionário de Ciências Sociais*); Outra às relações estabelecidas entre as imagens feitas de um e do outro entre os (co)enunciadores, bem como do referente da enunciação, a partir das posições subjetivas, constituídas sociohistoricamente, ocupadas por um e por outro (cf. Pêcheux: original de 1969, *Análise Automática do Discurso*); E ainda uma outra, influenciando a função anteriormente descrita, caracterizada na teoria da psicanálise lacaniana como a representação que vem dar

sentido exatamente ao irrepresentável (cf. Melman: original de 1980, *Incidências subjetivas do bilingüismo*). Para chegarmos à síntese dessas caracterizações, porém, acreditamos ser pertinente neste momento perpassar alguns pontos do caminho da constituição dos sentidos do termo *imaginário* e de suas implicações no ensino/aprendizagem de língua-cultura segunda ou estrangeira.

Creemos que a questão do imaginário inicia-se com os estudos sobre a iconicidade – “*según la cual existen signos que adquieren su capacidad de tales por parecerse a los objetos que denotan*”<sup>81</sup> - realizados nos Estados Unidos no final do século XIX. As contribuições desses estudos para a teoria da informação, ou da comunicação, foram inegáveis, sobretudo em função das crescentes atividades da comunicação de massa no presente século e da necessidade de se refletir sobre as imagens às quais estamos expostos. Segundo Sercovich (1977), é a partir do estudo de Barthes publicado em *Communications*, 4, em 1964, intitulado “Retórica da Imagem”, que os signos, em relação com seus objetos dinâmicos - ícones, índices e símbolos -, passaram a ser vistos a partir de sua relação com a ideologia, considerada por Barthes como um *campo comum dos significados de conotação*.

Os estudos posteriores, sobretudo de semiólogos europeus, consideraram a imagem utilizando basicamente os esquemas lingüísticos, excedendo em muito o interesse meramente semiótico e já contendo “*la polaridad saussuriana entre lo abstracto y lo concreto individual e irrepitable*”<sup>82</sup>. Saussure, aliás, acreditava, em seu *Curso de Lingüística Geral*, que a lingüística seria parte de uma disciplina maior, a semiologia.

Frente aos estudos semiológicos voltados para as representações perceptivas da

---

<sup>81</sup> Sercovich: 1977, p. 13.

<sup>82</sup> Sercovich: 1977, p.17.

comunicação, Sercovich<sup>83</sup> opta por deixar à ótica, à acústica ou à psicofisiologia da percepção o que lhes pertence e abstrair das diferentes materialidades significantes, da substância da expressão e das formas de manifestação das estruturas superficiais. “*Llamaré dimensión imaginaria de un discurso a su capacidad para remitirnos ‘en forma directa a la realidad’*”, mesmo que aí surja uma contradição no que se refere ao fato de, pelas premissas do racionalismo e do empirismo clássicos, ao imaginário opor-se o real.

Sercovich acaba por denominar “*‘imagem’ a la unidad analitica de todo proceso discursivo en su dimensión imaginaria, es decir, de acuerdo con la primera definición, de su capacidad de reenvio directo a la ‘realidad’*”<sup>84</sup>, acreditando, nesse sentido, que a imagem acaba reconhecendo condições de produção específicas. E o que seriam essas condições de produção? De acordo com Pêcheux, participam das condições de produção tanto a posição dos protagonistas do discurso, isto é, “*uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro*”<sup>85</sup>, quanto o “referente”, “o contexto”, “a situação” na qual aparece o discurso. Mas sublinhemos “*que se trata de um objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física*”<sup>86</sup>.

O autor ressalta que os elementos A e B não designam uma presença humana física, mas sim lugares determinados na estrutura de uma formação social. Assim, por exemplo, parodiando o próprio autor, numa esfera pedagógica, A e B designam os lugares do professor e do aluno, ou na esfera transcultural que trabalhamos, designam os lugares do brasileiro e do estrangeiro de língua materna alemã. Assim, em qualquer formação social

<sup>83</sup> 1977: p.30.

<sup>84</sup> 1977: p.32

<sup>85</sup> Pêcheux in Gadet e Hak (orgs.), 1997: p.82.

<sup>86</sup> Idem: p.83.

existem regras de projeção “*que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações)*”<sup>87</sup>. Voltamos agora ao fato de que todo processo discursivo, em língua materna ou segunda, supõe a existência de formações imaginárias. E, tendo em vista os estudos de caso, acreditamos já estar em tempo de definir as formações imaginárias que implicitamente estaremos considerando:

1. A imagem do lugar do Brasil e do brasileiro para o sujeito colocado como estrangeiro, isto é, a imagem que o estrangeiro faz do Brasil e do brasileiro; e

2. A imagem do lugar do estrangeiro para o sujeito colocado como “estrangeiro”, isto é, a imagem que o estrangeiro faz do lugar que ocupa, ou ainda, a imagem que o estrangeiro faz de si mesmo.

A partir daí poderíamos completar a série das formações imaginárias com as derivações do tipo “ponto de vista do estrangeiro sobre o referente” bem como a antecipação das representações do receptor “*sobre a qual se funda a estratégia do discurso*”<sup>88</sup>. Essas imagens feitas por um e por outro, de si mesmo e do outro, bem como do referente e da antecipação das representações poderão ser de particular interesse em nossa observação das não-correspondências de pessoa-verbal e pronominal praticadas por aprendizes de Português quando em processo de tomada de palavra e de posição nessa nova língua-cultura, ou melhor, quando em contato ou confronto com novos imaginários discursivos.

Se voltarmos agora a Sercovich, à sua definição de *imagem* - como unidade analítica de todo processo discursivo em sua dimensão imaginária, com capacidade de reenvio direto à “realidade” -, teremos de precisar a qual “realidade” as imagens das formações

---

<sup>87</sup> idem

imaginárias acima, a partir do brasileiro e do estrangeiro, se reenviam. Ora, se de acordo com Pêcheux, trata-se de um *objeto imaginário* - o ponto de vista do sujeito - e não da realidade física, então essa “realidade” a que se refere Sercovich pode ser vista como uma referência externa, ou melhor, como o efeito da fantasia do sujeito sobre uma referência externa<sup>89</sup>. Assim, um reenvio à realidade poderia ser pensado, por exemplo, quando um falante de alemão-materno, em curso de Português no Brasil, forma dada imagem do Brasil ou do brasileiro que, de certa maneira, mesmo obturada pela própria fantasia, tem a capacidade de reenvio direto a certos aspectos da “realidade” brasileira<sup>90</sup>.

Sem fazer dada imagem de uma sociedade, de seus sujeitos e da língua pela qual essa se constitui em suas mais diversas formações ideológicas e discursivas, não haveria por parte do estrangeiro possibilidade de enunciação em L2, ou esta estaria desprovida de um efeito de sentido. Sercovich afirma que “*la reproducción de las condiciones estructurales de una sociedad exigen al discurso su constitución imaginaria*” (p.43), afinal, segundo o mesmo autor, o imaginário discursivo constitui uma dimensão de toda prática social. Da mesma forma, “*la ‘relación imaginaria’ sería una parte de lo que aquí denomino ‘ideología’ o, preferentemente, ‘relación ideológica’*” (1977, p.44).

O conceito de imaginário discursivo está desde seu começo, segundo Sercovich, “*íntimamente ligado a lo que Jacques Lacan denominó ‘identificación imaginaria’*. Dicha *identificación con la imagen de un semejante (...) caracteriza a la más importante de las formaciones del inconsciente: el yo (Je), instancia que desconoce el ‘saber’ inconsciente y*

<sup>88</sup> Pêcheux in Gadet e Hak (orgs.), 1997: p.84. Para as representações gráficas das formações imaginárias, inclusive as derivadas: pp.83-85.

<sup>89</sup> Claudia Riolfi (1999: pp. 66-67) lembra-nos que Lacan “*vai mostrar que o campo da realidade, longe de se confundir com um real objetivo das coisas, só funciona ao ser obturado pela tela da fantasia.*”

<sup>90</sup> “Realidade”, aqui, traçada a partir de um imaginário - enquanto conjunto de imagens - acerca do Brasil - enquanto objeto imaginário.

*la verdad que lo ocupa*” (p.45)<sup>91</sup>. O “eu”, portanto, aquele que se autoriza a falar em primeira pessoa, desconheceria a verdade que o ocupa, seu próprio inconsciente, seu “saber” inconsciente. Por isso em Lacan (1985) encontramos que “[Eu] é um outro”.

O sujeito estaria descentrado de seu “eu”, de sua posição como indivíduo na sociedade e, no caso de pensarmos no processo de inscrição do sujeito em uma segunda língua-cultura, tal descentramento evidenciaria-se em suas enunciações pelos lapsos de suas próprias enunciações. Atribuir ao “eu”, enquanto pronome reto de primeira pessoa do singular, uma conjugação verbal de terceira pessoa, poderia ser um indicativo de tal processo, mais ainda se remeter a dadas imagens que, por sua especificação, revelem-ocultem aquilo que para o “eu” seria seu saber inconsciente. *“En efecto, el psiquismo está poblado de imágenes, signos que ocultan sus condiciones de producción, que (...) derivan su eficacia de su capacidad para producir en el sujeto un estado de total inmersión en la ‘realidad’ que preforman”* (Sercovich: 1977, p.47).

O sujeito quando em processo de inscrição em segunda língua-cultura, encontra imagens externas e a elas se liga através de suas próprias imagens inconscientes, reproduzindo-as. Os efeitos desse encontro, mesmo caracterizados por incidências interdiscursivas, e embora revelem-ocultem as próprias imagens que os constituem, não ocorrem sem que se deixem marcas na materialidade, revelando-se, assim, na cadeia intradiscursiva através de certos lapsos, faltas, erros, “inadequações gramaticais”. A relação imaginária é, portanto, aquela estabelecida entre o sujeito e a imagem que ele faz do outro - enquanto interlocutor, individualidade empírica - ou de qualquer outro objeto do campo da realidade. De fato, Sercovich (p.47) nos lembra que *“el ‘registro imaginario’ en Lacan*

---

<sup>91</sup> Anteriormente, na p.43, Sercovich já havia afirmado que a imagem cumpre sempre uma dupla função de revelação-ocultação.

*refiere fundamentalmente, frente al simbólico y el real, a la prevalencia de la relación con la imagen de un semejante”.*

Nesse sentido, trabalhamos com o que Authier-Revuz (1998) chama de *imaginário da enunciação* e com *identificação imaginária* segundo a definição de Serrani-Infante (1998a), cujos componentes são a “imagem” e o “eu”. *“Nesta apreensão [imaginária] da relação discurso-realidade, o mundo externo não se compõe de coisas e seres, mas é fundamentalmente composto de imagens. O eu-imaginário (que enuncia seqüências intradiscursivas) se define como uma estratificação incessante de imagens continuamente inscritas em [seu] inconsciente”*<sup>92</sup>. O “eu”, porém, segundo Nasio (1995, p.116), identifica-se, de maneira seletiva, somente com as imagens em que se reconhece. Dai a necessidade de considerarmos a identificação imaginária no imaginário discursivo em segundas línguas, ou seja, das identificações estabelecidas entre o aprendiz e as imagens que faz do mundo das coisas, com as quais se identifica quando em processo de tomada de palavra em uma língua-cultura outra.

Partiremos agora à verificação de outras designações pertinentes do conceito de imaginário e de sua proficuidade ao nosso estudo. Bachelard (1990, p.3) vem complementar nossa investigação ao atentar para o papel imaginante da palavra, primando por ver, nas imagens que causam no sujeito certo arrebatamento, a reminescência de aspectos interiores - que, aqui, julgáramos parte das formações discursivas fundadoras do sujeito - : *“A propósito de qualquer imagem que nos impressiona, devemos indagar-nos: qual o arroubo lingüístico que essa imagem libera em nós? como a separamos do fundo por demais estável das recordações familiares? Para bem sentir o papel imaginante da linguagem, é preciso procurar pacientemente, a propósito de todas as palavras, os desejos*

*de alteridade, os desejos de duplo sentido, os desejos de metáfora.”*

É nessa procura que nos utilizaremos das ressonâncias discursivas de significação para apreender os fatos lingüístico-discursivos que ressoam junto às não-correspondências das marcas pessoais do “eu” em segunda língua. Nesse percurso, a busca por imagens que os estrangeiros tenham do Brasil, do brasileiro e da língua aqui praticada torna-se fundamental. São essas imagens que, também por influência de Bachelard, diremos poder mostrar-nos algo sobre aquilo que mobiliza o sujeito em seu processo de inscrição em segunda língua-cultura, sobre seus desejos de alteridade, de duplo sentido, de metáfora. Não é sem motivo que a noção de ressonância foi concebida por Serrani-Infante a partir do conceito de paráfrase - metáfora e sinonímia -, ou seja, de algo que repete-se de uma maneira ou de outra, na discursividade, na construção de dado imaginário.

Na verdade, segundo o *Dicionário de Ciências Sociais* (p.574), foram Jung e Bachelard que deram ao imaginário um sentido mais específico. O primeiro destacando a universalidade de certas imagens, os arquétipos - conceito fundamental à clínica junguiana -, e o segundo, como vimos acima, explicando a imagem por si própria. Já Sartre (1940, cf. o referido *Dicionário*), chega a determinar várias caracterizações da imagem: ela é consciência, o objeto imaginado é dado imediatamente à consciência.

Para Durand (1969), primeiro diretor do *Centre de Recherches sur l’Imaginaire*, o imaginário “*é o conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens e parece ser o grande denominador fundamental onde se encaixam todos os procedimentos do pensamento humano*”<sup>93</sup>. O enfoque antropológico de imaginário por Durand trata basicamente de compreender e especificar uma função

<sup>92</sup> Serrani-Infante: 1998a, p.254.

<sup>93</sup> *Dicionário de Ciências Sociais* p.574.

psíquica, organizando e sintetizando os dados em regimes de imagens e em estruturas do imaginário, acreditando que “*a função da imaginação é também um fator de equilíbrio psicossocial*” (1969, p.12).

Levaremos em consideração as imagens que os aprendizes aqui observados - germânicos - fazem do Brasil e do brasileiro. Pois, também no caso de uma segunda língua-cultura, seria o imaginário parte crucial das *condições de produção*, seria propriamente “*o âmbito do registro em que objetos se ligam*” (Serrani-Infante: 1993). Dessa forma, o imaginário teria o papel de atribuir sentido àquilo que (segundo Melman: 1992) escapa ao simbólico, de dar um sentido ao real da língua estrangeira.

## Capítulo V

### *As não-correspondências e as Identificações Imaginárias*

#### *V.a. Algumas palavras sobre “descrição” e “interpretação”*

Antes de prosseguirmos com nossas observações, lembremos que este trabalho é marcado pela Análise Discurso. Esta, enquanto *disciplina de interpretação*, permite ver certos gestos de deslocamento: todo enunciado é suscetível de se deslocar, discursivamente, de seu sentido para derivar a um outro. Nas palavras de Pêcheux (1997, p.53): “*Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso.*”

Lembremos ainda que no funcionamento da língua há o domínio da *materialidade* e o do *processo*. Não nos prendemos, portanto, apenas aos aspectos exteriores da língua visíveis em sua materialidade, mas, a partir dessa materialidade, tentamos apreender o que nos for possível do processo que a definiu. Nossos gestos interpretativos e de deslocamentos são uma tentativa de explorar o limite entre a interpretação e a descrição – limite este que se constitui como a própria análise do discurso -, já que o discurso-outro é necessariamente colocado em jogo como espaço de leitura dos enunciados.

Voltando a Pêcheux (1997, p.55): “*Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da seqüência, marca, do interior dessa materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico. E é nisto que se justifica o termo de disciplina de interpretação, empregado aqui a propósito das disciplinas que trabalham neste registro.*”

### *V.b. As identificações imaginárias*

As não-correspondências entre pronome pessoal do caso reto e pessoa verbal constituem o ponto inicial da materialidade lingüística observada em nossos estudos. Mas, além desse aspecto da materialidade, tentaremos adentrar o processo que, concomitante a ela, mostra-se imprescindível de ser considerado. Trata-se, sobretudo, da identificação imaginária, que se coloca no centro da questão da aprendizagem de línguas segundas e estrangeiras<sup>94</sup>.

O reconhecimento do conjunto, ou parte dele, das relações imaginárias presente no funcionamento discursivo, seria o primeiro passo rumo ao reconhecimento das identificações. Embora estas se dêem no “sujeito” – o que prediz um inconsciente –, revelam-se de alguma maneira no “enunciador”, ou melhor, no próprio ato de sua enunciação. Partiremos, portanto, de enunciados, do que neles está contido em termos das imagens que o enunciador faz de si mesmo, do outro, do referente, etc. E é a partir daí que poderemos traçar as possíveis identificações – imaginárias – do enunciador consigo mesmo, com o outro e com o referente.

Ao nos defrontarmos, de princípio, com as não-correspondências, com o *eu* que se mostra como um outro e com o outro que é colocado nos enunciados como o *eu*, a questão da identificação imaginária acaba perpassando todos nossos gestos interpretativos. Na etimologia psicanalítica, *identificação (Identifizierung)*, segundo Laplanche & Pontalis (1998, p.226), seria o “*processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o*

<sup>94</sup> Vários trabalhos da área vêm atentar para a importância da identificação nos processos de tomada de palavra e de posição em segundas línguas, dentre os quais destacamos Serrani-Infante: 1998(a) e 1998(b).

*modelo desse outro. Assim, a personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações*". Ao se identificar com dado objeto imaginário, ou melhor, com a imagem que faz desse objeto, o sujeito torna-se "Um" com esse objeto. Eis a identificação imaginária.

Nesse sentido, para Pêcheux (1995, p.168), identificação seria o "*deslocamento de um sujeito a outros sujeitos*". Mas há nesse processo, igualmente, a identificação de si consigo, ou seja, a ilusão necessária de que "eu sou eu", embora o que chamamos de "eu" seja, antes de tudo, a identificação do sujeito com a formação discursiva que o constitui ou o domina. "*Essa identificação do sujeito consigo mesmo é (...), simultaneamente, uma identificação com o outro (...) enquanto outro 'ego', origem discrepante, etc.: o efeito-sujeito e o efeito de 'intersubjetividade' são, assim, rigorosamente contemporâneos e coextensivos.*"<sup>95</sup>

Vejamos agora como as não-correspondências do tipo *eu=outro* e *outro=eu* estão evidenciando a questão da identificação, e conseqüentemente da desidentificação, através de movimentos parafrásicos, metafóricos e metonímicos daquele que, ao mesmo tempo em que se autoriza a falar em primeira pessoa, acaba não correspondendo-se consigo mesmo, e mostra-se, assim, na forma de outras pessoas do discurso, ou, ainda, atribuindo a elas o si-próprio. Vejamos, portanto, que "*o fato da identificação autoriza talvez um emprego 'literal' da expressão 'pluralidade das pessoas psíquicas'*".<sup>96</sup>

#### ***V.c. Não-correspondências do tipo eu=outro***

(1) Prefiro as praias brasileiras (...) Um colega de Alemanha, a foto... a máquina

---

<sup>95</sup> Pêcheux: 1995, p.167.

fotográfica dele quebrou, *eu fez* um para ele [...] *Eu* nunca *foi* lá [em Santos]. Sempre Guarujá!

[Hef, 1 ano e 4 meses no Brasil, mostrando fotos de Martha's Vinneard, nos EUA, e de Santos, a partir da Anchieta/Imigrantes]

O sujeito que organiza as imagens que faz de um real exterior através de uma ideologia - na qual está inscrito via formações discursivas e ideológicas fundadoras e preponderantes -, simultaneamente tenta organizar a si próprio quando em processo de inscrição em uma língua-cultura outra. Pois nesse processo dá-se a identificação com um objeto imaginário do real exterior. Nos termos de Pêcheux, como já citado, identificação seria o “*deslocamento de um sujeito a outros sujeitos*” (1995: p.168), seria, aqui, em nosso entender, o deslocamento do “eu” a um “outro”, da primeira à terceira pessoa.

Há nas não-correspondências *eu=outro* um processo de identificação através de movimentos parafrásicos, metafóricos e metonímicos. São parafrásicos à medida em que observamos ressonâncias parafrásicas que contribuem para a representação de dado objeto (que é sempre imaginário). Isso veremos sobretudo mais à frente. Também são movimentos metafóricos uma vez que toma-se uma pessoa gramatical – ou do discurso - por outra. De igual maneira podemos observar que o “eu” sofre um certo deslize metonímico, já que ao mesmo tempo em que se identifica (imaginariamente) com o todo, toma-se uma parte pelo todo, toma-se o “eu” ou o “outro”, toma-se “um”, mas não é este o “Um” total do imaginário – o todo – e sim uma parte sua.

A natureza brasileira, mantendo-se como referência, ressoa na sua opinião sobre

---

<sup>96</sup> Freud (*Aus den Anfängen der Psychoanalyse: 1887-1902*, p.211) *apud* Laplanche & Pontalis: 1998, p.228.

uma ilha norte-americana ao ser esta comparada às nossas praias. Ela se constitui como o objeto imaginário do real exterior com o qual Hef parece se identificar. Rara, entretanto, nos longos elogios em contexto pedagógico de Hef sobre a natureza e a geografia brasileiras, é a ocorrência de não-correspondências – por sua vez multiplicadas nos enunciados que tematizam o trabalho, a vida profissional, as relações de poder na multinacional alemã.

A presença do colega alemão, na seqüência discursiva – ou SD - (1), deve ser um fator a ser considerado nesse raro caso de não-correspondência de Hef ao discorrer sobre esse tema. O colega alemão se liga ao movimento de não-correspondência, de equívoco, onde *eu=outro*. Indo nessa direção poderíamos interpretar que Hef quisesse dizer: *na presença desse colega alemão, ao tratar de natureza e geografia brasileiras, mostro-me como outro* – leia-se “como não alemão”, uma vez que, na hipótese da identificação imaginária, Hef tornou-se Um com o Brasil e suas paisagens. Mais à frente, na ocasião da SD (16), voltaremos a esse ponto.

(2) Bom, na minha opinião o país ainda é um país machista... sinto muito. Esta pequena frase “graças a Deus”, *eu* simplesmente *fez* porque também as pessoas mais uma vez riram. Riram, mas... é minha opinião pessoal. *Eu prefere* de morar um país onde as diferenças entre mulheres e homens ainda... são preservantes, exato (...) Bom, geralmente acho que é bom de estar num país machista [...] Como homem, claro. Mas talvez para as mulheres também. Não sei. [Dok]<sup>97</sup>

<sup>97</sup> Todos os fragmentos de Dok referem-se ao momento em que ele cursava Português há quase 2 anos, residindo no Brasil há 1 ano e 7 meses.

Ao declarar que prefere morar num país que, “graças a Deus”, ainda é machista, Dok apresenta não-correspondências do tipo *eu=outro*, num nítido movimento metafórico. Nesse momento ele se identifica com o país, com as diferenças preservadas entre homens e mulheres. Mas é como se existissem dois “eu’s” na cadeia discursiva: um que fala em primeira pessoa nessa segunda língua e outro, o anterior, o das formações discursivas fundadoras, que já se tornou um outro, uma terceira pessoa, que também prefere o machismo, *como homem, claro. Mas talvez para as mulheres também* - já que esse outro “eu”, o da terceira pessoa, o da Alemanha, não conseguiria imaginar uma sociedade que fosse favorável somente aos homens.

De qualquer forma, parece haver um grande “Eu” – total - que contem em seu interior os dois outros “eu’s” aos quais nos referimos. Não haveria aqui um deslize metonímico? Talvez sim: o de tomar uma parte, um “eu”, para representar o todo, o “Eu”, a unidade imaginária. Porém, se nos lembrarmos que, para a Análise do Discurso, a falha, a fissura, o deslizamento podem ser *lugar de resistência* (Leandro Ferreira, 2000: p.24), cabe nos perguntarmos se não haveria nos enunciados com não-correspondências a evidência de um *espaço ou momento de resistência* do sujeito. Resistência esta que poderia se dar em função, no caso da seqüência discursiva (2), de uma nova posição enunciativa: seria “possível” a Dok, do alto de sua posição profissional de administrador, enunciar – na Alemanha, antes de se ver confrontado a uma nova língua-cultura, antes de participar dessa nova realidade sócio-discursiva – que prefere morar num país machista?

Sabemos, de antemão, que na Alemanha a posição ocupada pela mulher tem outros

contornos ideológicos do que no Brasil<sup>98</sup>. Talvez na realidade alemã fosse impossível a Dok fazer tal afirmação. Isso só se daria em função de uma identificação ao outro, ao brasileiro. Seria necessário usar, além da língua-cultura do outro, sua própria máscara, sua *persona*. É assim que percebemos nas não-correspondências tanto um espaço onde as resistências (em fazer tal ou tal afirmação) são evidenciadas quanto de identificação com o objeto imaginário. No primeiro caso, da resistência, há a evidência de que as formações discursivas fundadoras do sujeito estão atuando. Coracini (1997, p.61) declara que “*a regra convive com o heterogêneo, o poder, com a resistência, numa relação de conflitos e contradições*” e que devemos resistir, o máximo que for possível, às tendências homogeneizantes colocadas por toda e qualquer ciência ou formação discursiva. Numa língua-cultura outra a heterogeneidade parece estar mais evidenciada.

(3) É, falamos em cultura [...] É, mas também as pessoas que [eu] *conhece* [na Espanha]. Bom, Brasil agora é um caso especial, porque eu moro aqui. Eu gosto... aqui... a cultura, a vida, como as pessoas se... se dá? [...] se “dão”!?! (risos).

[Tüp, 1 ano e 7 meses no Brasil]

Tüp (3) revela, através da não-correspondência do tipo *eu=outro*, que algo se reorganiza dentro de si. Um “outro” conhece as pessoas na Espanha, não “eu”, já que a primeira pessoa pronominal transformou-se em terceira verbal através de movimentos metafóricos. Não apresentou, entretanto, nenhuma não-correspondência ao afirmar que *eu moro aqui* e *eu gosto aqui*. Algum rearranjo, ou parte dele, já parece ter sido configurado,

<sup>98</sup> Lembremos que, em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha tinha em sua população dois terços de mulheres, sendo elas, portanto, as principais responsáveis pela reconstrução física e moral do país

pois o “eu” mantém-se enquanto primeira pessoa tanto no pronome quanto no verbo. O estranhamento que há é somente em relação ao verbo “dar”: um estranhamento fonético da conjugação da terceira pessoa do plural.

(4) Bom, no início, claro, os brasileiros foram muito gentis e ajudam muito simplesmente porque *eu foi* o chefe. Às vezes foi fácil ou possível de convencer as pessoas. Hoje, acho que tenho um nível da língua que... bom, já é suficiente para... bom... dizer o que eu quero e também de falar com mais segurança e também de decidir como falar alguma coisa para realmente alcançar a meta, né? [Dok]

(5) Mas, claro, *eu foi* consciente que esse parte da palestra sobre a Alemanha [quando a elegeu o inimigo comum daqueles que trabalham na filial brasileira] também foi feito para... bom, talvez conscienciar um pouquinho as pessoas e que nós temos problemas mas também a verdade sempre é no metade. [Dok]

(6) Os e-mails que *eu recebe*, que são de [...] é, mas os oficiais [profissionais], lá tenho também problemas para entender qual é agora o (...) que essa pessoa quer falar agora. [Tüp, 1 ano e 3 meses no Brasil]

A princípio lembremos que na seqüência discursiva (4) o enunciador “optou” por um tempo (Passado Perfeito) que mantém distinção entre primeira e terceira pessoa no lugar do Imperfeito, onde não há marcas de diferenciação entre as pessoas do singular. Aqui *eu=outro*, e por se tratar de um verbo no Passado Perfeito parece-nos que o outro foi

---

(cf. Jenkins et alii: 1992).

o chefe, pois o *eu* exibiu mobilidade. A posição com a qual se deu o início do processo de inscrição de Dok em segunda língua-cultura parece ter se alterado, é o que “eu foi o chefe” parece dizer.

A imagem feita por Dok em (4) vem denunciar a verticalização das relações de poder no Brasil. Nesse sentido, *eu foi o chefe* poderia também estar indicando certo desconforto, do *eu* – daquele que se identifica consigo mesmo –, em ocupar tal posição, isto é, a posição do enviado da matriz / da metrópole, do superior estrangeiro / do colonizador. Há nesta não-correspondência, portanto, duas possibilidades interpretativas: ou um deslocamento da posição enunciativa/subjativa com a qual Dok deu início ao seu processo de tomada de palavra e de posição em língua-cultura outra ou como que uma desidentificação da posição de chefia que “assumiu” no Brasil.

Ambas possibilidades, porém, remetem a uma mesma configuração: o que ressoam são as marcas de uma posição de chefia não “digerida”, não assumida, seja em virtude de deslocamentos da posição enunciativa, seja por desidentificação daquele que ocupa(ria) tal posição – o colonizador, aquele que, nas palavras de Calligaris (1996: p.150), “*manda o colono supor – atrás de qualquer proposta simbólica – o projeto apenas escondido de exploração*”. Podemos observar uma ressonância discursiva que contribui para essa construção imaginária na SD (5).

Uma hipótese explicativa em relação às seqüências discursivas (5) e (6) poderia ser que, os enunciadores, colocando-se como *eu=outro* através das não-correspondências, colocam-se, metaforicamente, no lugar do outro. Mantêm em comum também o fato de referirem-se ao contexto de trabalho aqui encontrado. Na SD (5) Dok mostra que esse *eu* que é um outro foi consciente de que eleger a Alemanha o inimigo comum dos que estão na filial do Brasil fosse talvez uma maneira de conscientizar as pessoas, isto é, de *abrir a*

*percepção*. Já na SD (6), Tüp revela que às vezes o *eu* que é um outro não consegue entender o que as pessoas que trabalham com ele no Brasil querem dizer em seus e-mails, ou seja, declara que não consegue *perceber* o que querem dizer. Ambos, portanto, remetem ao campo semântico de *percepção* - conscientizar e (não) entender.

Se, por um lado, o novo ambiente de trabalho, ou seja, uma nova formação discursiva com a qual se estabelece encontro produz no enunciador uma percepção a ponto dele se solidarizar com o outro e de fazê-lo igualmente *perceber* sua posição digna de defesa – seqüência (5) -, por outro lado é travado um confronto de percepção entre o enunciador estrangeiro e o outro que representa a nova formação discursiva – SD (6). Embora pareçam antagônicos, os dois lados compõem uma mesma unidade, constituem-se enquanto polaridades de um todo. Além de uma metaforização do *eu*, ambos refletem movimentos metonímicos pois, cada um à sua maneira, tomam a parte pelo todo.

Se *eu=outro*, no caso de Dok (5) podemos considerar a possibilidade de uma identificação com o outro e dessa forma caberia supor que talvez ele próprio não tenha percebido de imediato - quando da posição que se deu início à sua inscrição em língua-cultura outra - que não só a verdade está sempre no meio (entre a Alemanha e o Brasil), mas também que a Alemanha, ou a formação discursiva da matriz alemã, constitui-se um inimigo comum daqueles que participam da formação da filial brasileira. Há ainda, em Dok (5), em sua preocupação de conscientizar os brasileiros, uma tomada de posição de poder, de superioridade: eles precisariam ser alertados, pois seriam incapazes de perceber sozinhos.

Aqui o enunciador parece colocar-se numa posição privilegiada: por já ter participado do discurso da matriz, por já ter falado a partir dele, pode ter a consciência, agora que inscreve-se numa nova formação discursiva, de aspectos impossíveis de serem

percebidos por enunciadores de ambas formações. Por estar “no meio”, entre as duas formações ou, como dizem os alemães, “sentado entre duas cadeiras”, Dok se coloca como quem pode perceber a verdade - por sua vez, localizada também no meio. Mais uma vez toma-se a parte – o meio – pelo todo.

No caso de Tüp (6) a dificuldade que o enunciador declara ter em perceber os conteúdos de certas mensagens da nova formação discursiva põe em xeque a existência de um “eu” unitário, pois parecem existir dois: o “eu” que fala em primeira pessoa, que é pronominalizado, e um “outro eu”, o do ambiente de trabalho, ainda não totalmente arranjado internamente em seu processo de inscrição, que recebe mensagens “impossíveis de serem compreendidas”. É freqüente um alto índice de não-correspondências quando os enunciadores observados falam de seu trabalho no Brasil.

Se a adaptação à cultura geral, à língua e ao ambiente natural e humano do Brasil não apresenta muitos problemas, embora causem rearranjos internos no sujeito, em contexto de trabalho há como uma bipartição do próprio sujeito, um descentramento que o divide em dois: enquanto uma parte do sujeito se identifica e se territorializa, a outra não pode acompanhar a primeira pois não percebe ou não entende o que o outro deseja transmitir. É dessa maneira que o “eu”, a primeira pessoa, apresenta-se como “outro”, uma outra pessoa. Se por um lado isso se dá através de movimentos metafóricos – tomar o “eu” pelo “outro” -, por outro lado indica mais um deslize metonímico do “eu”, enquanto parte de um “Eu” total abarcando ambos os “eu’s” que se bipartem.

(7) Falei com ele [um diretor brasileiro da firma com a qual a de Hef se fundiu] (...) “***Eu tem*** que fazer algumas coisas para você ou não?”. “Não, acho que não”. Tudo bem (...) [Agora, que esse diretor pediu muitas coisas urgentemente] ***eu*** não ***tem*** tempo para fazer

outras coisas, porque a mudança deve ser... 3 de janeiro!

[Hef, 1 ano e 3 meses no Brasil]

Em Hef (7) há também mostras de que um “outro” frequenta o ambiente de trabalho, não o “eu”, através da não-correspondência *eu=outro* em contexto de trabalho. Um “outro” perguntou “se tem que fazer algo para um outro diretor”, e é esse mesmo “outro” que, agora, devido a uma falta de planejamento desse diretor, “não tem mais tempo para nada, pois faz algo que já poderia ter começado com antecedência”. Novamente os movimentos metafóricos e metonímicos aparecem em combinação via *eu=outro* e via bipartição do grande “Eu” unitário ao tomar-se uma parte dele.

Parece haver tanto em Tüp (6) quanto em Hef (7) uma desidentificação daquele que trabalha na filial brasileira e nela enfrenta alguns obstáculos, segundo eles, aparentemente típicos da realidade sociodiscursiva encontrada no Brasil. O único problema é que essa desidentificação ocorre entre duas instâncias do mesmo sujeito, no que Lacan revela como *o “eu” é um outro*. É nesse sentido que acreditamos que essas não-correspondências podem vir marcar exatamente a reorganização interna necessária à inscrição dos sujeitos em outras formações discursivas. Elas não estariam mostrando que algo dentro do sujeito está sendo dividido, descentrado, entrando em conflito? E é a flexibilidade excessiva da segunda língua, com o tecido de sua materialidade não muito bem tramado, que permite mais facilmente lapsos desse tipo.

(8) Ainda me lembro bem esse evento. Foi minha primeira visita aqui no Brasil. Tudo foi totalmente novo. **Foi** com olhos grandes e foi impressionante. Foi 10 anos atrás. Foi uma noite em Rio quando nós fomos para um restaurante e aconteceu num semáforo

que um taxista na frente de nosso carro bateu uma menina de 5, 6, 7 anos, da mesma idade de minhas filhas, brutalmente, simplesmente porque essa menina... obviamente perguntou se ele tivesse alguma coisa para ela (...) e até hoje acho que foi a impressão mais forte. Mas pode ser que *eu* também, durante esse período aqui no país, *foi* um pouco anestesiado, adaptado para essa situação. Não mais percebi tudo isso. E... ou também não *quer* perceber tudo isso, simplesmente *virou* a cabeça para outra direção. Talvez, eu não sei. [Dok]

(9) Bom, uma coisa é o pobreza, mas felizmente ou infelizmente, não sei como falar, eu não *foi*, *foi* diretamente... [atingido], sim. Por isso também não foi também um choque tanto. É, tem um conflito, mas... sim, não *foi* diretamente contactado com isso. [Tüp, 1 ano e 3 meses no Brasil]

Há uma nova ressonância dos itens lexicais relacionados à *percepção* no enunciado de Dok (8) mas, desta vez, exibindo uma alienação, uma falta de percepção, ao mesmo tempo em que faz uma denúncia: a brutalidade entre as classes sociais no Brasil. Entretanto, aquele que faz a denúncia, aquele que percebe nitidamente um aspecto dessa brutalidade, dessa verticalização das relações de poder marcada pela diferença sócio-econômica, a seguir ausenta-se dessa percepção, não quer mais percebê-la após ter sido anestesiado por essa mesma realidade.

As quatro não-correspondências do tipo *eu=outro* na seqüência discursiva (8) vêm situar precisamente essa mudança de posição, ao mesmo tempo em que contribuem, enquanto ressonâncias discursivas de significação, para a construção de uma representação imaginária do Brasil: “constatei brutalidade entre as classes (o que poderia significar ‘desidentificação’), porém, para inscrever-me nessa realidade sociodiscursiva ao vir morar

aqui 10 anos depois, tive de virar a cabeça para outra direção ou simplesmente fiquei anestesiado por essa mesma realidade”. Portanto, essa realidade é “brutal”, ao mesmo tempo que causa certa “anestesia”. Talvez, sem essa anestesia, não seria possível fazer uma imagem positiva do objeto imaginário, identificar-se com ele e, por consequência, territorializar-se.

O rearranjo interno, que trouxe como consequência uma nova posição (*eu=outro*), permitiu a inscrição do sujeito nessa nova realidade sociodiscursiva, permitiu sua tomada de palavra e de posição, constituindo-se assim, num jogo de ação e reação, em estratégia de aprendizagem - não apenas no sentido de aprender como se comunicar através do processo de tomada de palavra, mas também de apreender uma posição a ser tomada. Interessante é perceber que tal processo apresentou-se na materialidade lingüística através de movimentos metafóricos - eu=outro - e metonímicos - onde uma parte, “eu”, tem que se desprender do todo para poder representá-lo.

Embora Tüp (9) revele, como Dok (8), a percepção de que a pobreza no Brasil gere um conflito, afirma não ter tido um choque com ela. Será realmente isso? As não-correspondências dizem que não foi exatamente assim: o “eu”, isto é, “um outro”, já que *eu=outro*, não foi contatado com essa pobreza. Há indicações de que um outro não foi contatado, mas o “eu”, a primeira pessoa, não confirma sua falta de contato com a pobreza, pois é suspenso e transformado metaforicamente em outra pessoa. Parece-nos que o “eu” não quer participar de tal afirmativa, pois retira-se exatamente no momento da afirmação - isto é, no verbo que, segundo Port-Royal, “*significa a maneira e a forma de nossos pensamentos, a principal das quais é a afirmação*” (1992, p.101). O “eu”, portanto, não participa de tal afirmativa, sugerindo que talvez tenha entrado em algum tipo de choque com a pobreza no Brasil.

Outro aspecto sustenta essa interpretação: as ressonâncias discursivas em torno dos modos de dizer *categórico* e *denegatório* (Serrani-Infante: 1991): “eu não *foi, foi* diretamente... [atingido], sim”. Ao denegar Tüp (9) demonstra estar sendo categórico. Essa inversão no efeito está diretamente relacionada à não-correspondência pronome-pessoa verbal pela estabilização da forma (“foi”, “foi”) e pela adverbialização positiva (“foi diretamente... sim”).

Há um efeito de vibração semântica (Serrani-Infante: 1991), ou de qualquer modo uma contradição, entre dois pólos distintos de significado: por um lado a tentativa de enunciar que “não foi atingido diretamente pela pobreza no Brasil”, por outro uma afirmação de que “foi diretamente, sim”. Se a inversão relaciona-se com o elemento não-correspondente, a pessoa gramatical, creio que possamos pensá-la como que cumprindo um duplo papel: se por um lado demonstra haver um outro enunciando-se - um outro que “não *foi* atingido diretamente pela pobreza” -, por outro lado indica que o sujeito que se enuncia, ao mesmo tempo em que se coloca no lugar desse outro, mostra sua própria fissura, seu próprio risco de “ser atingido”.

Se voltarmos à caracterização de Pelly (1986) sobre a etimologia de *persona gramatical*, veremos que o termo se liga, em sua origem, a “ressoar através de” ao mesmo tempo em que significava “máscara” ou “pessoa mascarada”. Portanto, algo ressoa através da máscara do “outro” utilizada por Tüp (9). Isso é relevante já que perpassa amplo espectro das não-correspondências aqui observadas: usa-se a imagem do outro para encobrir o próprio “eu”, é nesse sentido que “eu” é um outro, que *eu=outro*. Se assim realmente o for, a não-correspondência vem mapear não só um momento de reorganização interna do sujeito em processo de inscrição em segunda língua-cultura, mas igualmente - e mais uma vez - expor sua divisão, sua bipartição, seu descentramento, sua fissura.

(10) Cada semana *eu recebo* convites para esse tipo de tema (...) Mas, com minha formação [em Economia], acho que seria interessante de aprender todas as coisas sobre o país e não só essas coisas... essas coisas sobre economia e Mercosul, etcétera... Globalização é um palavra *eu* já *tira* fora de meu vocabulário. [Dok]

A recusa de Dok em trabalhar em aula temas relativos à sua área de atuação demonstra uma certa perturbação quanto a ocupar a posição a partir da qual tem atuado. Mais uma vez nos enunciados de Dok, a exemplo das seqüências (4) e (5), o “erro” vem colocar em jogo um certo desconforto com relação à posição ocupada pelo *eu* que, por sua vez, acaba por colocar-se, metaforicamente, na posição do *outro*, ou seja, numa outra posição.

Em *As sutilezas de um ato falho* Freud nos induz a perceber na falha, na falta, na troca ou no erro alguma verdade reveladora – por mais simples e ingênua que seja tal revelação. No caso da SD acima (10) parece haver um conteúdo (nos termos de Freud: 1987), a princípio não revelado, tentando tomar forma na materialidade da cadeia: um certo deslocamento do *eu* de sua posição original, a saber, a posição de um economista alemão que administra, no Brasil, a central latino-americana de uma multinacional.

(11) Uma reportagem do Mercosul. Todos os país novos... Queria ler de novo e perguntar a você algumas coisas, mas [eu] não *fez*, não fiz!  
[Tüp, 7 meses no Brasil]

(12) Não, não tem possibilidade [de manter as aulas], porque no primeiro de dezembro estou... desde o primeiro de dezembro estou em México, volto por 3 dias e

depois, 10, *vai* para... vou para a Suíça. *Volta*... 10 de janeiro. Volto!

[Tüp, 7 meses no Brasil]

(13) [Eu] não *fez* tudo! Não *terminou* a letra [mal-mau] [...] Não! Só quero ver se fiz... se *fez* correto. [Silêncio]. Se fiz correto! (...) Pode ser que *eu* não *terminou* a frase.

[Tüp, 7 meses no Brasil]

As seqüências discursivas (11), (12) e (13) mantêm certa particularidade: apresentam autocorreções – uma, aliás, onde havia correspondência, recorrigida logo a seguir (13). As correções provam a existência de conhecimento dos sistemas gramaticais da segunda língua por parte do enunciador, porém, mesmo assim, este se mostra bipartido em duas pessoas distintas: o *eu* e o *outro*.

O “Um” da identificação imaginária parece ter sido suspenso nos enunciados de Tüp através da oscilação entre 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do discurso. Se há uma identificação com o outro, por ora não podemos afirmar. Há, porém, evidências de que a identificação do enunciador consigo mesmo, isto é, entre duas de suas instâncias subjetivas, foi suspensa. Já que nos três fragmentos o *eu* enunciador se coloca na posição de aluno de Português para Estrangeiros – que não preparou as perguntas que gostaria, que não poderá fazer aulas em dezembro e que não terminou a frase –, arriscaríamos dizer que há em Tüp a desidentificação de si com a imagem do aluno que ele mesmo constrói. É nesse ponto que o Um parece ter sido quebrado ou, no mínimo suspenso.

Carvalho (1995), ao estudar as reversões de pronomes pessoais na aquisição de linguagem, já havia atentado para o fato: “*em sua condição de imaginário, o Um somente poderia ser falado retroativamente, quando está desfeito. Nesse sentido, a unidade*

*(imaginária) não seria falada em sua própria suspensão, ou melhor, no ponto mesmo onde se revela a impossibilidade do limite, da exclusão?”* (p.136). Nas seqüências acima, assim como em praticamente todas aqui observadas, a produção quebrou o “todo imaginário”, aquele que garante que *eu* sou *eu*, ao menos no nível discursivo, enquanto, por outro lado, em alguns casos, revela que a identificação imaginária se dá através da unidade *eu=outro*.

(14) Tive um [sonho]. Nos últimos 7 anos tive um. Antes que *começou* ou escolhi a escola que quero fazer, de marketing. Ou, quando *saiu* da escola de comércio e administrativo, eu falei para mim, bom... quero fazer esta faculdade especial de marketing, porque quero depois trabalhar para uma grande empresa para ir para o estrangeiro (...) Fiz 3 anos de estudo. Depois *entrou*, entrei, em uma empresa.

[Tüp, 7 meses no Brasil]

(15) Sim, *preparou*... preparei já 95% desta apresentação. Está bom. Amanhã precisa<sup>99</sup> só fazer 5% e posso mandar todas as coisas para Alemanha.

[Tüp, 7 meses no Brasil]

Em primeiro, consideramos o estudo de Pereira de Castro (1997, p.10) sobre aquisição de linguagem com relação ao excesso de autocorreções de Tüp nos fragmentos (11), (12), (13), (14) e (15): *“a resignificação do enunciado (...) aponta na direção de uma homogeneização, por um movimento interpretativo que estranha o erro e convoca a*

<sup>99</sup> Como na oralidade por diversas vezes usamos o verbo “precisar” no impessoal, isto é, conjugado na 3ª pessoa do singular, não podemos de antemão afirmar que aqui constitui-se como não-correspondência. Talvez seja um exemplo do que nos fala Lennon (1991), sobre nem sempre ser possível definir exatamente o que é “errado”.

*autocorreção. Isto é, uma identificação ao outro que começa a incluir o reconhecimento da diferença*” (p.10). Significaria dizer que a identificação imaginária ocorre não apenas na própria evidência de uma não-correspondência, mas igualmente no estranhamento que decorre de tais enunciados e de sua conseqüente autocorreção. A identificação imaginária estaria permeando tanto os movimentos metafóricos que originam enunciados onde *eu = outro*, quanto os movimentos de estranhamento por eles causados.

A autocorreção vem, ainda, provar que a conjugação correspondente a cada pessoa gramatical está preservada. Há o conhecimento e a possibilidade de usar tais formas, não sendo portanto uma insuficiência do material lingüístico por parte do enunciador. Antes, nas palavras de Freud, pareceriam-nos prova da *flexibilidade do material lingüístico*.

Façamos agora um comentário geral sobre as não-correspondências do tipo *eu=outro*: Mariani (1996, p.184) observa em sua análise que o sujeito da enunciação, ao utilizar-se de formas na terceira pessoa do singular, procura se apagar na seqüência discursiva. Essa suspensão ou ausência ou ainda bipartição do “eu” acaba por revelar sua própria tentativa de ocultação, evidenciando um efeito imaginário, já que, como vimos, a imagem tem para o sujeito o poder de revelar-ocultar (Sercovich: 1977). E nesse sentido dizemos que, ao se ocultar, o sujeito acaba por se revelar – no caso, por se revelar “outro”, exibindo, assim, sua mobilização.

#### *V.d. Não-correspondências do tipo outro=eu*

(16) *Ele gostei* muito, gostou muito. Totalmente diferente para ele, nunca experimentou [...] Não temos na Alemanha [festas de fim-de-ano ao ar livre]. Temos

confraternizações [de natal], mas é inverno!

[Hef, 1 ano e 4 meses no Brasil, mostrando foto de um colega alemão, da matriz, na festa de fim-de-ano do departamento brasileiro de Hef, em um sítio, com churrasco, piscina, voley, karaokê, etc.]

Voltemos por ora à seqüência (1), também de Hef, onde por dois momentos a não-correspondência entre as marcas pessoais corta a cadeia na forma de *eu=outro*, já que após o pronome reto em primeira pessoa, o verbo é conjugado na terceira. E isso ocorre com dois verbos freqüentes - “fazer” e “ir” -, sendo que “preferir”, um verbo não tão freqüente e cuja sutil irregularidade mantém-se só na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo - e conseqüentemente no Subjuntivo e no Imperativo -, exatamente a pessoa e o tempo escolhidos por Hef, é conjugado corretamente. De um lado, junto à conjugação correta está a “preferência pelas praias brasileiras” (1). De outro, junto às não-correspondências (16) está aquele que se coloca metaforicamente como outro.

Também na SD (16) - assim como na (1) - é a presença de um colega alemão que faz com que “ele” seja igual ao “eu” - “*ele gostei muito*” - onde a não-correspondência vem marcar a identificação com o colega que gostou das festas ao ar livre possíveis no Brasil. Se *ele=eu*, quem gostou de algo que nunca havia experimentado antes de vir ao Brasil foi o “eu”, a primeira pessoa de Hef.

Como já assinalamos, em nenhum outro momento além das seqüências (1) e (16) - e foram muitos -, ao comentar as paisagens, a natureza brasileira, Hef apresenta não-correspondência. Nas duas seqüências discursivas aqui selecionadas - (1) e (16) - há a presença de um colega alemão. Este deve estar representando as formações discursivas fundadoras de Hef, com as quais deu início ao seu processo de inscrição. Agora, ao

deparar-se com o que as representa (o colega alemão), em um outro ponto do processo, Hef mostra-se outro – em termos de pessoa verbal. Segundo Serrani-Infante (1998, pp.163-4), há um impulso “*em termos de posições subjetivas novas propiciadas pela nova relação do sujeito com sua enunciação, para a qual suas formações discursivas fundadoras serão convocadas*”.

(17) Mas eu ainda me lembro de ler um livro sobre o Brasil, um livro de um escritor alemão<sup>100</sup> que se matou aqui no Brasil em 42 (...) Se chama “Brasil”, “Brasilien” (...) O nome do autor é Stefan Zweig. Nas primeiras páginas ele escreveu sobre a imagem geral dos europeus sobre o Brasil. O Brasil é um país tropical, quente, perigoso, etcétera, mas (...) no final do livro ele escreve que... *ele* também *achei* que no Brasil vivem as mulheres mais bonitas do mundo. Isso já em 42, quando esse tipo de comentário acho que não é normal, que foi um período bem mais puritano, mas *ele* já *percebi* isso, essa característica dos brasileiros. [Dok]

Aqui as não-correspondências entre as marcas pessoais do pronome reto e do verbo apontam para a identificação de Dok com aquele que se matou no Brasil e que achava as mulheres brasileiras bonitas: *ele também achei* e *ele já percebi isso*. Se como nos mostram as não-correspondências *ele=eu*, faz sentido supor que Dok é da mesma opinião desse outro - Stefan Zweig - e teve já a mesma percepção.

Tal processo pode ter se dado através de movimentos metafóricos, onde o

<sup>100</sup> “Alemão” estaria aqui sendo usado genericamente, uma vez que Stefan Zweig é austríaco de nascimento, portanto de língua materna alemã. Outro fato que poderia ser considerado ao caracterizarmos-no como “alemão” é o fato da Áustria já ter feito parte do Império Alemão, não sendo sem motivo seu nome ser Österreich, ou seja, Império do Leste, a partir de 1871 (segundo *Perfil da Alemanha*: 1992, pp. 69-87).

enunciador toma o outro por si mesmo, ou metonímicos – imaginando-se o conjunto total das representações do Brasil e dos brasileiros feitas pelos alemães e afins, toma-se uma parte pelo todo ao eleger dada representação e com ela, imaginariamente, se identificar. Neste caso específico, poderíamos pensar que é dentro desse movimento metonímico que ocorre o metafórico: toma-se a parte – a representação imaginária positiva de Stefan Zweig - pelo todo e através desse movimento, toma-se essa parte por outra, ou seja, *ele=eu*.

A obra a qual Dok faz referência e mostras de identificação com o autor, *Brasil, País do Futuro* (1941), apresenta um dos relatos mais apaixonados sobre o país, sua história, suas paisagens e seus personagens. Referindo-se ao seu primeiro contato aqui, Stefan Zweig escreveu: “*Apoderou-se de mim uma ebriedade de beleza e de gozo que excitava os sentidos, estimulava os nervos, dilatava o coração e, por mais que eu visse, ainda queria ver mais*” (p.11 da primeira edição, quando o autor ainda estava vivo). Esse dado é relevante ao observarmos a qual domínio de memória o enunciado de Dok se liga através dos movimentos parafrásicos, metafóricos e metonímicos.

A identificação com aquele que aqui se matou (ou que considerava as mulheres bonitas) é reveladora, também, de que algo está se reorganizando no sujeito através da transformação causada pela “morte” de algum elemento que o constituía. O “alemão” dentro de si, aqui identificado em Stefan Zweig – dada a não-correspondência outro=eu -, deveria se matar. Algo seu realmente “morre”, isto é, está sendo transformado em seu processo de inscrição nessa língua-cultura. Serrani-Infante (1999) já havia afirmado que o encontro com segundas línguas questionará, mobilizará e perturbará as formações discursivas fundadoras, enquanto Revuz (1998, p.215) já havia alertado sobre estar a língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio, afinal “*o encontro com uma outra língua aparece efetivamente como uma experiência totalmente nova*”. A

identificação, aqui, poderia ser entendida como com aquele que “se transformou” no Brasil.

(18) Ele bebe muito. *Ele gosto* festis [festas]. Deve ser... sozinho ou mal casado.

[Hef, 1 ano e 3 meses no Brasil, sobre o personagem estereotipicamente brasileiro do texto trabalhado em aula]

Aqui Hef parece identificar-se metaforicamente com o personagem brasileiro, pois apresenta não-correspondência do tipo *ele=eu*. Hef mostra-se assim como quem gosta de festas e, já que estamos no plano da identificação imaginária, como quem está sozinho ou mal-casado. A própria SD corresponde ao momento em que Hef estava sozinho no Brasil, sem a esposa e os filhos, há cerca de 3 meses. Naquela época, aliás, não havia mais nenhuma possibilidade de sua mulher morar definitivamente com ele no Brasil.

Já que a língua, em si, comporta a possibilidade de rupturas, a seqüência (18) evidencia, além da identificação de Herrf com o “personagem tipicamente brasileiro”, também a ruptura do enunciador com o seu *eu*, a manifestação gramatical de sua pessoa: *eu não deveria gostar de festas, mas rompo com este “eu” e assim posso me identificar com o outro, o brasileiro, e afirmar que “gosto”*.

*V.e. Concomitância e/ou alternância entre não-correspondências dos tipos eu=outro e*

*outro=eu*

(19) Você fica um presidente de A [uma firma] do Brasil. *Você ouvi* este notícia. Você disse “ah, muito bom, *eu faz* meu império aqui!”. Alguém vem de B [uma

multinacional alemã, majoritária de A] e disse “eu gostaria de fazer isso e isso e isso”. “Tch-tch-tch! [negativa] aqui eu tenho uma coisa muito legal”. “Mas nós somos B!”. “Tch-tch-tch!” (...) Precisamos [fazer as crueldades no começo da guerra]! Este *eu... eu aprendeu* [na última fusão de sua empresa no Brasil]!

[Hef, 1 ano e 3 meses no Brasil]

O ambiente de trabalho encontrado na filial brasileira faz-nos identificar, além de bipartições da posição enunciativa-subjetiva, referências em torno do ideal de “fazer a América”, recorrente nas representações imaginárias dos colonos que aqui se estabeleceram, ou seja, *“um tema que, sob várias formas, continuará a aparecer em vários autores que (...) escreveram sobre o Brasil: a idéia de que os europeus que vieram para o Brasil desejavam apenas fazer a América e voltar para a Europa.”*<sup>101</sup>, ao contrário dos imigrantes que se dirigiram para a América do Norte, com suas famílias, para lá se estabelecerem, “fazendo a América” numa terra com a qual se identificariam.

Vários autores denunciaram essas diferenças entre as colonizações da América do Norte e na do Sul. Calligaris, referindo-se tanto ao colono quanto ao colonizador do Brasil, lembra que *“a presença deles aqui é só uma parada (...) Contrariamente à lenda, os barcos não parecem ter sido queimados”*. O autor também identifica no próprio nome do país um sentido predatório de (auto) exploração: *“Que extraordinária herança do colonizador para o colono este significante nacional [‘Brasil’], que eu saiba o único que não designa nem uma longínqua origem étnica, nem um lugar, mas um produto de exploração, o primeiro e completamente esgotado.”*<sup>102</sup>

<sup>101</sup> Moreira Leite: 1983, p.161.

<sup>102</sup> Calligaris: 1996, pp.22-23.

Hef toca exatamente nesta questão na SD (19), onde concomitantemente apresenta não-correspondências de dois tipos: *você=eu* e, por duas vezes, *eu=outro*. A primeira aparece a partir do pronome “você”: “*você ouvi esta notícia*”, de que seria presidente de uma firma no Brasil. Uma identificação com aquele que se torna presidente de uma firma aqui instalada é revelada pela não correspondência *você* [que tem essa chance] = *eu*. Portanto há evidências de que “eu” *ouvi* essa notícia, “eu tive essa chance”. Ressoa “ouvi” com “eu”.

Na seqüência, já pronominalizada a primeira pessoa, o “você” (que é igual a “eu”) ressoa com “*eu faz meu império aqui!*”, evidenciando talvez o desejo inicial de Hef quando teve a chance de ser diretor de uma firma (“A”) no Brasil, sugerindo que se *você=eu*, então *eu=você*. Porém, como trabalhamos no nível das não-correspondências, percebemos indícios de uma identificação e, novamente, uma bipartição: em nenhum dos dois momentos a pessoa gramatical é mantida, revelando que, se há um desejo impulsionando a ação, há, em contrapartida, a impossibilidade do sujeito assumi-lo. Mas embora não totalmente revelado e assumido, o desejo de “fazer a América” não parece estar totalmente recalçado (Freud: 1987), pois, além de ser verbalizado (ao menos na “voz do outro”), revela-se na manifestação material de uma outra pessoa gramatical (se *outro=eu*, “a voz do outro é a minha voz, e assim me revelo”). Dessa perspectiva as não-correspondências poderiam ser vistas como “des-recalcantes”, mas isso já seria tema de outros trabalhos.

Dessa forma acreditamos que a reorganização interna está em processo, onde o desejo, num jogo imaginário de ocultação-revelação (Sercovich: 1977), configura o sujeito ora como “eu” ora como “outro”, exibindo assim uma tensão entre os elementos bipartites. Em seguida, uma nova não-correspondência do tipo *eu=outro* vem exhibir certa mobilização da posição enunciativa: *eu aprendeu* (“que se devem fazer as crueldades no começo da

guerra” ou, no caso, no início das fusões entre empresas, quando assume-se um cargo que permite “fazer um império aqui”).

Aquele “eu” que desejou fazer a América no Brasil, em seu jogo de ocultar-revelar esse desejo, percebeu, tempos depois, que as posições deveriam ter sido tomadas no início, antes que alguém viesse de “B”, da Alemanha, para dizer o que deve ser feito. As não-correspondências vêm exibir, novamente, uma mudança da posição interlocutiva ao longo do processo de inscrição em segunda língua-cultura.<sup>103</sup>

(20) *Coisas* que me *enervo* [...] enervam [no Brasil] é na administração, que por dentro da [firma], já principalmente em todo mundo tem [...] mas aqui é incrível! Onde, na Suíça ou em Alemanha, *eu precisa* uma ou duas... duas assinaturas, aqui você precisa sete, oito!

[Tüp, 1 ano e 3 meses no Brasil]

No primeiro caso temos *coisas=eu* e, no segundo, *eu=outro*. Mais uma vez Tüp apresenta bipartição enunciativa ao referir-se ao contexto de trabalho, neste caso, à burocracia da filial do Brasil. Novamente apresenta um “eu” e um “outro” coabitando um espaço discursivo. O ambiente de trabalho parece realmente dividir o sujeito em dois. Simultaneamente, as “coisas que me enervam” são apresentadas como sendo “eu”, como parte de mim: *coisas que me enervo no Brasil*. Junto a essa concomitância de não-correspondências há uma tentativa por parte de Tüp de se constituir ou se mostrar “sujeito” nessa/dessa formação (a da sua empresa no Brasil), afetando-a e talvez até modificando-a

<sup>103</sup> Vale observar que no enunciado de Hef, mantendo o fio narrativo, “A” era uma grande transnacional norte-americana, recém adquirida mundialmente pela empresa alemã da qual Hef é diretor (administrativo de

em sua prática discursiva (Leandro Ferreira: 2000, p.23)

(21) [Elas diziam] “[em] duas semanas, *sua... sua* marido vai ser roubado!”. “Duas semanas!”

[Hef, 1 ano no Brasil, comentando o que as alemãs que conhecem o Brasil diziam à sua esposa quando ela declarava que estava voltando para a Alemanha com as crianças]

Na SD (21) Hef, embora não apresentando não-correspondência entre pronome reto e verbo, mas entre gênero do pronome possessivo e pessoa a que se refere, vem expor uma preocupação das alemãs: “aqui o seu marido pode ser roubado em apenas duas semanas”, mostrando os perigos ou da beleza das brasileiras (de acordo com a seqüência (17) de Dok) ou dessa sociedade, ainda um pouco enigmática, onde as mulheres também tiram proveito do machismo (segundo a SD (2), também de Dok). Há de alguma maneira mais um risco além daquele do exílio de que nos falava Revuz: o risco, ou o desejo, de ser roubado pela outra “tribo”.

Em todo caso, independente de como interpretemos a imagem que se faz da “tribo”, há de qualquer maneira, nitidamente, uma imagem, ou melhor, um imaginário sobre as “mulheres dessa tribo” atuando materialmente na construção/atribuição dos sentidos. Por também através de um imaginário se dar a relação entre “eu” e o “outro”, vemos uma espécie de ressonância entre as não-correspondências e as relações imaginárias. Aquelas expõem a incidência do interdiscurso na cadeia, esta exhibe as imagens que se faz de si e do outro. *“O imaginário é, então, esse dizer já colocado interdiscursivamente, uma espécie de*

---

um setor técnico) de uma de suas filiais – no caso, a de Campinas, por sua vez centralizadora das operações latino-americanas tanto da empresa alemã de Hef quanto da por ela adquirida, “A”.

*'reservatório' de sentidos para o sujeito*” (Mariani: 1996, p.33).

Dessa perspectiva, podemos dizer que as não-correspondências vêm não só marcar a presença, ou no mínimo os efeitos, do interdiscurso na cadeia, como também sinalizar que as relações imaginárias, além de uma atuação material, contêm aquilo que tem mobilizado o sujeito em seu processo de inscrição, ou seja, contêm a matéria-prima de sua estratégias de aprendizagem: as imagens que faz de si e do outro.

## Capítulo VI

### Considerações relativas a práticas pedagógicas

Neste capítulo faremos um breve relato de conferência das questões relativas a imaginário - relações e formações imaginárias - e às não-correspondências entre as marcas de pessoa do pronome reto e do verbo. Apresentaremos, a seguir, relatos de experiências pedagógicas com atividades cujos conteúdos temáticos tratam da imagem do Brasil e dos brasileiros e cujos conteúdos gramaticais estão de acordo com a progressão prevista nos cursos dos enunciadore s aqui observados. Os itens são, portanto, relativos à produção da materialidade lingüística ao mesmo tempo que atravessados pelo repertório próprio do imaginário. Eis, mais uma vez, o campo do discurso.

As atividades, gravadas em áudio, foram realizadas com Tüp, quando já residia no Brasil há quase 2 anos e meio. O curso de Português chegou a ser abandonado nos 6 meses anteriores - sobretudo pela necessidade profissional de Tüp em frequentar aulas de Espanhol -, mas a prática discursiva não cessa. E nesse sentido observamos certos rearranjos - lingüísticos, discursivos, subjetivos - já estabilizados em sua enunciação. Há porém, ainda, certos momentos de perturbação no “eu” que enuncia em primeira pessoa - ora na fala espontânea, ora na leitura.

Primeiramente exporemos as atividades propostas e, seqüencialmente, as transcrições de parte dos enunciados de Tüp - somente aqueles que apresentam não-correspondência pessoal e os que definem uma imagem de Brasil. Também verificaremos os momentos em que Tüp se refere aos suíços e aos brasileiros ora pelo pronome de

primeira pessoa do plural (“nós”), ora pelo de terceira pessoa do plural (“vocês” ou “eles”), dado que esse fato merece atenção frente à imagem que o enunciador faz de seu próprio povo e/ou do povo-outro.

Há também, o que observaremos a seguir, um tratamento especial à imagem do Brasil enquanto possibilidade de ser, nas palavras de Tüp, “o melhor” ou “um dos melhores” países do mundo. Chama-nos atenção o fato dessa imagem ir totalmente contra a imagem feita pelo autor brasileiro de um dos textos trabalhados nas atividades.

### ***VI.a. Atividades sobre texto de Millôr Fernandes***

O primeiro texto a ser trabalhado é composto por fragmentos de *Que país é este?* (Fernandes: 1978), onde alguns problemas do Brasil, no período militar, são vistos com uma ironia ácida, porém não sujeita à censura, já que então começava o movimento de abertura e anistia política no país. Antes, porém, vejamos as atividades relativas ao texto.

**1. Introdução** (questões feitas pelo/a professor/a ao aluno antes da leitura do texto para “aquecimento” e/ou introdução ao tema):

- 1.a. Na sua opinião, qual é o segredo do futebol brasileiro?
- 1.b. Você acha que poderia haver um Watergate no Brasil?
- 1.c. Para você, qual é a palavra que melhor exemplifica a elite política brasileira?

**2. Leitura e comentários dos fragmentos de *Que país é este?* de Millôr Fernandes:** após a leitura de cada fragmento, o aluno deveria comentá-lo de acordo com uma das quatro operações argumentativas a seguir:

- *Justificar*: dar motivos, exemplos, que justifiquem a opinião do autor;
- *Contra-argumentar*: ir contra a opinião do autor, dando elementos que justifiquem a contra-argumentação;

- *Reafirmar*: concordar com o autor, dando mais argumentos que reforcem sua opinião; ou
- *Estabelecer relação*: evidenciar que a opinião ou o fato exposto pelo autor se relaciona com fatos outros, de outras realidades.

### **3. Questões sobre a imagem geral do texto de Millôr Fernandes:**

3.a. Em sua opinião, o texto de Millôr Fernandes é rico em: realidade, ironia, fantasia, sarcasmo, depressão, cinismo...?;

3.b. Por que você acha que ele escreve com esse tipo de humor sobre o Brasil? Você acha que ele não gosta do próprio país?

3.c. Você concorda com o que ele escreve ou você leva na brincadeira?

### **4. Questão opinativa sobre o(s) tema(s) abordado(s) pelo texto de Millôr Fernandes:**

4.a. Como você responderia à pergunta “que país é este?” depois de ler um texto assim?

### **5. Reproduzindo estruturas presentes no texto de Millôr Fernandes:**

5.a. “Todos os demônios não *descansariam* enquanto não *transformassem ...*” – Condicional + Imperfeito do Subjuntivo;

5.b. “Para controlar os telefones é preciso fazer com que eles *funcionem*” – Presente do Subjuntivo;

5.c. “Se o país *continuar...*” – Futuro do Subjuntivo.

5.d. “Se as punições do Corão *fossem* aplicadas..., *teríamos...*” – Imperfeito do Subjuntivo + Condicional.

### ***Fragments de texto de Millôr Fernandes***

a) *O sucesso do futebol [brasileiro] é que ele é igualzinho ao Brasil. Não tem lógica (...)* b) *Todos os demônios juraram que não descansariam enquanto não transformassem o Rio de Janeiro numa sucursal do inferno (...)* c) *No Brasil jamais haverá um Watergate. Para controlar os telefones é preciso, antes de tudo, fazer com que eles funcionem (...)* d) *Brasileiro só rouba em legítima defesa (...)* e) *Cataratas do Iguaçu – a mais maravilhosa queda do mundo (de água), 28% argentina, 21% paraguaia e 51% brasileira. Como acionista majoritário desse gigantesco caudal, o Brasil o vem utilizando largamente, sobretudo para lindas fotografias (...)* f) *Jóquei Clube Brasileiro – lugar onde o estrangeiro poderá conhecer os maiores cavalos do país, alguns dos quais na pista (...)* g) *Breve, em Ipanema, mais um lançamento: edifício com 800 andares, apartamentos todos de frente, com maravilhosa vista sobre Angola (...)* h) *Se o país continuar desse jeito vão acabar tendo que apelar para a competência (...)* i) *No Brasil, 70% da população morrem por falta de médicos. Os outros 30% morrem nas mãos de médicos (...)* j) *É quase impossível explicar para os estrangeiros as extraordinárias sutilezas de nossa nacionalidade (...)* k) *Responda depressa: se as punições do Corão fossem também aplicadas no Brasil, quantos manetas teríamos nas altas esferas? (...)* l) *Dividimo-nos orgulhosamente em 60% de analfabetos, 40% de ignorantes, e o resto de dirigentes (...)* m) *Os alemães criaram uma palavra para designar a sua elite intelectual: intelligentzia. Mas só há uma palavra para designar a nossa elite política: ignorantzia.*<sup>104</sup>

### ***Fragmentos de Tüp relativos às atividades sobre texto de Millôr Fernandes***

#### **1. Introdução:** Aqui, para Tüp, nós = *suiços*.

<sup>104</sup> Fragmentos de *Que país é este?* (1978) de Millôr Fernandes, escritor, tradutor, autor de peças teatrais, desenhista, chargista e jornalista brasileiro, do Rio de Janeiro, que encontrou no humor a maneira de

2. **Leitura e operações argumentativas:** h) *vocês = brasileiros*; i) *vocês = brasileiros*; j) *vocês = brasileiros*; l) *ele = brasileiro*.

3. **Questão 3.a - não-correspondência em fala espontânea:** *“Eu considero mais como piada. Ai, ele [Millôr], ele viu, fiz a piada, mas realmente não está “ah, posso viver com isso, isso... nada que... que me... [...] dói”, correto. Mas com inteligência, ignorância, aqui ó, o último, aqui ele coloca a faca dentro da... grrr... porque ele... mes..., eu acho, mesmo... se sinto mal com essa situação. Ou não concorda com esse situação.”*

4. **Questão 4.a:** *vocês = brasileiros*, e, sobre a imagem que Tüp faz do Brasil, tentando reponder à questão “que país é este?”: *“Mas, realmente, eu acho, bom, como já falei, não hoje mas (...) se esse país, este país, tinha ou teria... tivesse? (risos) tivesse a... formação, educaç..., formação, para o povo, seria o número um do mundo. E se... se tivesse um sistema política [...] menos corrupto, aí... [...] infraestrutura, é!”*

#### ***VI.b. Atividades a partir de texto de Sérgio Buarque de Holanda***

O segundo texto é um fragmento de *Raízes do Brasil*, obra de referência em Ciências Humanas, relativa aos aspectos históricos, sociais e culturais do país, desde a chegada dos primeiros colonizadores e invasores e de seu contato com os nativos, passando pelas grandes levas de escravos e imigrantes, suas formações fundadoras – dos países de origem -, bem como da sociedade que aqui se formou com o estabelecimento desses “outros”, isto é, dos que vieram de fora.

#### ***Fragmento de texto de Buarque de Holanda***

*“A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de*

---

expressar-se durante os anos de regime militar no Brasil (1964-1984).

*condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.”*<sup>105</sup>

#### **6. Leitura e verificação de vocabulário e estruturas.**

#### **7. Configurando um texto semelhante, em sua estrutura e temática:**

7.a. O que vocêalaria num texto semelhante que tivesse o seu país (no caso a Suíça) como tema? (Tente manter, assim como Buarque de Hollanda, a primeira pessoa e baseie-se em sua experiência pessoal).

7.b. Agora faça o mesmo, mas tendo o Brasil como tema.

#### **8. Questões opinativas**

8.a. O que você apontaria como sendo as principais marcas da colonização no Brasil?

8.b. Quais as primeiras coisas que você faria no Brasil se estivesse chegando aqui agora?

#### **9. Completando as estruturas em tom de hipótese, suposição, conjectura:**

9.a. *Podíamos... se...*

9.b. *Se pudéssemos..., ...*

9.c. *Mesmo que eu fosse um explorador,...*

---

<sup>105</sup> Fragmento de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Hollanda, historiador e sociólogo brasileiro, 1902-1982.

9.d. *Se eu estivesse aqui em 1.500,...*

9.e. *É provável que o país... se...*

9.f. *Se eu fosse um índio de Porto Seguro em 1500 e visse os portugueses chegando, eu...*

#### ***Fragmentos de Tüp relativos às atividades sobre texto de Buarque de Hollanda***

**7. Questão 7.a:** *nós = suíços; Questão 7.b:* *nós = brasileiros*<sup>106</sup>.

**8. Questão 8.a - imagem do Brasil:** *“Com falha da..., falta de educação, de formação, o Brasil não vai crescer bastante. Vai crescer sempre, lógico! Mas não para ser um dos primeiros três do mundo.”*

**9.e - Lapso de leitura envolvendo pronome pessoal:** *“Eu [é!] É provável que o país tornasse [...] tornasse louco se tivesse 3 vezes carnaval por ano.”*

**9.f - Lapso de leitura envolvendo pronome pessoal:** *“Se eu fosse um índio de Porto Seguro em mil quinhentos eu visse [...] e visse os portugueses chegando, eu... [...] fugiria...”*

#### ***VI.c. Algumas observações relativas à prática pedagógica***

Como pudemos observar nos enunciados de Tüp, há ainda algumas perturbações no que se refere à pessoa verbal. Em primeiro evidencia-se uma oscilação na atribuição da primeira (*nós*) e da terceira (*vocês*) pessoas do plural, ora ele enuncia “*nós*” para se referir aos suíços, ora ele enuncia “*nós*” para se referir aos brasileiros. Entretanto, a configuração mais observada foi de *vocês = brasileiros*. Essa observação contribui ao nosso estudo à medida em que evidencia que, ao menos para Tüp, tanto o lugar de si mesmo quanto de seu

<sup>106</sup> Fragmento completo: *“O que temos hoje foi feito por os europeus que vieram para cá, ou, pior ainda, que queriam influenciar de fora o Brasil.”*

povo e do brasileiro estão majoritariamente definidos: “nós, suíços, onde me incluo” ou “vocês, os brasileiros, os outros”.

Há, por outro lado, não-correspondência entre a pessoa pronominal e a verbal ao falar do outro (no caso, o brasileiro Millôr Fernandes), como podemos observar em 3.a, onde *ele=eu*: “*ele viu, fíz a piada (...) ele se sinto (...)*”. Essas não-correspondências podem estar evidenciando uma identificação imaginária entre Tüp e Millôr, ao menos no que se refere ao conteúdo tratado em seu enunciado – “ver/perceber algo errado no Brasil e fazer piada disso sem desprezar o problema, sendo que em alguns casos a situação do país faz com que nos sintamos mal a ponto de sermos muito críticos”.

Existem ainda marcas de que o “eu”, assim verbalizado, tenta se impôr em momentos onde não se esperaria. É o que ocorre nos lapsos de leitura, onde por dois momentos (9.e e 9.f) Tüp leu “eu” onde estava escrito “é”. Esse fato confere ao “eu”, enquanto aquele que se enuncia, obviamente em primeira pessoa, uma tentativa de se mostrar, de se evidenciar, assim como nas não-correspondências descritas acima. Portanto, nos dois casos - 3.a por um lado e 9.e e 9.f por outro - a primeira pessoa incide verticalmente na cadeia, revelando-se na própria materialidade. No primeiro caso é a conjugação verbal que, em dois momentos, mesmo a terceira pessoa estando manifestada nos pronomes, revela a primeira pessoa. No segundo caso, a primeira pessoa, na forma de pronome reto, “eu”, é evidenciada via lapso de leitura.

Freud (1987) declara sobre os lapsos de leitura que, em grande número dos casos, há uma predisposição do leitor em colocar no texto suas expectativas. “*A única contribuição que o próprio texto precisa fazer (...) é fornecer alguma semelhança na imagem da palavra*” (*op.c.*, p.108). Freud lembra-nos também que os lapsos de leitura são resultado da situação atual do leitor, além de ser, em outros momentos, uma correção àquilo

que no leitor cause repúdio ou, ainda, que pode se configurar como realização de desejo (*op.c.*, p.109). De qualquer maneira, Tüp, embora apresentando nesse momento poucas não-correspondências entre o pronome e o verbo em sua produção oral, comete lapso de leitura evidenciando exatamente o “eu”.

Destaca-se também a imagem que Tüp faz do Brasil. Quando ele fala das possibilidades do país, não o faz de maneira simplesmente a acreditar que o país possa ser melhor do que é, isto é, de ser um bom país, mas de ser “o melhor” ou, no mínimo, “um dos três melhores países do mundo”.

---

## Capítulo VII

### Considerações finais

O que se coloca em jogo nos processos de tomada de palavra e de posição em segunda língua-cultura, como em todo processo discursivo, é a imagem que se faz de si e do outro (nos termos de Pêcheux). É daí que provavelmente advêm as não-correspondências entre as marcas pessoais, do “eu” e do “outro”. Elas estariam relacionadas às representações imaginárias que, discursivamente, através de dadas formações discursivas ou ideológicas, se põem em movimento, se põem em constante construção e reconstrução no sujeito que ora enuncia numa língua-cultura outra. No cerne dessa questão, onde encontram-se a um só tempo os domínios da História, das Ciências da Linguagem, das Ciências Sociais e da Psicanálise, uma mola-mestra se destaca: a Ideologia. Se o sujeito aparece como organizador das imagens por ele feitas, o faz, provavelmente, através de uma ideologia.

Alfredo Bosi (1983) já havia destacado a questão ao comentar *O Caráter nacional brasileiro: História de uma Ideologia* de Moreira Leite: “aquela busca ansiosa e recorrente de auto-imagem que intelectuais brasileiros, e não só brasileiros, realizaram no afã de responder à interrogação ‘quem somos nós enquanto nacionalidade?’ não pode ser satisfeita nem pela Sociologia, nem pela Antropologia, nem pela Psicologia, mas só por um ‘saber’ sob suspeita, entre emotivo e dogmático, que se chama ideologia” (p. XX). Pêcheux (1995), por sua vez, vem nos lembrar de igual maneira que as posições enunciativas que dão sentido às palavras, expressões, proposições, etc. referem-se às formações ideológicas - daí sua busca constante à articulação teórica de *inconsciente e ideologia*.

É em Pêcheux precisamente que encontramos alguns elementos para compreender a articulação entre as não-correspondências das marcas de pessoa e as representações imaginárias: “*sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’ (...), há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio: ‘aquele que...’, isto é, X, o quidam que se achará aí; e isso sob diversas formas, impostas pelas ‘relações sociais jurídico-ideológicas’ (...). É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido.*” (1995: pp.159-160). Interessante, igualmente, é observar que em segunda língua-cultura o “erro”, “a falha”, as por nós denominadas não-correspondências, acabam por desmascarar o sentido exatamente em seu caráter material - o que não surpreende, uma vez que Pêcheux já havia assinalado que não há ritual sem falha. E, por nossa vez, acrescentamos: a falha vem exatamente marcar o ritual.

Observamos como as imagens estão presentes, contribuindo à construção de dada representação imaginária. Observamos, igualmente, as incidências verticais, interdiscursivas, quebrando a linearidade da cadeia lingüística e, sobretudo, exibindo, através dos deslocamentos de uma pessoa gramatical a outra, o próprio processo de identificação imaginária.

As não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal, que destacam-se nos enunciados de alunos de Português do Brasil cuja língua materna é o alemão, parecem vir marcar o processo de tomada de palavra e de posição, pois vem evidenciar, a um só tempo, que identificações e desidentificações estão rearranjando internamente o sujeito.

Ao longo do tempo em que ocorrem consideravelmente, as não-correspondências -

bem como vários outros lapsos, erros, faltas - podem revelar que tipo de reorganização interna está ocorrendo no sujeito a partir de seu encontro / confronto com os objetos imaginários de uma realidade exterior, concomitantemente à enunciação em uma segunda língua-cultura. É possível e proveitoso, nesse estágio do processo de inscrição, observar as imagens que o estrangeiro faz de si e do outro. Esta talvez seja uma grande revelação das identificações, do que em segunda língua-cultura se mobiliza internamente no sujeito e se liga externamente colado ao outro, à imagem que faz do outro.

Como os arranjos e as reorganizações não se dão apenas nas instâncias subjetivas mas ocorrem simultaneamente à configuração da materialidade lingüística, as não-correspondências começam a se minimizar ao longo do processo de aprendizagem. As não-correspondências não são eternas ou imutáveis, assim como não o são as imagens que se faz de dado objeto. É no momento em que *não-correspondências* começam a se transformar em *correspondências* que o aluno parece estar potencialmente mais consciente dos processos de sua subjetividade no que se refere ao seu encontro ou confronto com uma segunda língua-cultura. Pois se os “erros” revelam reorganizações internas, seus posteriores “acertos” devem revelar algo de arranjado.

As reorganizações internas parecem poder vir agora à consciência, e na própria língua que as provocou, pois a materialidade lingüística apresenta-se melhor tramada e potencializada para tal. A segunda língua parece, nesse ponto, já revelar maiores possibilidades de dominar, no sentido de conter, um *caráter material do sentido*. Já parece existir material lingüístico para ser trabalhado conscientemente pois as incidências interdiscursivas já não quebram com tanta freqüência a cadeia. Não percamos de vista, entretanto, que o próprio material lingüístico é de uma plasticidade e de uma flexibilidade que permitirá, sempre, a manifestação de atos falhos - até mesmo em primeira língua.

Quando as não-correspondências deixam de ocorrer, seja em momentos onde poderíamos esperá-las - por se tratarem de verbos que em enunciados de dado aluno costumam não-corresponder-se -, seja em função de um estágio já avançado de curso de Português e moradia no Brasil - seguramente de no mínimo 2 anos -, o encontro / confronto com aquilo que em termos imaginários seria o Brasil e os brasileiros, que se dá no sujeito e o constitui em segunda língua-cultura, parece já poder “fazer sentido” para esse mesmo sujeito. Se isso não significa que um confronto esteja descartado, ao menos parece este se configurar mais em um plano consciente, uma vez que a linearidade da cadeia já não é mais tão quebrada com não-correspondências relativas ao “eu” que enuncia em primeira pessoa.

Como o fenômeno que observamos situa-se no processo de ensino/aprendizagem de uma língua-cultura outra, cabe pensá-lo sobretudo como estratégia de aprendizagem – não necessariamente consciente - por parte do aluno, uma vez que faz com que suas identificações (imaginárias), suas bipartições, seus rearranjos e conseqüentes deslocamentos de posição enunciativa sejam exibidos. Consideramos aqui estratégias de aprendizagem a atitude de entregar-se ao outro, ao desconhecido, de desterritorializar-se, isto é, de lançar um braço adiante, de aumentar o território de suas raízes - seguindo as metáforas de Deleuze & Guattari.

Já Revuz fala-nos sobre o risco do exílio: *“O que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas”*<sup>107</sup>. Ao lançar-se ao desconhecido, conhece-se algo novo, inclusive em si mesmo. Assim, já não existe mais um ponto de vista único sobre as coisas. As coisas, aliás, já são outras, ocupam outras posições. *“Pela intermediação da língua estrangeira se esboça o deslocamento do*

---

<sup>107</sup> Revuz: 1988, p.230.

*real e da língua*<sup>108</sup>. Dessa maneira tendemos a considerar tais não-correspondências também como possíveis estratégias de aprendizagem.

Se falamos em deslocamento de posição enunciativa, falamos de seu conseqüente ou simultâneo deslocamento de posição subjetiva. O encontro/confronto com uma língua-cultura outra, estabelecendo uma teia de relações imaginárias entre o sujeito e os objetos aos quais se liga, não acontece sem que sejam deixadas marcas na materialidade da cadeia discursiva. É nesse ponto que Revuz (1998, p.226) vê toda a ambigüidade da maldição de Babel: *“Ao separar os homens de maneira radical, ela cria também o espaço para uma diferença legítima: aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro.”*

A possibilidade de que o fenômeno das não-correspondências observadas fossem motivadas por questões relativas às gramáticas pedagógicas não foi confirmada. Pois, mesmo havendo o reconhecimento das formas “corretas”, os enunciadores “falharam”, por diversos momentos, com relação aos aspectos formais.

Haveria, portanto, nas não-correspondências, uma revelação de que a tomada de palavra e de posição em língua segunda ou estrangeira mobiliza não só o “aparelho cognitivo” mas sobretudo a subjetividade atravessada pelo inconsciente e pela ideologia, e que se vê ora desterritorializada ora (re)territorializada das/nas formações discursivas com as quais se encontra e confronta. A identificação imaginária, por sua vez, mostrou-se como grande “combustível” nesse processo, pois, assim como a própria imagem que se faz de si ou do outro, ela também revela-oculta o descentramento do próprio sujeito e sua tomada de posição rumo ao, através de uma língua-cultura outra, exercício de tornar-se outro.

---

<sup>108</sup> *Idem ibidem.*

## Anexo

### *Comparação com o sistema da língua alemã*

Neste anexo mostramos como seria “enunciar corretamente” em alemão, de acordo com seu sistema, os pronomes e verbos que não-correspondem-se nos enunciados em Português L2 dos germânicos aqui observados. Lembremos primeiramente que em alemão a primeira pessoa do singular tem por pronome (nominativo) *ich*, a segunda (equivalente a *tu* ou a “você”) é *du* e a terceira é *er* (masculino), *sie* (feminino) e *es* (neutro). Porém, freqüentemente em alemão trata-se o interlocutor (empírico) por *Sie* (o/a senhor/a), cuja conjugação equivale à terceira pessoa do plural – a qual incluiremos neste momento, a título de verificação, isto é, com o objetivo de demonstrar que as não-correspondências observadas em Português L2 não são necessariamente decalcadas da relação entre língua materna e língua segunda.

Para referirmo-nos às seqüências discursivas apresentadas no Capítulo V, seguiremos sua própria numeração.

(1) *eu fez* = Ich habe gemacht / Du hast gemacht / Er hat gemacht / Sie haben gemacht [*haben=ter* é o verbo auxiliar];

*Eu nunca foi lá* = Ich bin nie gegangen / Du bist ... / Er ist ... / Sie sind ... [*sein=ser/estar* é o verbo auxiliar].

(2) *eu fez [esta pequena frase]* = Ich habe gesagt/gemacht / Du hast... / Er hat... / Sie haben ...;

*eu prefere* = Ich **würde**<sup>109</sup> lieber / Du würdest... / Er **würde** ... / Sie würden ... ou Ich ziehe es vor / Du ziehst... / Er zieht... / Sie ziehen...

(3) *eu conhece* = Ich kenne / Du kennst / Er kennt / Sie kennen.

(4) *eu foi [o chefe]* = Ich **war** / Du warst / Er **war** / Sie waren<sup>110</sup>.

(5) *eu foi [consciente]* = mir **war** / dir warst / ihm **war** / Ihnen waren [idem nota 107].

(6) *eu recebe* = Ich bekomme / Du bekommst / Er bekommt / Sie bekommen.

(7) *eu tem que [fazer]* = Ich **muss** / Du musst / Er **muss** / Sie müssen [*müssen=ter que* é um dos seis verbos modais do alemão, não havendo neles diferença entre as desinências de primeira e terceira pessoas do singular];

*Eu não tem [tempo]* = Ich habe nicht / Du hast... / Er hat... / Sie haben...

(8) *[eu] foi [fiquei] com olhos grandes* = Ich habe bekommen / ... [idem ao anterior].

*Eu foi [um pouco anestesiado]* = Ich **war** betäubt / ... [idem ao (4)];

*[eu] não quer [perceber]* = Ich **will** nicht / Du willst... / Er **will**... / Sie wollen... [verbo modal];

*[eu] virou [a cabeça]* = Ich habe gedreht / ... [idem ao (7) e ao (8)].

(9) *eu não foi [diretamente atingido]* = Ich **war** / ... [idem ao (8)];

*[eu] não foi [diretamente contactado]* = Ich **hatte**... / Du hattest... / Er **hatte**... / Sie hatten [*haben=ter* é verbo auxiliar, aqui no *Präteritum*, tempo equivalente ao Pretérito Imperfeito do Português]

<sup>109</sup> Quando duas pessoas forem conjugadas da mesma forma, isto é, quando tiverem uma desinência em comum, os verbos estarão em negrito, além de grifados.

<sup>110</sup> *Sein=ser/estar* é irregular, tendo uma performance diferenciada dos demais.

(10) *eu recebo [convites]* = Ich bekomme /... [idem ao (6)];

*eu já tira [fora]* = Ich verbanne / Du verbannst / Er verbannt / Sie verbannen.

(11) *[eu] não fez* = Ich habe nicht gemacht / ... [idem ao (1)].

(12) *[eu] vai [para a Suíça]* = Ich fliege / Du fliegst / er fliegt / Sie fliegen;

*[eu] volta [10 de janeiro]* = Ich komme zurückt / Du kommst... / Er kommt... / Sie kommen...

(13) *[eu] não fez [tudo]* = Ich habe nicht gemacht / ... [idem ao (11)];

*[eu] não terminou [a letra] e eu não terminou [a frase]* = Ich habe nicht fertig gemacht / ... ou Ich habe nicht beendet / ... [ambos idem ao (11)];

*[eu] fez correto* = Ich habe gemacht / ... [idem ao (11)].

(14) *[eu] começou* = Ich habe angefangen / ... [idem ao (13)];

*[eu] saiu [da escola de comércio]* = Ich bin gegangen / ... [idem ao (1)];

*[eu] entrei [em um empresa]* = Ich habe angefangen / ... [idem ao (13)].

(15) *[eu] preparou [a apresentação]* = Ich bereit vor / Du bereitest... / Er bereitet... / Sie bereiten...

(16) *ele gostei* = Es hat mir gefallen / ... dir... / ... ihm... / ... Ihnen... [em alemão a estrutura usada equivale a “isso me agradou”, onde o verbo é mantido na terceira pessoa do singular, apresentando diferença apenas no pronome oblíquo (em Português) ou no caso, dativo, do pronome (em alemão)].

(17) *ele [também] achei que* = Ich habe gedacht/gefunden / ... [idem ao (14)]..;

*ele [já] percebi [isso]* = Ich habe bemerkt / ... [idem ao (14)].

(18) *Ele gosto [festis]* = Ich mag / Du magst / Er mag / Sie mögen.

(19) *Você ouvi [este noticia]* = Ich habe gehört / ... [idem ao (17)];

*eu faz [meu império aqui]* = Ich mache / Du machst / Er macht / Sie machen;

*eu aprendeu* = Ich habe gelernt / ... [idem ao (17)].

(20) *coisas que me enervo* = mir nerfen / dir... / ihm... / Ihnen... [ver comentário em (16)];

*eu precisa [assinaturas]* = Ich brauche / Du brauchst / Er braucht / Sie brauchen.

(21) *sua marido* = deine Mann (“sua marido”) ou dein Mann (“seu marido”).

**Bibliografia**

- ARNAULD, A. & LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal. Gramática Geral e Razoada*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas - As não-coincidências do dizer*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1998.
- BACHELARD, G. *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a Imaginação do Movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BEACCO, J-C. "Cultures Grammaticales et Demande Métalinguistique" em *Études de Linguistique Appliquée* (n.92): outubro-dezembro, 1993.
- BOLOGNINI JR., N. *Desejo e discurso: o sujeito em travessia* [Tese de doutorado sob orientação de M.J. Coracini]. IEL-Unicamp: (em andamento).
- BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. "Formações sociais no Brasil" e "Política e sociedade" em *Sérgio Buarque de Holanda. História* (Org. Dias, M.O.). São Paulo: Ática, 1985.
- CALLIGARIS, C. *Hello Brasil! Notas de um Psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta, 1996.
- CARVALHO, G.M. M. DE *Erro de Pessoa: Levantamento de Questões sobre o Equívoco em Aquisição da Linguagem*. (Tese de doutorado sob orientação de Claudia Lemos). IEL-Unicamp: junho.1995.
- CASTRO, V. & DOI, E. T. "O Erro como um Ponto de Reflexão sobre o Processo de Leitura em Língua Estrangeira" em *Trabalhos em Linguística Aplicada* (n.25). Universidade Estadual de Campinas: Janeiro-Junho.1995.
- CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COLLIER, M.J. "Cultural identity and intercultural communication" em *Approaches: Understanding Intercultural Communication*. Oregon State University: 1990.
- CORACINI, M. J. "A aula de leitura: um jogo de ilusões?" em *O Jogo discursivo na Aula de Leitura*. Campinas-SP: Pontes, 1995.
- CORACINI, M. J. "A escamoteação da heterogeneidade nos discursos da Linguística Aplicada e da sala de aula" em *LETRAS*. (n.14). Universidade de Santa Maria-RS: jan-jun.1997.

- CORRÊA, M. “Linguística, Linguística Aplicada e Análise do Discurso em um estudo na fronteira com a História e as Ciências Sociais” em *Anais do III Simpósio em Filosofia e Ciência-Educação* (no prelo). Marília-SP: Unesp, 1999.
- COSTE, D. “Leitura e competência comunicativa” em *O Texto - Leitura e Escrita* (Org. Charlotte Galvez). Campinas-SP: Pontes, 1988.
- COSTE, D.; MOORE, D.; ZARATE, G. “Compétence plurilingue et pluriculturelle” em *Le Français dans le Monde* (numéro spécial: “apprentissage et usage des langues dans le cadre européen”. Éditions du Conseil de l’Europe: julho, 1998.
- CUNHA, C. *Nova Gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia* (Vol.1). Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- DUBOIS, J. *et alli Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- DUCROT, O. & TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva: 1988.
- DURAND, G. *Les Structures anthropologiques de l’Imaginaire*. Paris: Bordas, 1969.
- EAGLETON, T. “O que é ideologia?” em *Ideologia. Uma Introdução*.
- FERNANDES, M. *Que país é este?* São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- FIGUEIRA, R.A. “Algumas considerações sobre o erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem pela criança normal” em *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: CEAAL-PUCRS, 1991.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- FRANCHI, C. “Criatividade e gramática” em *Trabalhos em Linguística Aplicada* (n.9). Universidade Estadual de Campinas: 1987.
- FREUD, S. *Sobre a Psicopatologia da Vida cotidiana* (Obras Psicológicas de Sigmund Freud: edição standart brasileira). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. *O Mal-estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- FREUD, S. “Escritores criativos e devaneios” em *Edição ‘standart’ brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.IX). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, S. “As sutilezas de um ato falho” em *Versão eletrônica das obras completas de Sigmund Freud*.
- GALISSON, R. & COSTE, D. (DIR.) *Dictionnaire de Didactique des Langues*. Hachett: 1976.
- GÖTZ, D. ET ALII *Deutsch als Fremdsprache*. Berlin u. München: Langenscheidt KG, 1993.
- HENRY, P. “Os fundamentos teóricos da ‘Análise do Discurso’ de Michel Pêcheux (1969)” em *Por uma Análise automática do Discurso* (Orgs. Gadet, F. & Hak, T.) Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- HOFFMANN, A. *Perfil da Alemanha*. Frankfurt a.M.: Societäts-Verlag, 1992.
- ILARI, R. “Considerações céticas de um lingüista sobre o ensino de português como segunda língua” em *Actas do Seminário Internacional “Português como Língua Estrangeira”*. Direcção dos Serviços de Educação, Fundação Macau e Instituto Português do Oriente – Macau: maio de 1991.
- JENKINS, E.-M. ET ALII *Zeitworte*. München: Goethe-Institut, 1992.
- KANT, I. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992 [Traduzido por Guido Antônio de Almeida do original alemão *Immanuel Kants Logik, ein Handbuch zu Vorlesungen*, texto estabelecido por Gottlob Benjamin Jäsche, 1800].
- KRISTEVA, J. *Étrangers à nous mêmes*. Paris: Gallimard, 1991.
- LACAN, J. *O Seminário - livro 1 - Os Escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- LACAN, J. *O Seminário - livro 2 - O eu na teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LAHUD, M. “Alguns mistérios da lingüística” em *Almanaque* (n.5). São Paulo: Brasiliense, 1977.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LARGE, D. “America in the Conciousness of the germans” em *Interkulturelle Erziehung* (org. Krampikowski, F). Pädagogischer Verlag Göppingen, 1990.

- LEANDRO FERREIRA, M.C. *Da Ambigüidade ao Equívoco. A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000.
- LEITE, D.M. *O Caráter nacional brasileiro. História de uma Ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LEITE, N.V. *Psicanálise e Análise do Discurso. O Acontecimento na Estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
- LENNON, P. "Error: Some Problems of Definition, Identification, and Distinction" em *Applied Linguistics* (n.12-2). Oxford University Press: June.1991.
- LYSTER, R. "Recasts, repetition, and ambiguity in L2 classroom discourse" em *Studies in Second Language Acquisition*. Cambridge University Press: March.1998.
- LYSTER, R. & RANTA, L. "Corrective feedback and learner uptake - negotiation of form in communicative classrooms" em *Studies in Second language Acquisition* (n.19). Cambridge University Press: march.1997.
- MARIANI, B.S.C. *O Comunismo Imaginário – práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. (Tese de doutorado sob orientação de E.Orlandi). Campinas-SP: IEL – Unicamp, 1996.
- MCLAUGHLIN, B. "Interlanguage theory" em *Theories of Second-Language Learning*. London: Hodder & Stoughton, 1987.
- MELMAN, C. *Imigrantes. Incidências subjetivas das Mudanças de Língua e País*. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILNER, J.-C. *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
- MONACO, P. "Stereotypes os germans in American Culture: observations from an interdisciplinary perspective" in *Interkulturelle Erziehung* (org. Krampikowski, F). Pädagogischer Verlag Göppingen, 1990.
- NASIO, J.D. *Lições sobre os 7 Conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Ed.Moraes, 1985.
- ORLANDI, E. *Terra à Vista*. São Paulo: Ed.Cortez, 1990.
- ORLANDI, E. "Dispositivos da Interpretação" em *Interpretação*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas-SP: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, M. “Análise automática do discurso (AAD-69)” e “Análise do discurso: três épocas (1983) em *Por uma Análise automática do Discurso* (Orgs. Gadet, F. & Hak, T.) Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)” em *Por uma Análise automática do Discurso* (Orgs. Gadet, F. & Hak, T.). Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- PELLY, M.E. *Notas para una Explicación de la Persona gramatical*. La Habana: Instituto de Literatura e Lingüística da Academia de Ciências de Cuba, 1986.
- PENDANX, M. “L’Apprentissage du français en catalogne. Grammaire pédagogique et grammaire d’enseignement” em *Le Français dans le Monde*. Edicef: fév.-mar. 1989.
- PEREIRA DE CASTRO, F. “A interpretação: a fala do outro e a heterogeneidade da fala da criança” em *LETRAS* (Orgs. Sherer, A.E. & Coracini, M.J.). Universidade de Santa Maria-RS: agosto.1997.
- PITTA, D. & AUGRAS, M. “Imaginário” em *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar Gramática na Escola*. Campinas-SP: ALB; Mercado de Letras, 1996.
- PRASSE, J. “O desejo das línguas estrangeiras” em *Revista Internacional* (Ano 1, n.1). (Paris, Nova York, Buenos Aires), Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud, junho.1997.
- REVUZ, C. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio” em *Lingua(gem) e Identidade*. (Org. Signorini, I.). Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- SERCOVICH, A. *El Discurso, el Psiquismo y el Registro Imaginário (Ensayos Semióticos)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1977.
- RICOEUR, P. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.
- RIOLFI, C. *O Discurso que sustenta a Prática pedagógica*. (Tese de doutorado sob orientação de Leite, N.) IEL - Unicamp: 1999.

- SCHNELL, F. “Discurso e malentendidos ‘interculturais’ em português e alemão no âmbito empresarial” em *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (n.29). Universidade Estadual de Campinas: janeiro-junho.1997.
- SERRANI-INFANTE, S. “Por una política plurilingüista y una perspectiva pragmático-discursiva en la pedagogía de lenguas” em *Política lingüística na América Latina* (Org. Orlandi, E.). Campinas-SP: Ed.Pontes, 1988.
- SERRANI-INFANTE, S. *A Paráfrase como Ressonância Interdiscursiva na Construção do Imaginário de Língua*. (Tese de doutorado sob orientação de Eni Orlandi). IEL - Unicamp: 1991.
- SERRANI-INFANTE, S. “Uma análise pré-pedagógica de textos baseada na concepção discursiva da linguagem” em *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (n.2). Universidade Estadual de Campinas: novembro.1993.
- SERRANI-INFANTE, S. *A Linguagem na Pesquisa sociocultural. Um Estudo da Repetição na Discursividade*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1993.
- SERRANI-INFANTE, S. “Análise de ressonâncias discursivas em microcenas para estudo da identidade lingüístico-cultural” em *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (n.24). Universidade Estadual de Campinas: julho-dezembro.1994.
- SERRANI-INFANTE, S. “O estudo das não-coincidências do dizer de Jacqueline Authier-Revuz e a perspectiva transdisciplinar em Lingüística Aplicada” em *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (n.28). Universidade Estadual de Campinas: dezembro.1996.
- SERRANI-INFANTE, S. “Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas” em *Delta - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* (Vol.13, n.1). Programa de Apoio a Publicações Científicas: MCT, CNPq, Finep, 1997.
- SERRANI-INFANTE, S. “Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso” em *Língua(gem) e Identidade*. (Org. Signorini, I.). Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998 (a).
- SERRANI-INFANTE, S. “Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDÁ” em *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade. Questões e Perspectivas* (Orgs. Signorini, I. & Cavalcanti, M.). Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998 (b).
- SERRANI-INFANTE, S. “Singularidade discursiva na enunciação em segundas línguas” a sair em *Cadernos de Estudos Lingüísticos*: Campinas, 2000.
- SERRANI-INFANTE, S. “Ressonâncias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura” a sair em *Delta - Revista de Documentação de Estudos em*

*Linguística Teórica e Aplicada*. Programa de Apoio a Publicações Científicas: MCT, CNPq, Finep, 2001.

SLOBIN, D. (edit.) *The Child Psychology Series*. New York: Academic Press, 1971.

STIRMAN-LANGLOIS, M. “Discours écrit des apprenants et pédagogie de la faute” em *Le Français dans le Monde*. Edicef: juillet. 1995.

STOCKMAN, I. & PLUUT, E. “Segment composition as a factor in the syllabification errors of second-language speakers” em *Language Learning* (n.49-1). University of Michigan: 1999.

ZWEIG, S. *Brasil. País do Futuro*. [1ª edição] Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1941.

*Quem teve a sorte de conhecer uma parte apenas da inesquecível  
superabundância do Brasil, já viu beleza suficiente para o resto da vida.*

Stefan Zweig - 1941, um ano antes de cometer suicídio